

PEDRO
CHAGAS FREITAS

Foste a maneira mais bonita de errar

A história emocionante de uma mulher
que nunca desiste de ser quem é. E de amar.

Romance



OFICINA
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PEDRO
CHAGAS FREITAS

Foste a maneira mais bonita de errar

A história emocionante de uma mulher
que nunca desiste de ser quem é. E de amar.

Romance



OFICINA
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PEDRO
CHAGAS FREITAS

Foste a maneira mais bonita de errar

A história emocionante de uma mulher
que nunca desiste de ser quem é. E de amar.

Romance



Ficha Técnica

Título original: Foste a maneira mais bonita de errar

Autor: Pedro Chagas Freitas

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da capa: © Julie de Waroquier

Revisão: Paula Caetano

Fotografia: © Gonçalo Delgado

ISBN: 9789896609993

Oficina do Livro

uma chancela LeYa, S.A.

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2021, Pedro Chagas Freitas

e Oficina do Livro

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

Índice

Capa

Ficha Técnica

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.

- 29.
- 30.
- 31.
- 32.
- 33.
- 34.
- 35.
- 36.
- 37.
- 38.
- 39.
- 40.
- 41.
- 42.
- 43.
- 44.
- 45.
- 46.
- 47.
- 48.
- 49.
- 50.
- 51.
- 52.
- 53.
- 54.
- 55.
- 56.
- 57.
- 58.
- 59.
- 60.

- 61.
- 62.
- 63.
- 64.
- 65.
- 66.
- 67.
- 68.
- 69.
- 70.
- 71.
- 72.
- 73.
- 74.
- 75.

Pedro Chagas Freitas

Foste a maneira mais bonita de errar

A emocionante história de uma mulher que nunca desiste de ser
quem é.

E de amar.

Romance

Com a Bárbara.
Com o Benjamim.
Porque tudo.

Não tenho data de nascimento. Os meus pais não sabem o dia em que eu nasci. Não era importante. Foi no Inverno, lembram-se de que estava frio. Nunca fui importante. Passo despercebida em todo o lado. Não me lembro de alguém dizer aos meus pais que a filha deles é linda. Não sou. Na escola ninguém me vê. Em casa trabalho. O que vejo no espelho é o final de uma menina desinteressante e o começo de uma mulher sem interesse nenhum. Leio para fugir daqui. Escrevo para imaginar quem queria ser. Fecho-me no quarto para viver. Não entendo os adultos, e estou tão perto de ser um deles. Os da minha idade são inconsequentes. Penso de mais no futuro. Gostava de ser vista. Não tenho amigos. Não faço de conta. Só quero quem me faça mais feliz do que sou só comigo. Dizem que sou estranha. Chama-se estranho ao que é verdadeiro. Cansa. É mais fácil ceder. E se for a solidão a fazer a força?

A minha mãe: raios partam a rapariga que está sempre carrancuda.

Eu: desculpe, mãe.

O meu pai: come e cala-te, e rápido, para ires tratar da loiça.

Eu: sim, meu pai.

A minha mãe: só de olhar para ela parece que o mundo vai acabar.

O meu pai: se fosse um rapaz não era nada disto, nem para me dar um filho serviste.

Eu: com licença.

Tenho orgulho nos meus pais. Trabalham para me manterem viva. Queriam um bocado do sol e apareci eu. A minha mãe fez de tudo para ter mais um filho. Tenho pena. Não sei o que é o amor mas pelo que vejo é uma prisão. Nada me apaixona. Minto. Quero ser eu. As minhas amigas querem ser princesas. Nada contra mas parece-me curto. Já li muitos livros e em nenhum deles a princesa é mais do que a felicidade dos outros. Não espero que um príncipe me faça rainha. Não sou uma aluna brilhante. Pouca aprendizagem é útil. Sou mediana em tudo. As palavras das pessoas cansam-me. Sonho para dentro. Quando estou sozinha não costumo ser infeliz. Lavo a loiça como quem escreve um poema. Não ouço as palavras altas do meu pai, a submissão velada da minha mãe. Estou comigo para encontrar as palavras que me justifiquem. Lavo devagar cada prato, cada talher, para que a experiência dure mais tempo.

A minha mãe: não tens de estudar?

Eu: já vou, mãe.

A minha mãe: já vi que vais querer ser burra a vida toda.

Amo a minha mãe. Gostava de ter a força dela antes de chegar a cobardia. Só o amor a faz parar. Não quero o amor se me fizer parar. Sem o meu pai seria capaz de tudo e assim só é capaz do que ele quiser. Acontece que amar às vezes apaga. Acabou a loiça. Voltei para os livros. Um minuto de Matemática, dois de Biologia, algumas horas de poesia. Só me serve o inútil. Na sala de aula fecham-se as persianas para não distrair os alunos. Aprenderia muito mais se fechassem o resto e deixassem as janelas abertas. Uma hora a ver o mundo acontecer. Amanhã tenho

teste de Inglês. Só quero passar de ano. Fazer o obrigatório. Não entendo o dinheiro mas vou precisar dele para não ter de pensar nele. As coisas servem-me para não ocuparem espaço na minha cabeça. A falta consome.

O meu pai: tens dois minutos para estar no carro. Depois arranco e vais a pé.

Eu: já vou, meu pai.

A minha mãe: despacha-te, e vê lá se não fazes porcaria no teste, como de costume.

Eu: sim, mãe. Até logo.

O meu pai suporta-me. Vamos em silêncio a viagem toda. Quando se despede não se despede. No máximo sorri. Quando o meu pai me sorri quase acredito no amor. Estou perdida. O teste já foi. Enganei-me na hora. Apontei o horário no meio de uma folha e depois escrevi lá um poema. Pelo menos não perdi uma hora com perguntas ocas.

Ele: não te preocupes.

Eu: com o quê?

Ele: com o teste. Vais fazê-lo agora sozinha.

Eu: como? Nem sequer consegui falar com a professora.

Ele: eu falei. Disse-lhe que te tinha visto pelo caminho num acidente de carro.

Eu:

Ele: contei que estavas com sangue a escorrer da testa, sentada na estrada, encostada à roda do carro. Pus a tua turma toda a chorar. Bando de burros.

Eu:

Ele: escusas de agradecer.

Eu: se estás à espera de algum tipo de pagamento esquece. Não sou dessas. Vou já dizer à professora que é tudo mentira e acabou-se a história.

Ele: descansa. Não gosto de mulheres.

Julgo que sorri. Pelo menos senti-me a sorrir. Uma sensação forte. Então é isto o que é ter um amigo.

Ele: anda, vamos ler.

Há quem saiba muito de mim. Tenho medo. Sentamo-nos, escondidos, atrás do pavilhão dois e mostramos o que temos de melhor para mostrar. Ele um calhamaço de um autor russo de que nunca ouvi falar, eu um livro pequeníssimo de poesia obscura.

Ele: lê o que cabe no meio dos manuais, já vi.

Eu: medes os livros ao quilo, já vi.

Não sei como se chama. Não queremos palavras que nos separem. Acordamos em não termos nome um para o outro. Um pacto que poderia vir num livro.

Ele: foi bom mas agora vai lá rápido. A professora espera-te.

Eu: pois é. Vou.

Ele:

Eu: ah, obrigada.

Ele: não penses que não vou cobrar.

Eu: eu sabia.

Ele: eu sei que sabias. E por isso gostaste mais ainda.

Estar à vista magoa. A sociedade fere para entrar em nós. Temos de ser previsíveis para não sermos estranhos. Ele despreza o intocável. Estamos fechados numa sala de aulas vazia a fazer o proibido. Lemos as páginas que nunca esquecemos dos livros que nunca esqueceremos. As mãos dele excitam-me no meio das folhas. Sou apaixonada por quem pensa, pela coragem de olhar. Pelo corredor, lá fora, adolescentes como nós jogam ao faz-de-conta que isto vale a pena. A felicidade é ocupada por especialistas em fuga. A hipocrisia salva. Deveria ensinar-se a nada saber. O que dói é a consciência. Crescer é ir para fora da inconsequência, ficar refém da possibilidade. Os lábios dele no meio do poema. Nada poderemos ser mais do que amigos. A liberdade é ficar junto ao que não pode ser mais do que aquilo que é.

Ele: o que aprecio nos livros é o que não vem neles.

Eu: o que só nós é que lemos.

Ele: o que aprecio na vida é o que não vem nela.

Eu: o que só nós é que sentimos.

Ele: aprecio-te.

Eu: eu nem por isso. Mas prefiro ser quem não gosto do que ser quem não sou.

Decidimos ler a dois. Mesmo a dois. Um livro no meio de nós. Eu e ele a lê-lo ao mesmo tempo, na mesma página. Pouco interessa qual é; interessa com quem é. Tenho um amigo. Descobri quem gosta de mim. Poucos têm mesmo esta sorte. Somos sorte, sobretudo sorte. Andamos no meio de um caminho e por vezes encontramos o que queríamos encontrar. Não há uma relação directa entre o que procuramos e o que encontramos. Preferimos acreditar que sim, ter essa esperança. Precisamos de ter esperança em poder. Nada podemos. Por mim estou bem assim. Não faço questão de decidir. Decidir enfastia-me. O interessante é o improvável, o que ninguém acredita que vai acontecer e que nem assim deixa de acontecer. Eu e este menino rico a lermos um livro juntos numa sala de aula vazia. É um génio. Noto pela forma como explica o que lê, como explica o que é. Noto mais pela forma como está calado. Os burros têm horror ao silêncio. Ocupam-no. Colonizam-no. Escapam-se dele. Sabem que é lá que está o vazio. As palavras também servem para mascarar. Tocou a campainha. A toda a hora há campainhas a soar. Somos escravos do que vem depois. O olhar dele no meio do poema. Temos aulas para assistir. Logo agora que estávamos a aprender tanto sem elas.

Eu: foi bom.

Ele: foi curto.

Eu: quem inventou o mundo pensava que tínhamos todo o tempo do mundo. Parece é que é o mundo que tem todo o tempo das pessoas.

Ele: quero desenvolver isso.

Eu:

Ele: em tua casa ou na minha?

Falar ou é para trazer o que interessa ou é uma perda de tempo. As palavras não são para gastar; são para investir. Cada uma tem o seu valor. Há um potencial

infinito em cada frase. Decidimos que será em minha casa. Vamos fugir da escola. Vai ser o primeiro a entrar no meu quarto. Amanhã. Gostava que fosse o último. Não quero muitos a saber quem sou. Não entendo a euforia da quantidade. Todos querem mais. Amigos, dinheiro, coisas. Dava tudo para não precisar de nada. A abundância desumaniza. Quem tudo tem nada quer. Nada precisa de ser. Quando olho para a frente o que me motiva é o que não tenho. A certeza de que poderei tocar o que nunca toquei, ou sentir o que nunca senti. O milionário é o que tem milhões de coisas que não tem. O beijo na cara dele. A mão dele a tocar-me sem querer nas costas. Poucas coisas quero mais do que aquilo que acontece sem querer.

Ele: já sinto a tua falta.

Eu:

Ele: eu sei que sim.

Eu:

Ele: desperdiça uma palavra comigo, vá.

Eu: vai.

Ele: obrigado.

Ri-se por tudo e por nada. Rir é como amar. Não sei se consigo rir-me de quem não amo. O que me faz rir apaixonou-me. As costas dele no meio do corredor. A escola deserta cheia de adolescentes a correrem. Quero passar a vida toda a ver uma nuvem à volta de alguém. Estou a ficar com esperança. Não sei se me aguento assim. Não quero acreditar. Acreditar é uma droga. Nunca acreditei que um dia algo me fizesse acreditar. Nada é mais confortável do que nada esperar. O fundo do poço traz um prazer único. De lá só se sai para cima. Fecho os olhos a caminho da minha sala. Aperta muito não o ter. Está no que vejo quando não estou a ver. Não gosta de mulheres e apenas isso me salva de me perder. Talvez o queira assim porque é impossível. Outra vez o conforto. Entrego-me ao que não me quer.

A professora: está atrasada, menina Bárbara.

Eu: desculpe, senhora professora.

A professora: que seja a última vez.

Eu: será, senhora professora. Será.

Tenho uma hora para me lembrar de ti. Eu sabia que um dia encontraria uma utilidade para o tempo de aulas.

As aparências são tudo o que vemos. Queremos estar a salvo do que somos. O meu pai soube de nós. Eu e ele no meu quarto a amar livros. O ódio cega do óbvio. As mãos do meu pai na cara dele. Ele a defender-me. A colocar-se entre as mãos do meu pai e eu com um livro nas mãos. A utilidade de um livro grosso é também esta. Uma vizinha telefonou-lhe, disse-lhe que a filha levava homens para casa. A máquina está ao serviço do ódio. É muito fácil levá-la a matar mas não a amar. Tenho dificuldade em entender o mal. Tenho mais dificuldade em entender o bem. É complicado ser boa pessoa no meio do lodo. Se não fosse real seria cómico. O meu pai a agredir o meu amigo. Apetece-me chorar e rir disto tudo. Que ridículo é ser humano. Nada nos recomenda. Somos animais a brincar aos sentimentos.

O meu pai: desanda daqui e deixa a minha filha em paz.

Ele: a paz é para os fracos.

Eu:

Ele: deixe-a ser gente.

O meu pai:

Ele: não queira fazer dela um projecto seu.

É impossível não amar a filosofia de campo de batalha. Quanta grandeza é necessária para reflectir com profundidade entre uma bala e outra? A força do meu pai é do tamanho da sua estupidez. Só eu sei o que custa chamar estúpido a quem amo. O amor faz-nos avançar e parar. Depende de quem és quando te encontras com ele. Ele estendido no chão depois de um murro do meu pai. Não sei se é sangue mas é pelo menos dor. Está agarrado à cara, aos olhos. A raiva feliz do meu pai enquanto se aproxima de mim sem ninguém pelo meio. Quem somos sem os outros a verem?

O meu pai: vais aprender a respeitar-nos.

Eu: o que fiz eu, meu pai?

O meu pai: quem pensas que és para andares por aí a sujar o nosso nome desta maneira? Onde é que já se viu trazer homens para casa às escondidas?

Eu:

O meu pai: onde? Quem pensas que és?

Eu:

O meu pai: mas vais aprender. Vais aprender a respeitar quem dá tudo por ti. Nem que seja a última coisa que faça na vida.

A dor não é na pele ou no osso. A dor é antes de tudo. Antes de nós. Antes de chegar a nós. Não me dói a mão forte, grande, do meu pai. Não me dói o sangue que já vejo a saltar de mim. Dói-me a incapacidade. Dói-me o momento em que me junto ao corpo. Ainda acredito. Olho para ele, no chão, a querer levantar-se. Ainda acredito. Alguém me defende contra a dor. O amor é a luta infinita contra a dor, a luta que se sabe perdida e que ainda assim se luta. Desistir é não amar. Tenho um amigo. Levanta-se, cambaleia, chega até nós. Agarra como pode o animal que me agride. Pelo pescoço, pela cintura. É repellido. Cai. Tenho um amigo. Sou querida. Sou protegida. A dor acalma quando alguém tenta proteger-

me dela. A dor acalma quando o olho, com mais dor do que eu, a tentar salvar-me da minha. O que é mais humano: amar ou matar? O ódio nasce do que ficamos por ser. Do que negamos ser. Somos mais o que não nos deixaram ser do que aquilo que somos.

O meu pai: não quero ver mais este gajo aqui em casa.

Eu: sim, meu pai.

O meu pai: hoje ficamos por aqui mas para a próxima vai ser pior, garanto-te.

Eu:

O meu pai: pior para ti e para ele. Se não tiveres vergonha por ti vê se ao menos o fazes por ele.

Eu: sim, meu pai.

A submissão é o ódio ao contrário, um medo travestido. As mãos brutas do meu pai a agarrá-lo pelos colarinhos, a levantá-lo do chão. Olhos nos olhos.

O meu pai: se te vir mais uma vez por aqui mato-te, ouviste bem?

Ele:

O meu pai: se te vir mais alguma vez com a minha filha acabo contigo, menino rico. Pensas que lá por teres tudo podes fazer tudo?

Ele: desculpa-me, Bárbara.

O meu pai:

Ele: perdoa-me não ter conseguido proteger-te mais.

O meu pai:

Ele a cuspir na cara do meu pai. A coragem é amor activo, amor vivo. O amor é a única estupidez saudável. Não quero olhar mais, só ouço. Ele a ser atirado pela porta, o corpo dele a cair na rua. Desculpa-me. Disse o meu nome. Quebrou o pacto. Há tantas formas de amar. Tenho um amigo. A sorte é que há mais formas de amar do que de magoar.

«Faço com a saudade o que faço ao poema: amo-o.»

A frase dele à saída da minha sala, na parede. Os idiotas dos meus colegas a passarem sem ver. Ver é tão raro. Andamos aqui à procura de sermos vistos, desesperados. Esquecemo-nos do outro lado. Tenho a dimensão do que sinto. Também o amo. Daria a vida por ele. Dou a minha vida por ele, é por ele que prossigo. Tenho uma lágrima a mostrar como o quero. Tenho um amigo. O meu pai separou-nos os corpos e juntou-nos para sempre. A dor une o que é de unir. Espero que o corredor fique deserto e vou responder.

«Não tenhas saudade do que é teu.»

Olho à volta. Ninguém. Sei que daqui a pouco ele vem. No final desta aula ele vem. Cruzámo-nos no intervalo. Nem nos olhámos. Vemo-nos sem precisarmos de nos olhar. Passámos a fase da aparência. No começo somos o que parecemos, depois parecemos o que somos. Quase ninguém chega a essa segunda fase. Custa muito. Dá trabalho. Exige sacrifício. Poucos entendem o motivo do sacrifício. É por isso que é um sacrifício. Por ele sacrifico-me. Por mim sacrifica-se. No final de tudo não é sacrifício algum. Temos medo do que dá trabalho. A mudança é estar apaixonado pelo vazio.

«A única violência que me pararia seria a tua ausência de mim.»

À entrada do ginásio, para não dar nas vistas. Em breve as nossas palavras serão apagadas das paredes. Temos de ser rápidos. Passei horas a pesquisar as paredes, centímetro a centímetro. Sabia que estavas ali, em qualquer lado. Sabemo-nos sem nos ver. A dimensão das letras diminui. Queremos passar despercebidos, conversar como se estivéssemos no meio de uma repressão. A liberdade não existe. O que há é prisões legais, escondidas atrás de títulos, de horários, de cargos, de méritos mais ou menos comprados. Nenhum humano é livre através do corpo. A liberdade acontece sem músculos, nos preliminares da matéria. Quantos foram livres antes de verem que não podiam sê-lo?

«Por ti correria o risco de tentar a loucura, porque sem ti ficaria louca.»

Já o imagino, no final das aulas de hoje, à procura de mim pelas paredes. Escrevi a letra mais pequena que consigo escrever. Quero que valha a pena. Quero que permaneça. A preguiça mata muito do que vale a pena, não mata? Não sei se consigo contar a minha história. Não sei se consigo ter uma história. Caminho devagar pelo meio do fogo. Chamam-lhe vida.

«Pode ser em tua casa ou na minha, desde que seja em nós.»

Para os patetas dos meus colegas esta é uma frase sexual. Básicos. Alguns até estão a tirar fotografias à parede e a enviar para as namoradas. Tenho pena e inveja dos burros. Também fizeste em grande, a vermelho, a ocupar o vidro da entrada principal da escola. Sabias que isso me faria estar aqui, a rir-me como estou, a ver a facilidade do desejo. As palavras são o que o mundo é. Quando bem usadas dão prazer. A directora a chegar a correr com um pintor arranjado à pressa. Se não desse nas vistas estaria a rir-me à gargalhada de tudo isto. O que foste tu fazer? Somos de quem nos faz rir assim. Por dentro estou apaixonada pelo que fazes em

mim.

«O criminoso volta sempre ao local do crime, porque não há-de o apaixonado voltar também?»

Não disse nada e está lá tudo. Estarás em minha casa à mesma hora em que estiveste, no mesmo dia em que estiveste. Para correremos o mesmo risco que correremos. Terás mais cuidado. Olharás para todas as janelas em redor. Eu estarei atenta. Procurarei fazer tudo para nos salvarmos do que pode magoar. Mas bastará estarmos juntos sem a presença do que não queremos para estarmos a salvo do que possa vir a seguir. Há riscos que só corre quem ama. Quem ama só não corre o risco de não amar. Estou a ficar romântica. E nem sequer podes amar-me assim. Estou a ficar romântica de amizade, de um amor acima do género. Estaremos a ficar reclusos de algo que não existe? Quem dera que sim. A realidade é a ilusão partilhada, uma forma de normalizarmos o selvagem. Serei capaz de me manter eu apesar de tudo?

«Levo eu a protecção: queres prosa ou poesia?»

Desta vez escrevi-lhe mesmo no caderno. Entrei à socapa na sala de aula, no intervalo. Senti-me uma criminosa e uma felizarda. Poucos conseguem ter alguém que os leve a enfrentarem o abismo. Quem eu vejo passeia distante do que fere, e por isso do que vive. Ficamos longe do nervo, longe de nós. Tememos o que rasga, esquecemo-nos de que só assim a pele renasce. Estou a ficar romântica. Amanhã estaremos juntos. Amanhã estaremos vivos. Amanhã acreditaremos. Basta acreditar que amanhã acreditarei para conseguir hoje acreditar. Somos a previsão do que vamos ser. Olhamos o que vai ser a cada segundo. É o que vai ser que limita o que é. Hoje prefiro ser de amanhã. Viver agora o que vou viver depois. Amanhã superaremos o medo, tentaremos a acrobacia mais perigosa de todas. Chamam-lhe amor.

Sou a pessoa mais próxima daquilo que quero ser. Todos os dias me aproximo mais um bocado. Pode ser que seja esse afinal o desígnio da vida: caminharmos ao encontro de nós. Estou com ele e encontrei-me mais um pouco. Pode ser que gostar de alguém tenha esse desígnio: fazer-nos chegar mais perto de nós.

Ele: este poema leva-me para dentro do que não sabia que tinha.

Eu: como as pessoas. Servem para isso, não te parece? Para sabermos mais do que temos em nós. As pessoas abrem-nos. Com o que perguntam, com o que nos desafiam.

Ele: a poesia são as pessoas, é isso?

Eu: é o que o autor quer dizer com este verso.

Ele: qual, qual?

Eu: vou ler-to; e naquele dia ele pedi...

O meu pai: eu nem queria acreditar quando me disseram. Eu nem queria acreditar. Nunca me passou pela cabeça que tivessem coragem para voltar a fazer isto. E outra vez aqui. Outra vez aqui. Na minha casa. Nas minhas barbas. Nunca pensei.

Eu: desculpe, meu pai.

Ele: desculpe, senhor.

O meu pai: não há desculpa. Isto não tem desculpa. Nunca perdooarei. O que estás a fazer ao nome da nossa família não tem perdão. Vais aprender a lição, vais aprender a lição custe o que custar.

O pior de tudo é a obsessão pelo que parece ser. Ninguém se incomoda com o que é. Interessa o que pensam que é. O vizinho, o pai, o amigo. Um nome. Há uma paranóia sobre o que somos para os outros. O que pensam eles de nós. O que sentem por nós. Eu prefiro preocupar-me com o que penso de mim, com o que sou, com o que posso fazer. Dedico-me a perceber-me no meio dos outros. O meu pai a querer a violência. Eu e ele a fugirmos pelo quarto pequeno. Filmado de cima seria uma comédia negra. Filmado de qualquer lado seria uma comédia negra. Amor negro. Temos de rir do que dói. A realidade precisa de uma gargalhada senão mata.

Ele: não nos apanha. Não consegue. Venha, venha ver se nos apanha.

Os gestos dele como se fosse um toureiro. Estou a chorar de tanto rir e de tanto sofrer. O meu pai a falhar mais uma tentativa de lhe acertar. Ele em cima da cama, aos saltos, a provocar.

O meu pai: se te apanho mato-te.

Ele: os ses da vida, meu caro. Os ses da vida. São sempre os ses da vida que nos tramam, não é?

Ele a escapar-se do quarto. O meu pai a correr atrás até lá fora. Eu a ver pela janela entre o pânico e o prazer. O limite é uma matéria moldável. Adapta-se ao que vemos nele. Será algo consciente. Existe no interior do que pensamos. Assusta-nos ultrapassar o limite e é ultrapassar o limite a única coisa que nos mantém vivos. Estamos acabados quando deixamos de ter limites novos, esticados. Temos de nos fazer caber neles. Arranjar espaço dentro do impossível. O prazer é o

que está na parte de trás do possível.

O meu pai: ora bem, minha menina, agora somos só nós os dois.

Eu:

O meu pai: sabes que vais ter de pagar, e bem caro, por isto, não sabes?

Eu: por favor não me bata mais, meu pai. Por favor.

O meu pai: não. Fica descansada. Desta vez vai doer-te ainda mais. Tem de doer-te ainda mais. O que fizeste merece que sofras ainda mais. De uma forma mais profunda, sabes? Naquilo que te dói mesmo.

Eu:

O meu pai: amanhã já não vais à escola.

Eu:

O meu pai: nunca mais vais à escola.

Eu: mas amanhã tenho um exame. Se não o fizer não termino o ano.

O meu pai: e isso faz-te sofrer, não é?

Eu:

O meu pai: e é só o começo, minha menina. Ou pensavas que fazias o que fizeste e saías só com uns estalos na cara, era?

Eu: mas deixe-me pelo menos terminar o ano. Não peço mais nada. Deixe-me só terminar o ano, meu pai.

O meu pai: e a escola lá interessa para alguma coisa? Vais mas é trabalhar e é o quanto antes. Num instante te arranjo um emprego e comesas a trabalhar para veres o que é bom e para ajudares com as contas cá de casa.

Eu:

O meu pai: vais ver o que é bom para a tosse.

Eu: por favor deixe-me fazer o exame de amanhã. É o último. Depois vou trabalhar, prometo. Deixe-me só fazer o exame de amanhã para poder acabar o ano.

O meu pai: não vais. E não se fala mais nisso.

Eu:

O meu pai: agora vai tomar banho que eu não quero o cheiro daquele cabrão aqui em casa.

Eu: sim, meu pai.

O meu pai: quando puder trato dele, aí não que não trato. Quando o apanhar a jeito vai ver como é.

A pequenez da vingança. O que nos encolhe é a raiva. Não resistimos a ferir quando somos feridos. Depois somos como os que nos ferem: seres que ferem porque são feridos. É de lá que vem a maldade: de ferimentos antigos. Maldade faz maldade. Maldade faz maldosos. O diabo é o contrário da tolerância. Não farei o exame amanhã. Não terminarei os meus estudos. Nada disso fará com que deixe de o ver. Temos a vida toda para procurarmos de quem gostamos. Um dia vou encontrá-lo outra vez. Seremos os mesmos. Somos os mesmos quando não mudamos. A maldade procura espaços em branco que só quem não gosta ou não é gostado tem. Com ele sou grande. Amo o que me faz maior. Rio-me assim que o meu pai sai do quarto, vitorioso. Vivemos para o pífilo. Deito-me à gargalhada.

Revejo cada segundo do que aconteceu ali. É estranho haver esta felicidade. A felicidade na fenda. A felicidade antes de a crosta nascer. Não serei doutora, parece-me. Serei eu, ainda assim.

Tenho inveja de quem sabe sempre o certo e o errado. Se não é inveja é pena. Saber tudo é o fim da linha. O que interessa é o que está por saber, por viver. O errado às vezes é o mais acertado. O mais humano. O que sentimos não tem justiça, mas tem de ter amor. Ajo por amor. Decido por amor. A inconsciência é o contrário do que dizem dela. É quem não decide pelo coração que é inconsciente. O meu amigo. Sentado em frente à directora da escola. O gabinete antigo. As palavras antigas. A reprimenda. Queremos todos dar lições a todos. O poder consome. Pensamos no outro como extensões de nós. O que gosto no outro é a diferença de mim. É no que me separa dele que está o que nos une.

A directora: por acaso não sabe que isso é crime?

Ele: sei, senhora directora.

A directora: sabe então que podemos perfeitamente chamar a polícia, não sabe?

Ele: sei, senhora directora.

A directora: sabe que pode até ir preso, não sabe?

Ele: sei, senhora directora.

O pai dele: creio que o meu filho está perfeitamente consciente da gravidade do que fez, senhora directora.

A directora: com certeza, senhor comendador, com certeza.

O meu pai: com certeza, senhor comendador? Com certeza, senhor comendador? E o que vão fazer em relação a isto? O que vão fazer? Este malandro faz um exame em nome da minha filha, forja a sua identidade, e estamos com paninhos quentes? Mas que é isto? Que escola é esta?

O pai dele: creio que é uma escola pública. Pelo menos foi essa a minha opção quando andei a ver escolas para o meu filho: não queria colocá-lo numa bolha, longe das quedas. Queria tê-lo no lugar que mais se assemelhasse ao mundo real. E o mundo real tem coisas assim: momentos em que pessoas erram. O meu filho errou. Errou muito. Vai ser penalizado por isso, posso garantir-lhe. Mas não errou tanto como o senhor está a errar. Experimente chamar-lhe outra vez algo que não seja «lindo menino» e ficará a perceber quantos ossos tem o meu punho. Olhe que da última vez que olhei ainda eram alguns.

O meu pai de boca aberta. Não sei se aguento o sorriso. Ele não. Olha-me, pisca-me o olho. A cobardia da maldade é um espectáculo maravilhoso. Alguns segundos de silêncio. Ele sempre a olhar-me, sempre com o sorriso debaixo dos lábios. O meu amigo. Fez um exame por mim. Não me disse nada. Fez-se passar por mim. Conseguiu que ninguém notasse. O problema foi a nota. Foi alta de mais. Só aí perceberam. Compararam as letras. A professora que estava a vigiar a prova pensou bem e não se recorda de me ter visto. Foi apanhado. O meu amigo. O que sentimos leva-nos a decisões erradas tão acertadas. Faria o mesmo por ele. Sei que sim. A moral é individual. Construímos a nossa a cada dia. Amo a justiça de um poema, por exemplo. Preciso de olhar para o lado em verso da realidade. A prosa chama ao que ele fez um crime, a poesia chama-lhe arte. Eu também. Fez uma

escultura de amor e entregou-ma. Antes dele não sabia que havia eu.

O meu pai: bem, desta vez vamos perdoar e fazer de conta que não houve nada.

Os outros todos:

O meu pai: mas só desta vez.

O cheiro a hipocrisia enjoa-me. Ele olha-me, estica-me o polegar. Está tudo bem. Não precisava do gesto dele para o saber. Bastava-me ele para saber que está tudo bem. É fraco o meu pai. Fraco com quem é forte. Faz de mim o que o faz sentir-se ele. O mundo apaga-o. Manda no que sou porque nunca soube mandar no que é. Não sei como cresceu, o que lhe fizeram. O meu pai é um miserável. Amo tanto o meu pai.

A directora: vamos permitir então, excepcionalmente, que a menina Bárbara volte a ter a oportunidade de realizar o exame.

O meu pai: não é necessário, senhora directora.

O pai dele: claro que é.

O meu pai:

O pai dele: aceite a oportunidade que a senhora directora está a conceder à sua filha, ora essa. Porque haveria de não aceitar, homem de Deus?

O meu pai:

A directora: amanhã às dez horas, pode ser, menina Bárbara?

Eu: sim, senhora directora.

A directora: óptimo, óptimo.

Eu: muito obrigada, senhora directora.

O meu pai: agora vamos embora que temos mais do que fazer do que estar a aturar gente privilegiada que acha que sabe o que é o mundo.

O pai dele: tem toda a razão. O mundo é cortarmos os sonhos aos nossos filhos. Tem toda a razão. Peço imensa desculpa, meu caro.

O meu pai não é burro nenhum. Sabe que lhe doe. Cala o que lhe dói há muito, talvez desde sempre. Se lhe conhecesse a história poderia entender-lhe a maldade. Pega-me pelo braço e saímos do gabinete. Antes olho para ele a olhar-me. O sorriso dele. Guardo-o para o ter comigo. O meu amigo. Amanhã faço o exame. Hoje estudo. Estudo mesmo. Hoje serei prosa. Para o deixar orgulhoso. Para lhe mostrar que valeu a pena. Que arriscado é não correr riscos. Ensinou-mo da maneira mais real. Sem querer crédito. Apenas para me salvar. Se tudo corresse bem terminaria o secundário sem saber. Amanhã deixo a mediania. Nada do que ele fez foi mediano. A justiça é fazer tudo para nunca magoar.

A estrada assusta quando somos nós ao volante. Podia ser uma metáfora. As mãos tremem. Sou eu quando sou dele. O meu amigo. Não entendo os que falam em sermos nós o amor da nossa vida. Claro que sim. Mas amar-nos é também amar o outro. Amar com o outro. Irrita-me muito a frase unânime. Quem se ama só a si é psicopata. Um traste. Amo-me. Preciso dele. Sou independente com ele. Estamos a conduzir. Estou ao volante do carro dele. Nunca conduzi. A primeira vez só acontece uma vez. O exacto dá cabo de nós. Os factos. Os números. O que tem de ser. A estrada escondida, nós escondidos, os caminhos escondidos. Acordo para me esconder com ele. Imagino as nossas conversas quando não falamos. Troco impressões de tudo com ele. Sei o que diria, como o diria, a expressão que iria fazer. Percorro o dia a pensar como o percorreria com ele ao lado. Quando gostamos de alguém assim vivemos com alguém assim. Vivo com ele. Passamos quase todo o dia de todos os dias distantes. Vivemos juntos.

Ele: assim estás pronta a viajar para onde quiseres. A carta de condução é só um papel. Um plástico para dar cabo do ambiente. Dá jeito que o tenhas, mas conduzir daqui a nada já sabes. Já não colocas ninguém em perigo.

Eu: obrigada. Mas não vou a lado nenhum.

Ele: e já sabes o que vais fazer?

Eu: o que vou fazer?

Ele: o que vais seguir?

Eu: seguir?

Ele: estudar. No teu lugar iria para algo na área das letras.

Eu:

Ele: só podes mesmo ir para letras.

Eu: não.

Ele: ciências?

Eu: nada.

Ele: o teu pai.

Eu: o meu pai.

Ele:

Eu: a minha mãe. A minha vida.

Ele:

Eu: não tenho dinheiro para subir na vida.

Ele: às vezes a falta de dinheiro serve para esconder a falta de coragem.

Eu: de barriga cheia estamos todos de dieta.

Ele: só se adia o que não se quer. Qualquer covarde adia.

Eu: obrigada pelas palavras que me dedicas.

Ele: não agradeças. Refuta-as.

Eu: não vou trocar argumentos contigo sobre isso.

Ele: Esquece os argumentos. As palavras não são chamadas para aqui.

Eu:

Ele: usa actos. Qualquer covarde diz que é corajoso. Mas só um corajoso é

corajoso.

Sabe tudo. Sabe que fios tocar, onde mexer. Apetece-me enchê-lo de abraços, cravar-lhe os lábios na cara. A vida aparece. O alarme do meu relógio. A obrigação chega. Há um pai à minha espera. À espera do poder. Deixa-me feliz ser a felicidade possível para ele. Não tenho dinheiro para sonhar. Pobreza é não poder sonhar. Paro o carro, deixo o volante. Daqui a poucos minutos serei eu a conduzida. Os olhos dele. Levo-os mais uma vez. Aquele último olhar. Sempre que falo imagino-o a ouvir-me. É para ele que falo esteja com quem estiver. Quero o orgulho dele quando me olha. Sou grande assim. Nunca fui uma mulher como agora. Nunca fui tão forte como agora. Não posso sonhar mas ele queria levar-me ao sonho. Ainda quer. O meu sonho é fazê-lo sonhar comigo. Tenho um amigo. Afinal tenho um sonho.

Ele: vais pensar no que te disse?

Eu:

Ele: diz que sim.

Eu: não sei do que falas.

Ele: sabes.

Eu:

Ele: não sejas o que te limita.

Eu: quem te ouve pensa que lê livros de auto-ajuda.

Ele:

Eu: lê? Ou isso sai-te assim naturalmente?

Ele: só te digo as palavras que mereces. Sejam elas tiradas de que livro for. Não tenho preconceitos em relação às palavras, como sabes.

Eu:

Ele: vais pensar nisso?

Eu:

Ele: diz que sim.

Eu: sim.

Ele: obrigado.

Eu: obrigada.

Vou devagar para a dor. Há alturas em que sabemos estar a caminho do que vai doer. Vamos ainda assim. Será isso a coragem, também. Aguentar. Fazer o que tem de ser feito para sobreviver. A subsistência tem faces diversas, sacrifícios incontáveis. O sorriso dele a ver-me ir. A beleza pode ser triste. Daqui a minutos estarei pronta para fugir de onde vou estar. Até lá fica a esperança. Foi isso que ele me deu. Só me merece quem me dá esperança. Gostar de alguém é procurá-lo no final da esperança, quando todas as portas dentro de nós estão fechadas. Com ele não desisto de mim. Acho que sem ele também não, mas não estou interessada em comprovar. Vamos juntos para a possibilidade.

Seremos o que suportamos. O ódio sobe por nós como uma cobra, o veneno acende o demónio. Os meus pais não sabem a minha data de nascimento mas sabem a data em que me matam a esperança. Todos os dias a diluem. Tenho compaixão por eles. Terão tido uma vida miserável. Quantos fazem sofrer para fugirem do que sofrem? Há pouco contei-lhes da minha esperança, a que ele me deu. Falei-lhes de que queria estudar, ser mais do que aquilo que querem para mim. Ainda sinto a mão do meu pai nos ossos da cara. Ainda ouço as palavras da minha mãe nos ossos do sonho. Não tenho dinheiro para sonhar. Foi isso o que lhe disse desde o começo. Ele recusou acreditar. Fez-me acreditar. Há uma crueldade involuntária em quem sonha os sonhos do outro, os sonhos que o outro não pode sonhar. Às vezes temos de ser o que podemos ser, provavelmente sempre. As histórias de quem supera o insuperável são poucas e por isso é que são histórias. Um desgraçado que sonha é sempre notícia.

A minha mãe: parece que está maldisposta, a menina.

Eu:

A minha mãe: está amuadinha, é? Parece que está a comer por favor. Se não quer comer não come. Mas fica a menina a saber que isso que está aí, isso que está aí nesse prato, é fruto do trabalho e do sacrifício desta chata que é sua mãe e do suor do seu pai, que se esfalfam todos para nada lhe faltar.

Eu:

A minha mãe: não dizes nada, é? Estás armada em importante, já vi. Pensavas que ias ser doutora, não é?

Eu: está tudo bem, mãe. Está tudo bem.

O meu pai: quem decide se está tudo bem ou não não és tu. É claro que não está tudo bem.

Eu:

O meu pai: como pode estar tudo bem quando a minha filha, que dei tudo para educar da melhor maneira, está com ideias loucas? Como pode estar tudo bem se a minha filha, só porque conheceu um menino rico e cheio de manias, já pensa que pode decidir coisas sem consultar os pais?

Eu:

O meu pai: aqui quem manda somos nós, ouviste bem? Enquanto formos nós a pagar as contas somos nós a decidir. E nem tens voto na matéria, se queres que te diga. Já deixei de poder confiar em ti há muito tempo. Há muito tempo.

Eu:

A minha mãe: saíste-me cá uma desilusão. Nunca pensei. Anda uma mãe a criar uma filha para isto. Nunca pensei.

Eu: peço desculpa.

O meu pai e a minha mãe:

Eu: peço desculpa a ambos. Não voltará a acontecer.

O meu pai: ai não volta, não. Nisso tens razão. Rédea curta. Rédea ainda mais curta.

A minha mãe: queres ver que temos uma rebelde cá em casa agora, não? Vejam só para o que eu estava guardada.

Há passados que nunca passam. As memórias são tatuagens irreparáveis, inapagáveis. O que vivemos vive em nós. Persiste em nós. Poderia dar um pontapé no balde, atirar tudo ao ar. Poderia ir à procura do sonho. Prefiro acalmar a inquietação, perceber a vantagem de estar resignada. Não sou capaz de magoar quem amo. Tinha razões para isso. Ninguém deixaria de me entender. Entendo de mais quem amo. Percebo o que fere o meu pai, percebo o que fere a minha mãe. Percebo porque me ferem. Há tantos que matam com a intenção de dar vida, não há? Ficarei. Aqui, com eles. Não tentarei a universidade, não tentarei mais do que aquilo que me deixarem ser. Estou em paz com isso, comigo. Estou em paz com o que sou. Não sou desistente, não sou fraca. Há juízes a mais para tão poucas leis. Tomei uma decisão. Decido ceder. A coragem pode ser também isso.

Eu: amanhã começo a procurar trabalho.

A minha mãe: já ontem era tarde.

O meu pai: fazes bem. Vou falar com alguns amigos para ver o que se pode arranjar para ti.

Eu:

A minha mãe: qualquer coisa serve para já. Ela não sabe nada. Só sabe as porcarias que lê nos livros. Alguma vez os livros deram de comer a alguém? Ainda bem que acabou essa palhaçada da escola para ela entender de uma vez o que é a vida.

Eu: sim, mãe.

A minha mãe: sim mesmo. Pensas que isto é tudo cor-de-rosa? Pensas que a vida é romance e amor e beijinhos e abraços? A vida não é isso, minha menina. Lamento que só agora o tenhas entendido. Mas antes tarde do que nunca, não é?

Eu: compreendo, minha mãe.

Vistos de longe somos todos boas pessoas. A maldade é a bondade de lupa. De fora sou só uma fraca. Por dentro sou uma rainha. Sinto-me bem por preferir a paz. O conflito é oco, magoa todos os lados. O mais fácil é atacar. Prefiro magoar sozinha. Com o que me toca posso eu bem. O que me salva é o olhar descansado dos meus pais. Estão aqui à mesa, ao meu lado. Parecem tranquilos, dentro da prisão em que me fazem viver. Vivemos todos enjaulados, a liberdade é do volume das nossas grades. Observo-os e fico feliz. Fui eu que os deixei, nem que por momentos, acreditarem que a vida valeu a pena, que estes minutos valeram a pena. Sou uma egoísta passiva. É banal erguer a voz. Gosto mais de ouvir a voz dos outros, tolerar. Os meus pais a saírem juntos da mesa. Até a mão deram um ao outro. Fui eu que fiz isto. Choro de felicidade por eles, de orgulho por mim. Dei algum tempo de felicidade aos meus pais. Chamei-lhe sonho.

É fácil praticar a coragem cor-de-rosa. O cavalo branco, o príncipe, a história de amor. Fugir está sempre à mão. Quando o mundo cai procura-se outro mundo. Começar de novo já é velho. A minha coragem é feita da matéria do mesmo, sempre do mesmo. Tenho a coragem de continuar. Valoriza-se o que renasce e nunca o que remanesce. Aplauda-se o acabado de criar, atira-se para o fundo o que subsiste. A velhice mata. Fugimos sempre do que mata. Só fugimos do que pode matar, do que pode levar-nos o que temos como se fôssemos nós. Olhamo-nos e vemo-nos como de fora. Pensamos no que podem de fora ver em nós. É vazio o que só se vê. Depois aquilo consome-nos, arrasta-nos. Não quero ser a pessoa que os outros vêem em mim. Assumo a responsabilidade de continuar. Só eu tenho o privilégio de me ver por dentro.

Ele: não podes ser assim. Não podes continuar assim.

Eu: assim?

Ele: saco de pancada. Válvula. Os teus pais usam-te para sangrar.

Eu:

Ele: depois de ti ficam mais leves e tu com o peso todo deles.

Eu: amo-os.

Ele: eu sei. Não entendo, mas sei.

Eu: são meus pais.

Ele: dão cabo de ti. Fazem de ti um brinquedo. Humilham-te, batem-te. Onde está o amor no meio disso tudo?

Eu: está.

Construímos visões fechadas do que se sente. Erguemos muros. De um lado está o amor como deve ser, do outro a amizade como deve ser, a paixão como deve ser. Criamos um mapa que nos protege. Deve ser consome-nos. Deve ser por medo. Quando alguém parte esse muro está a partir-nos por dentro. A fazer-nos reparar o buraco que deixaram. O conforto é sólido, rígido, possessivo. É este o meu amor. Ele não o entende. Amo os pais que me batem, que me humilham. Não os amo por isso. Abomino o que me fazem. Amo-os. Faço tudo para compreendê-los. Tento a explicação e não a raiva. A vingança é pobre. Tolerar é a vitória que procuro. Não ter muros. Todo o amor está espalhado no resto que somos. Entendo o que ele diz, o que ele quer. Está em cima do cavalo branco a tentar resgatar-me dos maus da fita. Os heróis são aqueles que fazem algo de bom com o ego. Aplaudo-o. Estou onde quero. Ficarei onde quero. Procuro sentir que faço o que sou. Assim continuarei.

Ele: foge comigo.

Eu:

Ele: foge comigo. Vamos para o outro lado do mundo. Vamos ser felizes.

Eu:

Ele: vamos estudar nas melhores universidades do mundo.

Eu:

Ele: vamos ler, vamos escrever, vamos cantar, dançar. Longe daqui. Longe

desta gente que não te faz bem.

Eu:

Ele: vamos. Vamos descobrir o mundo. Temos tanto para ver, temos tanto para descobrir. Os dois por aí, já imaginaste? De mochila às costas. Não queres?

Eu:

Ele: tenho a certeza de que o meu pai nos ajudará. Ele entende-nos. Nada nos faltará, prometo.

Eu:

Ele: vamos. Vem comigo.

Eu:

Ele: vens?

Todos se apegam à indiferença. Criamos seitas de desapego. Deixar para trás. Não ficar dependente do que amo. Grande parte de mim é o que amo, o que cresci a amar. Sou também os meus pais. Deixá-los seria deixar-me. Abdicar de uma parte de mim. Seria corajosa. Não seria eu. A fotografia na parede não é o meu sonho. Poderia aceitar. Nunca seria feliz. Pensaria na tristeza que deixei para trás. São infelizes comigo, seriam miseráveis sem mim. Fazem-me mal. Respondo-lhes com bem. Quero-os bem. Serei estúpida enquanto a estupidez me juntar a mim. É esse o muro que derrubo. Sou livre para tomar a opção errada. Liberta-me saber que a tomo em consciência.

Eu: já decidi.

Ele: vens?

Eu: começo amanhã a trabalhar numa fábrica. Mas adoro-te.

Ele:

Eu: quando vires tudo o que vais ver contas-me tudo?

Ele:

Eu: um dia a vida deixa de nos separar. Tenta aguentar comigo.

Poderia ser feliz pelo mundo, a descobrir que faço parte dele, que o mereço em grandes doses. Opto por ficar dentro da fresta da minha realidade. Não estudarei lá fora, não viajarei com ele. Permanecerei aqui, a sentir segundo a segundo a sobrevivência dos meus pais. A sentir gota a gota que dentro do meu sangue mando eu.

É devagar que a morte acontece. Magoa acabar antes do fim, ficar depois da esperança. Fiz a minha opção e vivo com ela. Morro com ela. Não direi que me arrependo. Custa assumir o erro mas não errei. A minha mãe continua, o meu pai continua. São aquilo que faço deles. Permanecem. Não sou feliz mas tenho os livros. Trabalho para a casa. Às vezes no final do mês sobra para um livro. É a alegria que chega. Vou para a livraria do centro e sonho. Ontem comprei um pela capa. Compra-se a vida pela capa, não é? As redes sociais, as imagens, a percepção. Ontem fui superficial e comprei um livro pela capa. Estou dentro dele agora. Estou em mim quando estou dentro de um livro. O resto do tempo é para aguentar. A vida é na verdade passar o tempo a aguentar à espera de uns minutos de sonho. Na história deste livro há uma mulher que deixa tudo pelo amor. Sou a parte de trás dela. Fiquei com tudo por amor.

A minha mãe: anda jantar, ó intelectual.

Eu: já vou, mãe.

A minha mãe: não é já, é agora.

Eu:

A minha mãe: larga essa porcaria que não serve para nada e anda. Não volto a chamar.

Eu: estou a terminar este capítulo. Um minuto.

A minha mãe: dá cá isso.

Eu: não. Não me tire o livro.

A minha mãe: tiro o que eu quiser quando eu quiser.

Eu:

A minha mãe: pronto. Levo o livro comigo. Agora já vens ou ainda não? Pensas que vamos ficar para sempre à espera de Sua Excelência, a Senhora Dona que Lê Livros, é?

Eu:

A minha mãe: isso. Anda lá que o teu pai está à espera à mesa.

Há doenças que podem parecer amor. A mão da minha mãe nas minhas costas, uma espécie de carinho, leve, imperceptível. Sou o orgulho dela quando faço o que quer, quando não vou para além do que compreende. No meu lugar poucos ficariam. Dariam um pontapé nisto tudo, iriam para longe. Quem souber do que passo chama-me fraca. Não tenho medo da fraqueza quando vejo o que estou a ver. A minha mãe com um sorriso, o meu pai com um sorriso de volta. A mesa de três de todos os meus dias. Há amores que são piores que doenças. Estou dentro de um, alimento um. Continuo porque quero, porque prefiro a sobrevivência dos meus pais à satisfação da minha liberdade. Daqui a algum tempo deverei arrepender-me. Também isso está nos meus planos. Saberei que desperdicei a minha vida para salvar a deles. Acredito que não será afinal desperdício algum.

O meu pai: e que tal a fábrica hoje? Ouvi dizer que a linha parou a meio da tarde. O que aconteceu?

Eu: foi uma falha de electricidade.

O meu pai: mas foi muito tempo?

Eu: não. Uma meia hora no máximo. Depois a manutenção tratou de tudo. Ao final da tarde compensámos o tempo perdido e tudo ficou normal.

O meu pai: óptimo, óptimo.

Eu:

O meu pai: e quando é que te promovem a chefe de linha, hem?

Eu:

O meu pai: não olhes para mim assim. Não penses que não tens essa ambição.

Eu:

O meu pai: eu sei que tens. Ou não fosses tu filha do teu pai.

Eu:

O meu pai: ainda me lembro de quando comecei assim, como tu. Estava longe de imaginar que um dia iria estar a dirigir toda uma secção da fábrica.

Eu:

O meu pai: mas estou. Isso prova que o trabalho faz a diferença. Temos de trabalhar sempre com ambição mas com os pés na Terra.

A minha mãe: essa parte é que já é mais complicada para ela. Sempre no meio dos livros a pensar no que não deve. Sempre a mesma cabeça na lua.

Eu:

O meu pai: deixa, isso passa-lhe. A miúda vai crescer e vai perceber o que é importante na vida.

Eu:

A minha mãe: Deus te ouça, Deus te ouça, que isto assim só vai fazer com que sofra muito, coitadinha.

Há famílias que matam quem somos. Ou que o tentam, pelo menos. Por asfixia. Por claustrofobia. Pensam que por ter ficado desisti de mim, que serei o que eles são. Tenho a ambição de continuar a ser o que bem me apetecer. É em mim que sei o que sou. Para quem vê do lado de lá sou resignada, acabada, parada. Em mim tenho tudo o que sempre tive. Não perdi o sonho. Leio-o todos os dias, estou nele todos os dias. Não sou a vida pequena que querem para mim. Sou o que sinto. Sinto grande, mais do que nunca. Sinto-me a crescer, a ganhar espaço no que sinto, no que penso, no que sei. O importante da vida é não perdermos o que sentimos. Para já guardo quem sou só para mim. Ele está longe. Quando voltar poderei entregar-me um pouco. Até lá continuarei a viver no intervalo entre a queda e o voo. Chamo-lhe eu.

Poderia escrever-se mais sobre a personalidade da pele. Quando o toco sinto-me em casa. Os sentidos têm um lado emocional. As sensações são aquilo que as emoções fazem delas. A pele dele na minha. Primeiro o abraço, depois a mão. As saudades servem para fazer chorar. Choramos pela falta e choramos pela falta que vem. A presença é uma ausência a chegar. Apetece-me dizer-lhe «fica» como ele me disse «vem». Não posso pedir-lhe para desistir do que é. Compreendo. A culpa é minha. Procuramos culpados para doer menos. A culpa não é solteira nem casada; é anti-social. Misantropa. A culpa é uma construção humana. O que acontece é a soma de várias culpas. No limite somos todos inocentes, e por isso culpados.

Ele: tens de vir passar uns dias lá.

Eu:

Ele: tens mesmo.

Eu: não sei se posso. Sabes como é a minha vida.

Ele: quando é que tens férias?

Eu: ainda não sei.

Ele: sabes sabes. Diz lá.

Eu: ainda não marquei. Tenho de falar com os meus pais.

Ele: não fales com os teus pais. Fala comigo.

Eu:

Ele: eu vou dizer-te a melhor altura para ires lá. Para podermos passear pela universidade, pela cidade. Há tanto para veres. Vais adorar.

Eu:

Ele: tens mesmo de ir.

Eu:

Ele: vou fazer um roteiro só para nós os três.

Eu: os três?

Há uma terceira pessoa em nós dois. Como se aguenta a mistura de saudade e ciúme sem atirar um grito para o ar? Sinto-me egoísta. Serei má pessoa por ter ciúmes de quem faz o meu amigo feliz? Faço um esforço. Contenho-me. Quero saber mais. Queremos sempre escavar mais fundo no que sabemos que só vai magoar mais fundo. Gostar é procurar sempre mais daquilo que gostamos, o que faz com que procuremos muitas vezes também sempre mais daquilo que não gostamos. O meu amigo tem um amigo. Queria sentir o que digo. Vê-lo como meu amigo também. Não vejo. Não sinto. Vou esforçar-me para sentir. Vou fazer tudo para sentir que sinto o que digo que sinto. As palavras têm de ir à frente quando as emoções nos apertam. Temos de dizer com palavras «sim» para fugirmos do «não» que sentimos. Digo-me «sim», estou feliz por ele, por ter alguém que o acompanha onde eu escolhi não estar. Por dentro estou escura, apagada. Tenho de ter a grandeza de mentir. Gostar pode implicar mentir. Não existem actos bons e actos maus. É no contexto que está a moral ou a falta dela. Sinto que tenho saudade do que não voltará. Sou moralmente obrigada a mentir. Não voltaremos a ser os dois,

só os dois, como estamos a ser agora, como fomos antes da minha cobardia. Salvei os meus pais. Perdi-nos.

Ele: e o mais importante e incrível sobre ele ainda não te contei. Estás pronta para o que te vou dizer?

Eu:

Ele: estás ou não estás?

Eu: estou, estou. Diz lá.

Ele: não te sinto curiosa o suficiente. Talvez não te diga nada.

Eu: diz.

Ele: deixa lá, fica para a próxima.

Eu: lá estás tu com esses jogos.

Ele:

Eu: diz lá, vá.

Ele:

Eu: oh. Deixa-te disso. Diz.

Ele: não.

Eu: diz.

Ele: ah, já começo a sentir a curiosidade a roer-te.

Eu:

Ele: é um bichinho interessante, a curiosidade, não é?

Eu: se tu o dizes.

Ele: é. Tu sabes que é.

Eu: é.

Ele: a curiosidade chega como se não fosse nada e ao fim de algum tempo, se não for saciada, é um monstro dentro de ti, a comer tudo o que tens se não lheres tudo o que ela quer.

Há um monstro dentro de mim. Não se chama curiosidade. Não sei que nome lhe dar. Não passamos de monstros quando nos falta o que amamos. Tenho pena de quem nunca foi monstruoso, de quem nunca sentiu a vontade de partir tudo, de destruir tudo. Ficar de rastos é humano. Aguardo informações dele como se aguardasse a força. É o que somos que está a ser apertado no pescoço, palavra a palavra. Quero saber quem é a terceira pessoa para saber mais sobre quem nos matou. Seremos sempre amigos e nunca seremos os amigos que somos. Todos tecem loas à mudança. Clama-se pelas virtudes de começar de novo. O problema é quando tudo o que queríamos era começar de velho.

A pulsão pelo proibido dá vida a meia humanidade e tira a vida a outra meia. Arrancamos as raízes do que nos dizem intocável para sentir algo novo. Todos precisam de uma droga qualquer. Às vezes até a dor serve para nos sentirmos vivos. Ele contou-me que anda com um professor da universidade. Ninguém sabe. Ninguém pode saber. É casado, respeitado pela comunidade. Associamos o respeito a coisas tão desinteressantes como a sexualidade. Traçamos um mapa de normalidade, temos de nos fazer caber nele. Não sei o que pensar, o que dizer. O mais razoável seria dizer-lhe que faz muito bem, se está feliz faz muito bem. Tenho inveja desse professor que tem o que eu queria ter. Somos sobretudo o inconfessável. Confesso que o quero, inteiro. É este professor que está aqui connosco que o tem. Vim ter com eles. Estou na casa dele, o professor chegou agora. Não tenho opinião sobre quem é, sobre o que é. Olho-o como se olhasse para um guarda prisional. Não tem culpa da minha prisão mas é nele que a vejo toda. Há tanta boa gente com profissões que fazem doer. Estamos os três à mesa. Não consigo perceber que homem é este. Gostava que fosse a melhor pessoa do mundo. Não me importava que fosse um miserável que num instante se pusesse a andar. Sou má pessoa pelo que gosto. Não existem más pessoas. Existem pessoas que amam o errado. É o amor que nos faz fazer o melhor como é o amor que nos faz fazer o pior. Mate-se o amor e mata-se tudo o que interessa, e tudo o que não interessa também. Tenho vergonha de mim.

Ele: estás pronta para o passeio da tua vida?

Eu: sim, claro.

O professor: olhe que estivemos muitas horas a desenhar cada passo do que vai ver. Quando ele diz que é o passeio da sua vida não é exagero nenhum.

Ele: é tão estranho ver-te a tratá-la assim. Trata-a por tu, vá lá.

Eu: sim, pode tratar-me por tu. Eu sei que pareço mais velha do que o que sou, mas lá no fundo ainda sou uma jovem.

O professor: está bem, está bem.

Ele: deve ser por ele ser um velhote que trata os outros assim: deve ser para não se sentir o velhadas que é.

O professor: deve ser, deve.

Eu:

Ele: uh, que ar ameaçador.

O professor: continua com esse tipo de conversa e vais ver se não vais ter negativa na minha cadeira. Continua que vais ver.

Ele: adoro quando és assim. Por mim podes continuar.

Eu: bem, vamos a isso? Vamos lá ver que passeio impressionante é esse que vocês desenharam para mim?

O corpo sabe tudo. Dá-nos sinais fortes. A mim apetece vomitar agora. Tenho vergonha de mim. Será isto tudo ciúme? Que pessoa pequena serei. Não gosto deste homem. De repente percebo porquê. Se pudesse matava-o para não fazer isto. Estamos os dois a sós na sala, ele foi ao quarto preparar-se para sairmos. Olha-me,

chega-se a mim. Não sei se escondo se mostro tudo o que é. Repugna-me. O corpo tinha-o visto antes de mim. Sentiu o que era. Não sei o que fazer. O professor continua. Eu afasto-me um pouco. Finjo que não entendo o que quer. O mais fácil é fingir. Aprendemos a fingir assim que nascemos. Passamos pela vida a fingir. Nem dez minutos depois de me conhecer já está nisto, a querer-me. Com a pessoa que o ama ali ao lado. O que faço para salvar o que pode ser salvo? O desejo quando tira de nós o nosso pior é só uma náusea. Poderia gritar, falar alto. Não quero magoá-lo. Não para já. Falo baixo, peço baixo para parar. No meio de tudo isto tenho um resto de orgulho em mim. Não sou tão pequena assim. Aguento, resisto, para não o magoar. Seria simples acabar com tudo. Amo-o mais do que o quero. Quero-o bem. Só depois o quero meu.

Eu: importa-se de parar com isso?

O professor: adoro essa maneira educadinha de falar. Tira-me do sério, sabes?

Eu:

O professor: aposto que queres tanto ou mais do que eu, não é, minha menina da aldeia linda?

Eu:

O professor: não te preocupes com ele. Ele nunca vai saber de nada. Vai ser o nosso pequeno segredinho. O nosso pequeno e delicioso segredinho. Nunca leste coisas destas nesses livros todos que lêes, não? Chegou a tua vez de viveres algo assim. Não a desperdices que eu não duro sempre.

Eu: agradeço que não se aproxime tanto de mim. É a última vez que o peço, garanto-lhe.

O professor: não sejas assim que assim eu ainda gosto mais. Anda cá, não fujas de mim...

Ele: vamos a isso? Estamos todos prontos? Estou ansioso por ver as tuas reacções a cada surpresa. Aliás: estamos ansiosos por ver as tuas reacções, não é?

O professor: claro que sim, claro que sim.

Eu:

Ele: vamos, que o tempo não pára para nos ver parados.

A vida é engolir. Alargar todos os dias o que somos capazes de suportar. Os maiores alargam mais, são mais elásticos no interior do ferimento. Quero ser maior. Exijo ser maior. Suportarei o dia todo a vontade de acabar com o dia. Vejo a felicidade dele e aguento. Trago este dia para o meio dos dias todos com os meus pais. Desta vez adio, apenas. Amanhã digo tudo. Tenho de pensar como. Pensamos vezes de mais em como dizer o que magoa, o que só pode magoar. Não há solução para palavras que trazem sentenças. A crueldade começa pelas palavras. O início está nas palavras. Hoje deixo-o ser feliz. Ensinar-me passo a passo a cidade. Um dia de felicidade dele vale bem a ruína do meu estômago. Vamos cair juntos. Amanhã faço-o infeliz.

Estou adaptada ao inferno. Normalizei o sofrimento. O lado perverso da adaptação é poder ser a coisas más. A maldade aproveita-se disso, impõe-se assim. É esta a minha vida. Voltei a casa. Somos capazes de chamar casa ao lugar onde mais sofremos. Ele ficou, com aquele homem que pensa ser o da sua vida. Vai dar cabo dele. Não tive coragem de dizer nada. O homem estava sempre lá. Sabia que se nos deixasse sozinhos contaria. Daqui a pouco resolvo aquilo de vez. Já pensei nas palavras que vou dizer. Já pensei como vou tentar explicar. Vou pedir-lhe para nunca mais o ver. Não pode voltar a vê-lo. Vemos quem somos na facilidade com que desrespeitamos. Aquele homem não pode ser boa pessoa. Não é. Queria estar agora lá. A vigiar. Queria estar lá quando lhe dissesse, abraçá-lo, garantir-lhe que tudo vai ficar bem, que tudo vai ficar melhor sem aquele animal. Estou aqui. De regresso à minha dor exclusiva. Só minha. Adestrei-a. Quando não podemos acabar com a dor podemos treiná-la. Deixá-la menos visível para nós. Somos também o que sofremos. A felicidade é o que sobra dela. Não nascemos para ser felizes, não nascemos para sofrer. A verdade é que não sei para que nascemos. Tudo estaria igual sem nós. Todos existem para se manter a existir. É admirável a coragem que vem do instinto. Tenho uma vida desgraçada. Lutarei por ela até ao fim.

A minha mãe: lá vem ela de nariz empinado. Basta estar uns dias com aquele menininho mimado que fica logo assim. Nem parece a mesma. Já pensa que é gente e tudo.

Eu:

O meu pai: deixa lá a miúda em paz. Não vês que chegou ainda mais intelectual?

A minha mãe: deve ter chegado é ainda mais chata. Espero bem que não tenhas comprado mais livros, ouviste bem?

O meu pai: tenho a certeza de que não. Ela sabe o quanto custa o dinheiro a ganhar. Não acredito que o desperdice em porcarias como essas.

A minha mãe: eu no teu lugar não teria tanta certeza. Não acredito que a deixaste ir. Não acredito que permitiste que ela ficasse tanto tempo com aquele malandro mal-educado.

Eu:

O meu pai: tem calma. Ela não comprou livros nenhuns, pois não? Responde lá, para a tua mãe ficar descansada, vá.

Eu:

A minha mãe: eu sabia. Aposto que comprou. Nós aqui a contar todos os meses cada cêntimo e esta criatura a comprar livros. Livros.

Eu: peço desculpa.

O meu pai: não podes passar a vida a pedir-nos desculpa.

A minha mãe: nunca mais vais a lado nenhum, muito menos com esse rapaz que só te dá cabo da cabeça e que só te mete minhocas na cabeça.

Eu:

O meu pai: quantos livros compraste? Quantos?

Eu:

A minha mãe: diz. Diz lá de uma vez por todas. O estrago já está feito. Agora diz para podermos saber o que vamos ter de fazer para compensar mais uma asneira tua.

O meu pai: quantos? Diz. Quantos?

Eu:

O meu pai: não me obrigues a fazer o que não quero. Peço-te por favor para não me obrigares a fazer o que não que...

O corpo é um objecto frágil. Estamos suspensos sobre ele. Somos o que ele nos deixa ser. As ideias são valiosas mas não existem quando não existe um corpo para as transmitir. O corpo é então o começo de tudo. Está antes das palavras, a montante da consciência. Quantos seriam geniais se não tivessem morrido antes? O meu pai agarrado ao peito, ao pescoço, sem uma palavra, sem conseguir falar. O desespero da minha mãe, eu a correr para o telefone, a chamar uma ambulância. O meu pai a cair no chão, agarrado ao peito, ao pescoço. Um esgar, dois esgares. Gritos mudos. A minha mãe a dar-lhe beijos, a dar-lhe abraços. No meio do fim somos todos apaixonados. A possibilidade de perda leva-nos o orgulho, o medo. Às portas da morte somos nós. O barulho da ambulância, as pessoas da ambulância. O meu pai a ser colocado numa maca. A minha mãe a não querer deixá-lo ir sozinho. Eu e ela sozinhas, à espera de um táxi que nos leve. A cabeça da minha mãe no meu ombro. É uma pessoa, enfim. A minha mão a acariciar-lhe o rosto. A querer acalmar-lhe a aflição. O desespero pesa tanto que nos liberta de todos os outros pesos que carregávamos connosco.

A minha mãe: larga-me.

Eu:

A minha mãe: larga-me, já disse.

Eu:

A minha mãe: és tu a culpada disto. És tu a culpada de tudo o que vier a acontecer ao teu pai.

Eu:

A minha mãe: sempre a dar cabo dele com as tuas coisas. Não imaginas o que ele sofre contigo. Às vezes passa noites em branco por causa dessas tuas ideias estranhas, sabias? Não sabes o mal que lhe fazes. Não imaginas o mal que lhe fazes.

Eu:

A minha mãe: livra-te de ele não resistir a isto. Livra-te. Vou fazer questão de te lembrar todos os dias da tua vida o que lhe fizeste.

Eu:

A minha mãe: larga-me. Já.

O fundo do poço é o começo de nós. Estamos lá. Encontramo-nos com o que de mais insondável conseguimos ser. O táxi a chegar. Eu e a minha mãe sem palavras, só com lágrimas. A viagem interminável. Posso muito bem ter matado o meu pai.

O pior deixa ver melhor quem somos. Leva-nos o filtro, a resistência da normalidade. O meu pai ficou internado. Não sabemos se resiste. Os médicos tentam tudo. Posso muito bem ter matado o meu pai. Ainda não sei se me sinto culpada ou se sinto a culpa da minha mãe em mim. Quando morre alguém morre tanta culpa com ele. Quando morre alguém acaba um mundo e começa outro. Todos mudam o mundo. Nada se altera mas o mundo não é o mesmo. Quando morre alguém é um mundo que morre. Não quero pensar no que serei sem o meu pai. Ainda o vejo vivo. Não quero falar dele no passado. Estamos em casa. Viemos mudar de roupa, tomar um banho. O meu pai ficou entre o começo da morte e a continuidade da vida. O que há depois disto? Precisava que houvesse vida depois da morte. Confesso que o que queria mesmo era que houvesse vida antes da morte.

A minha mãe: rápido, rápido.

Eu: sim, minha mãe.

A minha mãe: não quero deixá-lo sozinho muito tempo. Sei que está inconsciente e não vê nada, mas quero estar lá quando ele acordar.

Eu:

A minha mãe: porque ele vai acordar, não vai?

Eu:

A minha mãe: diz que sim.

Eu: sim, minha mãe.

A minha mãe: ele tem de acordar. Ele sabe que tem de acordar. Ele sabe que precisamos dele, ele sabe que sem ele aqui em casa não somos nós.

Eu:

A minha mãe: sem ele aqui em casa nada disto faz sentido. Nada.

Eu: ele vai voltar, mãe.

A minha mãe: ai. Custa tanto imaginar esta casa sem ele, a minha vida sem ele. Ai. Não aguento. Não aguento.

Somos todos indestrutíveis até à dor-limite. A perda ataca para desmembrar, para arrancar membros decisivos do que somos. As lágrimas da minha mãe a caírem no chão frio da casa fria. As mãos dela a taparem a cara, a vergonha da dor. A minha mãe dobrada no chão como a menina que é. Não passamos de meninos a brincar às casinhas. Crescer é um simulacro. A maturidade deveria estar obsoleta. Ninguém merece deixar de brincar. A minha mãe curvada sobre si mesma no chão vazio da sala. Choro com ela. Amar é chorar com. Amamos quem nos faz chorar quando chora, quem nos faz cair quando cai, quem nos faz sentir a dor quando lhe dói, a faca quando lhe está fundo no dorso. Amo a minha mãe. Choro com ela. Por um segundo pensei em que como seria esta casa sem o meu pai e tudo o que vi foi ruínas. Nada nas casas as faz boas ou más. Uma casa é um monte de paredes se não houver uma família dentro. Afinal tenho uma família. Não sei se terei um pai.

A minha mãe: nem penses que vais levar isso.

Eu: os livros acalmam-me, minha mãe.

A minha mãe: foi por causa disso que tudo aconteceu. Não viste que foi por

isso que tudo aconteceu? Não viste que foi isso que deixou o teu pai onde está?

Eu: são só livros, mãe.

A minha mãe: isso não são livros, é uma doença. E com essa doença podes ter matado o teu pai. Não tens vergonha? Será que não tens vergonha?

A mão aberta da minha mãe na minha cara indefesa. Tenho de entender os caminhos ínvios da dor. Sou outra vez o saco de pancada. A grandeza está no número de vezes em que percebes que és o saco de pancada que salva quem amas, e continuas. Não dou a outra face. Fujo. Não respondo. Fujo. A grandeza está na coragem de fugir quando tudo o que te apetece é lutar. O maior é o que não tem vergonha de fugir do que só vai magoar.

A minha mãe: vais ver se não resolvo já isto.

Eu: o que vai fazer, minha mãe?

A minha mãe: o que já deveria ter feito há muito. O que eu e o teu pai já deveríamos ter feito há muito.

Eu:

A minha mãe: vou cortar o mal pela raiz. Assim acaba-se esta palhaçada de vez. Quero que quando o teu pai voltar esta casa esteja livre deste pesadelo, desta praga que trouxeste para cá.

Eu: não. Não faça isso, mãe.

A minha mãe: faço. Estou a fazer. Preciso de fazer.

Eu: não, mãe. Por favor não os queime. Não. Preciso deles. Preciso.

A minha mãe: do que tu precisas sei eu. Olha para eles tão bonitos assim.

Eu:

A minha mãe: olha como vão bem ao lume. Nunca vi uma fogueira tão bonita.

Eu:

A minha mãe: olha bem e agradece-me. Um dia vais agradecer-me, tenho a certeza.

O inferno é onde os sonhos ardem. Estou a assistir ao meu. Não luto. Deixo que as labaredas consumam o que me levava para longe do que me falta. Sou agora uma sem-abrigo. Levaram-me a casa que me protegia do pior. Estou à mercê da realidade. Os meus livros são um monte de cinza num caixote do lixo. A minha mãe já não chora, ganhou força com o que me fez. Saber que a salvei deixa-me resistir. Dou-lhe um abraço. Digo-lhe para irmos para o hospital. Não esqueço o que fez mas quero-a viva. Perdoar é estar do lado da vida. No táxi volta aos meus ombros, como se eu fosse outra vez a menina pequena que só fazia o que ela queria. Há quem precise de dar cabo do outro para não dar cabo de si. Sou de bom grado esse outro. O meu pai continua parado numa cama de hospital. Por ele nada posso fazer. O beijo terno da minha mãe na testa do meu pai parado. Deixei-a pronta a ser o que ele precisa. Posso muito bem ter matado o meu pai. A cara da minha mãe encostada à cara do meu pai, a mão dela a acariciar-lhe o cabelo. Posso muito bem ter salvado a vida da minha mãe.

Suavizar a morte é humano. Escondemos o que é insolúvel, enviamos para a parte de trás da casa o que não queremos que ninguém veja. Varre-se um morto para debaixo da vida visível. Tudo na morte nos mostra o que não somos. Trazê-la para a vida é saber que mandamos pouco. Os mortos estão em caves antes de estarem em buracos. Temos medo do que não dominamos mas é o que dominamos que nos domina, que nos controla. Os olhos do médico trazem desesperança por mais que as palavras não o digam. Temos medo das palavras definitivas. Morte, cancro, fim. Arranjamos eufemismos para que a lasca não vá mais fundo. A mão da minha mãe a apertar a minha. Queria acreditar no que ouço e não no que vejo. A felicidade está muitas vezes na escolha do sentido que queres usar. Os felizes escolhem o sentido que traz a melhor sensação. Mesmo que estejam errados já foram felizes. A felicidade é sempre parte do passado. Quando a vivo já estou a sentir-lhe a falta. O meu pai prostrado numa cama e eu a pensar na minha felicidade. Vivemos dentro da nossa cabeça. O mundo é só barulho de fundo.

O médico: o prognóstico ainda é reservado.

A minha mãe: reservado?

O médico:

A minha mãe: diga-nos tudo, doutor. Por favor diga-nos tudo. Não tenha pena de nós.

O médico: é tudo o que posso dizer, minha senhora.

Eu: mas está estável, senhor doutor?

O médico: sim, continua estável.

A minha mãe: e não vai acordar? Não vai acordar?

O médico: como lhe referi, tudo o que possamos dizer agora é prematuro. Queremos avaliar dia-a-dia a evolução.

Eu:

A minha mãe:

O médico: mas temos de acreditar que vai acordar. É uma possibilidade real. Temos de acreditar.

A ciência não tem crenças. Quando ouves um médico dizer que acredita é melhor acreditares que já não acredita muito. Um médico diagnostica. Tem certezas. É no meio das certezas que entra a fé. O que a ciência deixa por explicar. Não acredito que este médico acredite. Mas eu tenho de acreditar. É no meio das lágrimas que entra a fé. O que o desespero deixa por explicar. Já muitos voltaram de onde a Medicina não conseguiu trazê-los. Já li, tenho-o como adquirido. Enquanto houver o meu pai a respirar vou acreditar no meu pai a respirar.

A minha mãe: acorda, filha, acorda.

Eu: o que foi?

A minha mãe: o teu pai. O teu pai. O teu pai.

Eu: o que tem? Aconteceu?

A minha mãe: aconteceu.

Eu: não. Não. Não pode ser.

A minha mãe: aconteceu o que tanto quisemos que acontecesse. Acordou, filha. O teu pai acordou.

A felicidade maior vem depois da possibilidade da infelicidade maior. Somos viciados em picos. É necessário que pequenas mortes aconteçam em nós para que saibamos a que sabe a vida. A vida profunda, desde a origem. O meu pai de olhos abertos a ver-me entrar no quarto. Para nos erguermos precisamos de estar caídos, quase vencidos. As vitórias mais saborosas não são as maiores; são as que vêm de mais longe, as que vêm de mais fundo. O sorriso do meu pai. Quantas lágrimas vale o sorriso de um pai que pensaste nunca mais ver sorrir? Fiquei por ele, por eles. Fiquei por isto. O gesto frágil do meu pai a pedir-me para ir ter com ele. Quantas privações vale salvar a vida dos meus pais? Ninguém sabe ser feliz pelo que permanece. Perdemos-nos à procura do que desejamos colocar no que temos. Não quero mais do que isto agora. A mão fraca e trémula do meu pai no meu rosto molhado. Aproveitarei a pele viva de quem amo.

O meu pai: amo-te, minha filha.

Eu:

O meu pai: desculpa.

Eu:

O meu pai: não tenho sido o pai que mereces. Não tenho sido o pai que queria ser, que sonhei ser.

Eu: não peça desculpa, meu pai. Tem feito o que pode. Não pense nisso.

O meu pai: não, não tenho.

Eu: como queira, meu pai. Como queira.

O meu pai: agora vai. Vai com a tua mãe comprar livros.

Eu:

O meu pai: ela contou-me tudo. Tens de a perdoar também. Ela não estava em si.

Eu: eu sei.

O meu pai: agora vão lá as duas. O médico disse-me que tenho de descansar a ver se esta carcaça velha se aguenta mais uns tempos.

Eu: está bem.

O meu pai: a tua mãe já sabe a que livraria deve ir. É a de um amigo meu. Tenho lá conta aberta há mais de trinta anos. É só escolheres. Mas vê lá se não escolhes aquelas coisas muito obscuras que andas a ler pelos cantos, está bem? Tenta drogas mais equilibradas. Toma lá uma lista dos meus favoritos de sempre.

A magia de cada minuto é não sabermos o que nos vai trazer cada minuto. O abraço fraco mas tão forte do meu pai. As lágrimas acalmadas da minha mãe. A felicidade pode ser só um alívio. A vida dá-nos lições valiosas. A morte, nem que apenas o seu vislumbre, também.

A verdade é um edifício no meio da bruma. A qualidade de um facto está sobrestimada. O que mexe comigo é verdadeiro. A qualidade de uma vida depende muitas vezes da qualidade da mentira. Aprender a olhar para o lado certo da realidade. Ele do outro lado da linha. Tenho de lhe dizer quem é o homem por quem se apaixonou. Tenho de lhe contar o que me fez, o que quis fazer-me. Tenho de o aconselhar a deixar de ser mais uma vítima de uma fraude. Há fraudes necessárias, fraudes milagrosas. Quantos foram salvos por algo que não existia? Tenho em mim a voracidade de me fazer de Deus para ele. Um Deus vaidoso, sedento de sentir mitigado o que o aperta, de ver o resultado do seu poder sobre os outros. A verdade é que há egoísmos bonitos.

Ele: o que é que me estás a dizer?

Eu: o que acabei de te dizer.

Ele: repete lá isso.

Eu:

Ele: repete lá isso, já te disse.

Eu:

Ele: quero ver se não houve um problema na linha. Certamente não ouvi bem o que me disseste.

Eu:

Ele: só posso ter ouvido mal.

Eu: ouviste bem, tenho a certeza.

Ele: então lamento.

Eu:

Ele: lamento muito que tenhas caído nesse erro. Mas és humana como os outros. Tenho de compreender.

Eu:

Ele: e tenho também de desligar a chamada.

Eu: o que estás a dizer?

Ele: vou fazer como tu: não vou repetir. Vou só desligar a chamada.

Eu: não percebo. O que estás a dizer? O que estás a fazer?

Ele: sei que é humano o ciúme. Sei que é humana a possessividade. Sei que és humana. Sabendo tudo isto, sei que o melhor é desligar a chamada.

Eu: ciúme? Possessividade?

Ele:

Eu: julgas que te revelo isto porque tenho ciúmes dele? Julgas que o faço porque te quero mais para mim?

Ele: obviamente que negarás. Isso também é humano. Custa muito sermos colocados perante o que somos. É por isso que ambos sabemos que existem os livros: para nos colocarmos perante nós usando as vidas que lemos. Assim ficamos a salvo.

Eu:

Ele: mas neste caso não aguentaste e não quiseste deixar-me a salvo. Preferiste

ficar a salvo nem que me tenhas de me chamar a mim para o perigo. Aqui estou. Mas garanto-te que não há perigo algum. Fica descansada.

Eu: não nego. Não nego que tenho ciúmes dele, não nego que te queria mais para mim. Não nego até que te queria todo para mim como dantes, aqui ao meu lado. Não nego isso tudo. Mas como bem sabes não seria capaz de fazer o que quer que fosse só por causa disso tudo que não nego. Até porque disse que não quando me pediste para ir contigo, quando isso sim me garantiria que te teria todo para mim. Não me tomes por gente dessa estirpe.

Ele: belas palavras. Vejo que continuas a ler muito. Mas não muito bem.

Eu: fico triste com o que disseste. Fico desiludida com a ideia que, ao fim de tanto tempo, tens de mim. Acreditei que me conhecesses. Equivoquei-me.

Ele:

Eu: mais grave ainda: acreditei que te conhecesse. Não conheço. Não sei quem és. Quem eu ouço não é o meu amigo. É uma espécie de refém de algo que não é o que ele acredita que é. Tens razão numa coisa.

Ele:

Eu: é de facto o momento para lamentar. Lamento muito que tenhamos chegado a este ponto.

Ele: eu também.

Eu:

Ele:

Eu:

Ele: e lamento muito ter de desligar a chamada, como te disse há pouco. Dá-me licença, sim?

Eu: desliga, sim.

Ele:

Eu: e tem cuidado. Sobreretudo isso. Tem cuidado.

Ele: não te preocupes.

Eu:

Ele: tem cuidado tu também. Contigo, sobretudo.

Eu:

Ele: adeus.

Somos casas frágeis. O barulho da chamada terminada. Há com certeza facas espetadas que causam menos dor. Estou dobrada. O corpo comprime-se. Não sei se ainda tenho um amigo. É difícil resistir ao final do eterno. Era ele que me aguentava no interior do caos, no lado de dentro do labirinto. Quem serei sem a pessoa que me fazia o que sou? É possível que esteja sozinha. Continuarei a estar certa de que fiz o certo. Não podia descansar sem ter tentado. Não sei o que será dele. Sei o que será de mim. Serei quem sou. Persistirei em mim. Não reformularei. Fiz o que sou. Não devo arrepender-me, não devo mudar. Passamos o tempo a procurar a adaptação ao que nos acontece. A adaptação inteligente é ao que somos. Sabermos de onde vimos, para onde vamos. O mais complicado é sabermos para onde não vamos. Não vou para onde a dor do que me acontece quer levar-me.

Persisto. Aguento. Mantenho-me. Chama-se teimosia à consistência. Não serei lembrada pela minha plasticidade. Se tiver de ser nem sequer serei lembrada. Farei de cada dia o que cada dia eu quiser que seja. A revolução pode ser ficar tudo na mesma.

A fragilidade dos indestrutíveis apazigua os medos, torna-nos semelhantes, pessoas com espaços vazios. Um pai pensa durante muito tempo que pode ser intangível, uma criatura quase mística para os seus filhos. É uma raridade o pai humanizado. Poucos viram o pai chorar. Chama-se fraqueza à lágrima e há tão poucas coisas que fortalecem mais do que a sua queda. Via o meu pai como inexpugnável, uma fortaleza incapaz de ser tomada. Agora é este pedaço de fraqueza que trouxemos para casa. Não consegue ainda andar, pouco consegue mexer-se. Nunca foi tão forte em mim. Trato dele como da minha continuidade. Coloco nele o que já não tenho. Vivo para ele sempre que estou em casa. Tive de quase o perder para finalmente o ganhar. Tenho um pai.

Eu: está confortável assim, meu pai?

O meu pai: sim, obrigado, meu amor.

Eu: não precisa mesmo de mais uma almofada?

O meu pai: não, estou óptimo assim.

Eu:

O meu pai: bem, óptimo não direi, dadas as circunstâncias. Mas estou óptimo dentro do que tenho.

Eu:

O meu pai: é isso o que temos de procurar, não é?

Eu: é isso o que podemos procurar: o nosso óptimo. Cada um tem o seu.

O meu pai: ler vale mesmo a pena quando podemos ouvir respostas dessas.

Eu:

O meu pai: és tão bonita, minha filha. Tão bonita.

As palavras simples têm um poder único. Caímos na tentação de procurar o difícil e perdemos as oportunidades. O simples diz tudo. Escondendo-me uns segundos no quarto para chorar. Para sentir as palavras que ouvi, para saborear o pai que passei a ter. Não devem ter sido só uns segundos, afinal. Já o ouço chamar-me. A voz mais forte. Está a ficar recuperado, está a ficar capaz. Sou capaz de preferir que fique assim mais uns tempos para o ter para mim, para o descobrir mais um pouco. Serei outra vez egoísta? Estarei a querer dele o que quis de quem já foi meu amigo? Serei mesmo assim, esta pessoa possessiva? Creio que amo, e por isso quero. A toda a hora. Mais. Profundamente mais. O meu pai a chorar. Parece um menino com vergonha do que fez. A perversidade de termos vergonha do que falhamos. É corrupta a construção social que nos é vendida. O meu pai sem palavras a mostrar-me que não se aguentou. Que fez nas calças o que deveria ter feito na casa de banho. As lágrimas copiosas e envergonhadas do meu pai. Eu a dar-lhe a mão, a dar-lhe o ombro. Não vou acordar a minha mãe para limpar o meu pai. Levo-o comigo, sento-o onde tem de se sentar. Com um pano molhado ponho-o limpo, outra vez digno. Quero que saiba que nunca o amei tanto. Dou-lhe um beijo leve na testa. Está imaculado, cheiroso. Abraço-o. As lágrimas dele sem parar. É na dor que se ama. Na festa só se festeja.

O meu pai: tenho de te dizer algo.

Eu: tudo o que quiser, meu pai.

O meu pai: preciso mesmo de te dizer isto. Nunca o disse a ninguém. Nem a tua mãe o sabe, embora já o tenha sentido na pele. Como tu já o sentiste na pele. A toda a hora, desde sempre.

Eu:

O meu pai: eu tenho uma doença, minha filha.

Eu: sim, mas está curado. Está a ficar curado. É para isso que aqui estamos. Descanse que vai ficar curado, paizinho.

O meu pai: não falo dessa, não falo do corpo. Com essa posso eu bem se te tiver e à tua mãe comigo.

Eu:

O meu pai: falo da que vem daqui. Desta cabeça. Desta cabeça que me faz fazer o que não quero, dizer o que não quero, agir como não quero. Falo desta. Da que tenho aqui.

Eu: da cabeça? De que está a falar?

O meu pai: vou contar-te tudo. Vou contar-te do diagnóstico que já me fizeram há muito e que tenho escondido de toda a gente. E chegou a hora de saberes. Tu mereces, a tua mãe merece. Não quero mais ser a pessoa miserável que às vezes sou. Não quero que pensem que o faço porque sou assim.

Eu:

O meu pai: sou uma pessoa doente, não sou uma pessoa má. Até hoje, até este momento, preferi assim: preferi que me vissem como mau e não como fraco. Mas estes dias fizeram-me perceber que estava errado, que é muito mais digno ser doente do que mau.

Eu: não estou a entender, meu pai.

O meu pai: já vais entender. Chamas a tua mãe, por favor? Eu chamaria mas temo que a minha voz ainda não chegue para a acordar.

Eu: claro, meu pai. Claro.

O meu pai: obrigado. E antes de ela chegar deixa-me dizer-te a ti, só a ti, que todas as vezes em que fui violento contigo, em palavras e em actos, não era eu. Era isto que tenho na cabeça, isto que me recusei a aceitar como grave desde que soube que o tinha. Sempre que te magoei estava a magoar-me mais ainda, acredita.

Eu:

O meu pai: e o pior é que isto pode acontecer outra vez. Isto pode acontecer sempre. Sempre. Deixa-me pedir-te já desculpas pelo que possa vir a fazer. Perdoa-me. Sê grande o suficiente para me perdoares ter isto. Prometo que tudo farei para vencer esta guerra que travo dentro da mente. Prometo tentar deitar abaixo o que tenho. Mas se voltar a ser o animal que te morde perdoa-me.

Tenho um pai doente. Não sei ainda ao certo o que é, como é, se haverá uma cura. Tenho um pai doente. E no meio desta frase consigo extrair o que mais interessa, o que mais deve ser destacado. Tenho um pai. Está nos meus braços, deitado como o menino que ainda é. A infância nunca passa. Tenho um pai. Vamos juntos atrás do que o tortura.

Deveríamos aprender a discutir. Aprender a não ferir o outro quando não é o que queremos, quando não pensa o que queremos. Atacamos o mensageiro quando não gostamos da mensagem. Atiramos a matar, para que a mensagem morra. Às vezes morre também o mensageiro. Trememos perante quem sabe o que somos, onde pode contundir-nos a sério. Atacamos de olhos fechados, sem plano. A guerra é ganha por quem a evita. Os outros ou matam ou morrem, e sabe-se lá qual dos dois morre mais. Sabe-se mais para magoar mais. Usamos o conhecimento que temos do outro para o ter na nossa mão. Somos todos arquivos de armas biológicas. Quando nos vemos apertados largamo-las. Arrependemo-nos depois mas é tarde de mais. Já deixámos uma chacina para trás. Tentamos compor os cacos, juntar as peças. Não se pode juntar o que já foi acabado. A minha mãe e o meu pai atacam-se. Ela sabe o que ele tem e não responde. Não sabia que ele era doente e já era assim. Sexto sentido ou só medo. Ele está louco. Corre atrás dela. Não sei o que lhe fará se a apanhar. Eu estou a meio. Estou sempre a meio. Tento acalmar. Estou longe de estar calma. O meu pai doente a insultar a minha mãe infeliz. Não sei se tenho pena dele ou dela.

O meu pai: anda cá, sua desgraçada. Não fujas. Julgas que não sei o que andaste a fazer?

A minha mãe: não fiz nada. Juro que não fiz nada. Juro.

O meu pai: estás a dizer que eu não vi o que vi? É isso?

A minha mãe:

O meu pai: estás a dizer que não te vi às escondidas a falar ao telemóvel?

A minha mãe: não falei às escondidas com ninguém. Juro. Juro.

O meu pai: eu vi. Eu vi. E sei que boa coisa não era. Se fosse não precisavas de te esconder.

A minha mãe:

Eu: tenha calma, meu pai. Tenha calma.

O meu pai: tu não te metas, ouviste bem? Tu não metas ou ainda vais levar também. Isto não tem nada que ver contigo. Deixa-nos. Mete-te já no quarto e deixa-nos.

O pânico obriga. Tira discernimento e faz-nos tentar o que for preciso para sair dele. A minha mãe a ser encontrada pelo meu pai. O meu pai a agredi-la. Eu sem saber se saio do quarto de onde espreito tudo isto ou se me deixo estar, a ver a minha mãe a levar uma coça do meu pai. Saio. Não chego a tempo. Quando estou a chegar a minha mãe solta-se por segundos do meu pai. Em segundos encontra uma saída, a saída possível. A janela aberta, a janela do nosso terceiro andar aberta. O barulho do corpo da minha mãe a cair na pedra lá em baixo. O grito do meu pai. O meu grito. A minha mãe sem reacção lá em baixo. Os olhos fechados dela, o corpo sem movimento. Há quem perca a vida para perder o medo. Há quem morra para fugir da morte.

O meu pai: então, doutor? Então?

O médico: tenho boas notícias.

Eu: sim? Sim?

O meu pai: diga, doutor. Diga.

O médico: está fora de perigo.

Eu: que alívio.

O meu pai: obrigado, doutor.

O médico:

O meu pai: já recuperou a consciência? Já voltou a si?

Eu: vai ficar tudo bem com ela?

O médico: ainda não sabemos tudo, mas já sabemos, com toda a certeza, que não voltará a andar.

O meu pai: o quê?

Eu: não. Não pode ser. Não pode ser.

O médico:

O meu pai:

Eu:

O médico: lamento imenso.

Eu: isso é definitivo?

O médico: como comecei por referir, temos toda a certeza disso. Em relação a isso não pudemos fazer nada. Tentámos, fizemos tudo o que podíamos, mas não pudemos fazer nada.

O meu pai: tenho a certeza de que estão enganados. Tenho a certeza. O meu amor não pode ficar assim. Não pode.

O médico: lamento imenso.

O meu pai: deixe-se de lamentações e vá mas é trabalhar. Vá para lá fazer o seu trabalho e pôr a minha mulher a andar. Estou farto de lamentações. Farto. Vá fazer o seu trabalho.

Eu: calma, pai.

O médico: com licença.

Eu: obrigada, doutor.

O meu pai:

Eu: calma, meu pai. Temos de ter calma.

Somos poderosos encapotados. Desde pequena que me assusta a liberdade que nos deram. Podemos dar cabo de nós, dar cabo do outro. É tudo fácil. Dizemos que há um ser superior para disfarçamos o que está na nossa mão. Queremos que não nos pese o poder que temos. Posso pegar numa faca, numa pistola, tomar vinte comprimidos, envenenar alguém com a comida que lhe dou, atirar-me ou atirar alguém de uma janela alta, mergulhar no mar revolto, deixar-me ir. Somos poderosos cobardes. O livre-arbítrio é um teste cruel. Decidimos o que somos capazes de decidir, não o que queremos decidir. Deram-nos a razão para doer mais quando a perdemos. Somos instinto. Somos biologia. Biologicamente a minha mãe é parálitica desde hoje. Abraço-me a ela, ainda a dormir, sem saber que da cintura para baixo deixou de ser quem é. A minha lágrima escorre-lhe pela cara. Vai ter finalmente um corpo coerente. Há muitos anos que não conseguia mexer-se.

Foge-se com o corpo para que o resto possa acompanhar. Vai-se para longe. Não estamos onde a geografia está. Estamos onde sentimos. Onde lembramos. A fuga não existe. Fugimos do que levamos para sempre connosco. Acordei e o meu pai não está. Nem as roupas dele, nem as coisas dele. Ficou a cobardia dele. Eu e a minha mãe sozinhas. Vou ter com ela, coloco-a na cadeira de rodas, tiro-lhe a fralda, dou-lhe o banho, lavo-a bem. Estamos sozinhas com o meu salário. Sozinhas com os nossos medos, com as nossas perguntas. Serei capaz de ser mãe para a minha mãe?

A minha mãe: obrigada, minha filha.

Eu: não tem nada para agradecer, mãe. Nada.

A minha mãe: eu faço o que tenho de fazer, sim. Mas faço mais ainda o que quero fazer. Quero tratar de si. Quero fazê-la feliz.

A minha mãe: ele não vai voltar, pois não?

Eu:

A minha mãe: gostava de ter raiva dele, sabes?

Eu:

A minha mãe: mas tenho pena. Pena do que vai naquela cabeça. Nunca percebi aquela cabeça.

Eu:

A minha mãe: e agora sou um fardo para ti. Vou ser sempre um fardo para ti.

Eu:

A minha mãe: que vai ser de nós, filha? Que vai ser de nós?

Eu: não se preocupe, mãe. Não se preocupe. Nós vamos ficar bem. Nada nos faltar, prometo.

A minha mãe: foste a única parte da minha vida que deu certo. A única parte da minha vida que correu bem.

Eu: obrigada, mãe. Obrigada.

A minha mãe: e o mérito é teu, só teu. O que nós fizemos contigo não merecia que fosses tão boa para nós, que fosses uma pessoa assim.

Eu: obrigada, mãe.

A minha mãe: obrigada eu. Por seres assim. Por teres conseguido tornar-te numa pessoa assim.

Eu:

A minha mãe: és assim apesar de nós.

Eu:

A minha mãe: poderias ser rancorosa, poderias ter fugido, poderias ter-nos deixado no meio desta porcaria toda que era a nossa vida. Mas ficaste.

Eu:

A minha mãe: os livros salvaram-te, não foi?

Eu:

A minha mãe: e eu queimei-os.

Eu:

A minha mãe: que burra, que burra. Como pude fazer aquilo? Como conseguiste perdoar-me?

Precisamos de um vidro partido pelo vento para finalmente mudarmos a janela estalada. Erramos sempre sem querer mesmo que seja de forma voluntária. Ninguém quer errar. Todos querem a felicidade prometida. Percorremos o que for necessário para chegar a ela, fazemos o que for necessário para chegar a ela. Caímos em ilusões, somos nós mesmos ilusões. Não perdoo porque não sou vítima. Jamais serei vítima. Sou dona do meu caminho. Tenho de aceitar os erros que nele aparecem. Magoamo-nos uns aos outros. Temos de perceber o erro, construir sobre ele. Temos de errar diferente. Crescer é encontrar erros diferentes. Viver é encontrar erros diferentes. Não gostava de não errar. Só gostava de errar para a frente. O abraço da minha mãe não me faz perdoá-la. Faz-me continuar a amá-la.

Eu: agradeço muito a oportunidade.

O dono do restaurante: nós é que agradecemos a sua disponibilidade. Estou certo de que será um prazer tê-la na nossa equipa.

Eu: o prazer será meu. Agradeço-lhe imenso a abertura para me dar esta oportunidade assim tão rapidamente.

O dono do restaurante: sei quando encontro pessoas de confiança, que podem trazer mais-valia ao meu espaço.

Eu: grata, meu senhor.

O dono do restaurante: tenho a certeza de que vai encaixar na perfeição na nossa equipa. Somos todos boa gente.

Eu: já deu para ver que sim.

O dono do restaurante: pode começar quando?

Eu: por mim pode ser já hoje.

O dono do restaurante: aí é?

Eu: se quiser, é claro.

O dono do restaurante: claro que sim. Consegue estar aqui por volta das seis da tarde?

Eu: com certeza.

Nada nos faltarão. Temos forças que só aparecem quando nos faltam as forças. Forças que estão atrás do que vemos, atrás do que acreditamos ser. Dois empregos para nada nos faltar. Sairei da fábrica para o restaurante, do restaurante para a minha mãe paralítica em casa. Nada lhe faltarão. Estamos sozinhas. Seremos fortes. Seremos felizes quando for possível ser feliz. Mãe e filha. Duas pessoas. Seremos apenas duas pessoas, sem pesos, sem títulos sociais. Uma na outra. Quando esquecemos quem dizem que somos percebemos enfim o que somos.

O amor é só um dos motivos possíveis para me entregar a alguém. Para dar o corpo a alguém. Há por aí os românticos que dizem que é o único, que coisa básica. Parece que construímos conceitos para destruir pessoas. Posso entregar-me por tanta coisa para além de amor. Pode ser por prazer, pode ser por diversão, pode ser por necessidade, pode ser porque naquele momento foi o que fez sentido, o que num dado momento tinha de ser. Reduz-se a amor o que pode ser tanta coisa. Pesa-nos muito o que outros reduzem a amor. Pensamos que se não for amor estamos a ser más pessoas, a agir de forma errada, a fazer o inaceitável. Pensamos que é pecado, que é depravação. Depois mesmo que o façamos já o fazemos a medo, com uma dor por detrás das sensações. Parece que precisamos de castigar a felicidade sempre que não é a nossa. Colocar-lhe um estigma, um preconceito. Quantos orgasmos se perdem por vergonha?

O dono do restaurante: tens a certeza de que queres isto?

Eu: claro. Vem.

O dono do restaurante: olha que não quero forçar nada. Não quero que faças nada de que depois possas arrepender-te.

Eu: fica tranquilo.

O dono do restaurante: não quero nada que possa estragar a nossa relação. Temos uma relação tão bonita. Estou a gostar tanto de te conhecer. Não quero estragar isto de maneira nenhuma.

Eu: não vais estragar nada. Não vais estragar nada.

O dono do restaurante: tens a certeza?

Eu: sim.

O dono do restaurante:

Eu: vem. Vem sem medo. Eu quero. Quero que sejas tu.

O dono do restaurante: que seja eu?

Eu: que sejas tu o primeiro.

O dono do restaurante:

Eu: e quero que seja agora.

O dono do restaurante:

Eu: agora ou é tarde de mais.

Não perderei um segundo por vergonha. Antes sem vergonha do que sem mim. Conheço este homem há quase um ano, desde que estou neste restaurante. Com ele sou eu. Gosto dele. Não o amo. Quero-o. Quero-o em mim, todo. Merece. Mereço. Dá-me o carinho que poucos me deram. Preocupa-se, pergunta, está presente. Ajuda-me no que é preciso. Valorizo cada segundo em que me valorizam. Até da minha mãe já tratou. Gosta de verdade de mim. Quero ser dele porque me apetece. Não magoo ninguém, não ofendo ninguém. Todas as regras deveriam reduzir-se a essa. Se todos fizéssemos o que nos apetece sem magoar ou ofender ninguém tudo estaria bem. Complicamos tudo para podermos atacar tudo, para que uma pedra possa sempre andar no bolso. Vou ser pela primeira vez de alguém. Podem atirar-me a pedra que quiserem, pensar o que bem entenderem. Estou feliz. Quero-o. Não

quero saber daquilo que já sei, daquilo que todos já sabem. Não quero saber da idade dele, não quero saber se é muito mais velho do que eu, muito mais experiente do que eu. Não quero saber se pensam que está a aproveitar-se de mim, da menina que ainda agora virou senhora. Não quero saber do que estou farta de saber. Coitadinhos dos que me dizem coitadinha. Estão fechados nas suas concepções, no seu quadrado. Precisamos do nosso quadrado para não nos perdermos. Todos queremos a liberdade mas poucos a aproveitam. Talvez a grande liberdade seja condicionada. Quero que sinta que o quero. Quantas pessoas passariam a ser felizes se dissessem mesmo aquilo que querem? Quantas pessoas passariam a ser felizes se fizessem mesmo aquilo que querem? A felicidade é, mais vezes do que imaginamos, uma decisão. Decido querer.

O dono do restaurante: és linda.

Eu:

O dono do restaurante: foi maravilhoso.

Eu: foi.

O dono do restaurante: sentes o mesmo?

Eu: sim.

O dono do restaurante: também sentes que foi maravilhoso?

Eu: sim.

O dono do restaurante: e também sentes o que sinto por ti?

Eu: não sei.

O dono do restaurante: não sabes?

Eu: não sei o que sentes por mim.

O dono do restaurante: não suspeitas?

Eu: posso ter umas ideias.

O dono do restaurante: não queres partilhá-las?

Eu: prefiro que mo digas.

O dono do restaurante:

Eu: ou tens medo?

O dono do restaurante: medo nenhum.

Eu:

O dono do restaurante: só de não ser correspondido.

Eu: arrisca.

O dono do restaurante: arrisco.

Eu:

O dono do restaurante: amo-te.

Sou amada por um homem. Sei que não o amo. Estou feliz. Sou querida e quero. Não há amor. Nem tudo o que se quer tem de ser amor. Nem todas as pessoas precisam de amor para serem amadas. Há o suficiente para o querer em mim. Mais em mim. Sou amada por este homem. Quando chegar a casa vou contar à minha mãe, vou fazê-la feliz, querida por eu ser querida. Vamos abraçar-nos como nos temos abraçado desde que o corpo dela não se mexe. Seremos duas adolescentes a falar dos namoricos. Sou amada por um homem. Sou enfim uma

mulher. Não sei quem serei. Não deixarei de ser eu. Tem-me bastado para ser tudo o que quiser.

Decidir bem tem de ter fogo e coragem. Tememos a fogueira alta porque pode arder sem controlo. Prefiro saber que é dela que vem o calor. A lucidez não está longe da loucura. Gasta-se o tempo a fugir daquilo para que existe o tempo. Para que quero a vida se não a sentir? A repetição segura-nos, deixa-nos sólidos. Depois tem de haver o que prova a nossa existência, a ausência de chão. Fascina-me o antes de mim, o que eu poderia ser.

O dono do restaurante: sou louco por ti. Desde que te conheci que sou louco por ti. Já são mais de três anos de loucura. Não sei se aguento muito mais.

Eu: aguentas, claro.

O dono do restaurante: pois aguento. Sou louco por ti.

Eu: eu sei.

O dono do restaurante: gosto dessa tua sinceridade. Faz-me rir. Faz-me gostar ainda mais de ti.

Eu: continuo a saber.

O dono do restaurante: e sabes que seria capaz de tudo por ti? De tudo mesmo? Sabes, não sabes?

Eu: afirmativo.

O dono do restaurante: posso beijar-te mais uma vez? Posso levantar-me e dar-te um beijo como aqueles dos filmes românticos?

Eu: sempre quis um beijo desses.

O dono do restaurante: pode ser agora?

Eu: pensei que nem ias perguntar.

O dono do restaurante: não devia?

Eu: ainda continuas a perguntar quando certamente já deverias estar a fazer.

O dono do restaurante: levantas-te comigo?

Eu: experimenta e logo vês.

Era simples dizer que não a este homem com o dobro da minha idade. Era simples não estar aqui com ele, neste restaurante cheio com as velas a arderem no meio de nós. Era simples não ver os olhares de soslaio, a reprovação. Era simples não me levantar e não o deixar beijar-me, os dois de pé, enquanto me curva para trás. Era simples deixar de sentir. A vida está no buraco da agulha, entre o que queremos e o que queremos ser. Não me peço mais do que coragem. Tudo muda, sobretudo as constantes.

O dono do restaurante: obrigado por teres alinhado.

Eu: obrigada eu. Estava curiosa desde que o vi no primeiro filme que vi.

O dono do restaurante: soube-te bem?

Eu: bastante.

O dono do restaurante:

Eu:

O dono do restaurante: não perguntas como me soube a mim?

Eu: sei perfeitamente como foi para ti.

O dono do restaurante: como foi?

Eu: perfeito. Ficaria triste se fosse menos do que isso.

O dono do restaurante: amo-te.

Eu:

O dono do restaurante: sabes que não foi um beijo inocente.

Eu: de inocente não teve nada. Já passei essa fase dos beijos inocentes.

O dono do restaurante: não é isso.

Eu:

O dono do restaurante: queria agarrar-te por um motivo concreto. Muito concreto.

Eu: mais concreto do que ser maravilhoso abraçar-me?

O dono do restaurante: sim.

Eu:

O dono do restaurante: vê o que te deixei no bolso das calças.

Eu:

O dono do restaurante: encontraste?

Eu: sim.

O dono do restaurante: abre.

Eu: sim. A minha resposta é sim.

O dono do restaurante: mas nem viste o que é.

Eu: quero que a resposta seja antes dos sentidos. Quero a resposta pura.

O dono do restaurante: é sim?

Eu: sim. Absolutamente sim.

O dono do restaurante: será um privilégio fazer com que deixes de ser a mulher solteira mais linda de sempre.

Eu: eu sei.

Lemos o mundo como um livro em branco. Colocamos lá as palavras que queremos, os capítulos que desejamos ler. Quando pensas de mais no que vai ser acabas por fundi-lo com o que é. Deixas de ter tempos. Vives o que pensas, o que projectas. Corremos para fugir ou para apanhar o tempo? Se tiver de ficar presa que seja a um momento. Desvaloriza-se sempre o imprevisto quando grande parte da felicidade não foi planeada. Tenho um homem apaixonado por mim à minha frente. Acho que sou a maneira de ele fugir da jaula em que sempre viveu. Habituei-me desde sempre a ser paisagem e sabe tão bem ser a tela cheia de alguém. Jamais me contentarei com o que está no guião. É um aborrecimento viver as certezas.

Quando for grande quero perdoar melhor. Sempre melhor, sempre com menos hesitações. Sempre por inteiro. O perdão não existe, nem lado bom nem lado mau. Somos criaturas híbridas, inexplicáveis. Quando for grande quero esquecer melhor, deixar de lado o que magoou, olhar para o que pode deixar de magoar. Quando for grande quero ver melhor, saber que há em tudo a beleza única de cada tudo. Quando for grande quero ser um abraço em movimento, procurar não recear a entrega, saber que se não me entregar não sinto. Quando for grande não quero saber mais do caminho que ando, isso é para os desventurados que sabem tudo e sentem nada. Quero é aproveitar esse caminho para o aproveitar, não para o entender. Quando for grande quero ter um amigo. Já o tenho outra vez.

Ele: estava cego. Estava cego por ele.

Eu: estavas apaixonado. Pode bem ser a mesma coisa, como tão bem sabemos.

Ele: aprendemos isso nos livros.

Eu: os livros abrem as portas que depois a vida aproveita.

Ele: ou o contrário.

Eu: isso. Já tinha saudades de algum contraditório quando falo de livros. Faz-me falta a tua interpretação.

Ele: aí está uma bela declaração.

Eu: isso: faz-me falta a tua interpretação. Do mundo, da vida. Dos livros, como é óbvio.

Ele: nunca pensei que me perdoasses.

Eu: nunca pensei não te perdoar. Não foi uma possibilidade. Não sou grande e perfeita o suficiente para perdoar.

Ele:

Eu: mas se é isso que queres: perdoo-te, claro. Não vejo porque haveria de não perdoar.

Ele: poderias não perdoar que te deixasse estes anos todos. Poderias pensar que te trai, que trai o que fomos.

Eu: o que somos não se trai. É o que somos, não o que vamos sendo.

Ele: o gerúndio não serve para nada.

Eu: vai servindo, vai servindo.

Damos tudo menos o que sentimos. Isso é nosso, intransitivo, o que nos distingue. Não somos o que nos acontece, seria previsível de mais. Não somos ainda o que estamos a ser. Passamos do sol à chuva, do calor ao frio, a cada dia que andamos por aqui. Amo-o. É o meu amigo. Desde que foi que não encontrei felicidade maior do que esta de ele voltar. Passaram uns anos e estamos os mesmos um para o outro. Sei-o sem condições. Identifico-lhe o que o mudou. Está mais dorido, mais espesso. Ou temos muito cuidado ou crescemos tristes para dentro de nós. Ele está de volta. Não perderemos mais tempo a falar do que foi, do que nos afastou. Quero falar-lhe do que vai ser, do meu homem, do meu velhinho. Anseio pelo que me diz. Pode ser para saber se o vê como eu, para que o que é credível para mim possa ser desafiado por ele. Posso querer a aprovação dele sem dar por

isso. Sempre soubemos que sonharíamos juntos.

Ele: por essa é que eu não esperava.

Eu: se esperasses não era eu. Sabes que gosto de ver a tua boca aberta de espanto.

Ele:

Eu: se calhar até faço estas coisas para te ver assim, já pensaste?

Ele: não tenho dúvidas disso.

Eu:

Ele: mas fala-me dele. Conta-me tudo.

Eu: sabes que não sou dessas coisas. Vais ver com os teus próprios olhos. Terás tempo para isso. O grande narrador dá espaço ao leitor. Deixa que seja quem lê e não quem escreve a decidir o que está lá escrito.

Ele: faz-te bem?

Eu: olha para mim.

Ele:

Eu: está respondido?

Ele: sim.

Eu: mais alguma questão, caríssimo amigo?

Ele: sim.

Eu:

Ele: ama-lo?

Está no silêncio um dos segredos da humanidade. Só nós o temos. É nele que nos guardamos, numa hibernação que nos protege. A pergunta fica em mim. Ele e as perguntas difíceis. Sei que não amo o meu velhinho. Nunca o amei. Ergui esta narrativa e agora posso ser eu a deitá-la abaixo. O que nos deixa em silêncio é o que amamos. Ou o que odiamos. O que nos deixa em silêncio é o que nos toca, o que nos obriga a olhar outra vez. O que amamos é o que afasta da velocidade, o que nos faz desejar uma lentidão antiga. A modernidade tirou-nos o direito de sentir aos poucos. Nada do que ele me pergunta é novo, mas traz a voz dele pelo meio. Ouço a distância que estive entre nós. Com ele já não sei se ainda quero o casamento que estava certa de que queria. Ia casar baseada em factos que sinto realmente mas que podem não ser factos reais. Não sei se a realidade merece mexer no que sinto. Às vezes prefiro acreditar nas promessas, ser a meninice inconsequente. Se não puser em causa o que é real quem sou eu afinal? Gosto da vida porque continua sem se preocupar com as pessoas que deixa para trás. É isso enfim a liberdade. Está na hora de saber onde está a minha.

Somos viciados em ser estúpidos. Precisamos do erro para sabermos quem somos. Desejamos a estupidez para normalizarmos a falibilidade. Estou a ser estúpida. Uma besta, até. Estou aqui, fechada nesta sala. Comigo a minha mãe e ele. Olham-me sem saberem o que pensar. Na igreja o meu velhinho espera-me. Não vou chegar. Decidi agora que não vou chegar. Só penso em como vou fazê-lo. Tomei a decisão de ser estúpida e só penso em como o ser sem magoar muito. Quero magoar o mínimo possível com a minha estupidez. Não quero deixar de ser estúpida. Preciso de não casar. Preciso de ir. Não imagino para onde. Preciso de não casar. Disse que sim. Era a felicidade que me dizia que sim. Depois veio ele. Fez-me olhar outra vez. Fez-me talvez olhar pela primeira vez. De qual vida gostaremos mais: da que vivemos ou da que vive dentro de nós?

Ele: estás certa do que vais fazer?

Eu: estou certa do que não vou fazer.

Ele: tens de falar com ele.

Eu: falarei.

A minha mãe: a vida deu-te esta oportunidade de ficares com um homem bom. Vais mesmo desaproveitar o que a vida te dá?

Eu: não creio que a vida nos dê o que nos define. A vida dá-nos o começo do que nos define. O resto é connosco.

Ele: qual é então a tua vida agora?

Eu: a minha vida é o que está dentro da minha cabeça.

Ele:

A minha mãe:

Eu: neste momento sou livre. Preciso de ser livre.

Odeio sonhos que nunca acontecem. O meu vai acontecer. Vou escrever uma carta. Vou deixar-lhe uma carta e vou embora. Estarei a magoá-lo. Magoaria muito mais se ficasse, se ficasse com a certeza de que não queria ficar. Não irei falar com ele. Seria magoá-lo ainda mais. Serei julgada. Irão atirar-me pedras, chamar-me tudo. Aguentarei. Preciso das borboletas e das suas asas a bater dentro de mim. Se ele for quem eu penso que é irá entender. Vai ficar partido mas vai continuar a ver-me inteira. O meu velhinho. Gosto muito do meu velhinho. Temos de gostar com coragem. Às vezes gostar com coragem é não ficar. Não amarei por pena. Está na hora de ir à procura do espanto do mundo.

Eu: vamos.

Ele: vamos?

A minha mãe: quem? Onde?

Eu: os três. Vamos.

Ele: para onde?

Eu: para a tua casa.

Ele: para a casa da universidade?

Eu: sim. Vamos.

A minha mãe: eu também?

Eu: sim.

A minha mãe: o que faremos lá? O que fará alguém como eu lá? Parece que te esqueceste da minha condição.

Eu: lembro-me perfeitamente da tua condição. Vais comigo para o mundo grande, vamos viver outra vez. Começar de novo. As duas.

Ele: e eu.

Eu: e tu.

A minha mãe: parece que dói de tão bom. Nunca senti algo assim.

Ele: sonhar tem uma dor concreta. Só quem sonha a sente.

A minha mãe: nunca a senti.

Eu: aproveita-a.

A minha mãe: estava necessitada de estar parada. De nada acontecer. Vejo que afinal precisava era de saber o que é estar a mexer. Nunca me mexi mais do que agora, do que neste preciso momento. Estou viva.

Eu:

Ele:

A minha mãe: obrigada.

Eu:

Ele:

A minha mãe: vamos?

Eu: vamos.

Ele: vamos.

Melhor do que ser estúpido é ser estúpido em grupo. Somos três impiedosas pessoas a largarmos uma terra, um lugar, um conjunto de memórias que não largaremos. A memória do que nos mexe as entranhas nunca desaparece, o que é bom e trágico. Tento colocar o sonho no lugar da recordação. Esperar que da nova vida venham novas memórias. Ganhei já uma que não esquecerei: a minha mãe eufórica na cadeira de rodas a preparar a mala. Não há tempo nem lugar para a felicidade. Não há corpo certo para sermos felizes. Os olhos a brilharem da minha mãe. O sonho chega das mais estranhas maneiras. O que mais me faz acreditar às vezes em Deus é a ironia, o sarcasmo fino de tudo isto. Se Deus existir é hilariante. A cada peça de roupa que coloca na mala as sombras mais escuras da minha mãe desaparecem. Olhamos a toda a hora para trás, vemos o tamanho do que nos persegue. Queremos que a vida seja um instrumento. É com a consciência do que sou que tenho a coragem de querer ser diferente. Tentarei, pelo menos. A noite só cai quando não estamos nela. Quando desistimos de a encher. A luz que nunca vi da minha mãe. Está pronta. A mala está feita. A minha quase não fiz. Levarei o que tenho de levar. O resto quero de novo. Não tenho a certeza de que o que de facto procuro não é o final da prisão e apenas o final desta prisão. Não tenho a certeza de que não quero uma prisão diferente para forjar o que acreditarei ser a liberdade. Eu, ele, a minha mãe. Os três a deixarmos a nossa terra para trás. O medo e a euforia a baterem no peito. O entusiasmo sem disfarce da minha mãe. Vamos juntos até à extremidade do penhasco.

Avançar pode exigir estarmos parados. Olhar para o que há a fazer, desenhar a estratégia, o caminho. Tenho de esconder o passado atrás do sol. Trabalhar ajuda. Aqui na cidade grande continuo com dois empregos. Uma loja de roupa durante o dia, um café à noite. Descubro todos os dias todos os dias. Abro-os como se abrisse a cortina do teatro, como se começasse um livro. Acordo ansiosa para o que vai ser. Sento-me curiosa, de pipocas na mão, junto a cada instante. Observo a minha vida de fora e de dentro, como se não fosse a minha, como se pudesse perceber melhor o que sou não sendo eu. Sou metade esperança e metade saudade. Reconstruo-me fragmento a fragmento. Ele ajuda. Ajuda muito. Está quase a terminar o curso. Com distinção, claro. Melhor aluno da turma, melhor amigo do mundo. Pede-me a toda a hora para não trabalhar, para ler, para escrever. Diz-me que não preciso. Não quero a liberdade de viver à custa da liberdade de outro. É isso o que amo na imperfeição: é minha, feita por mim. Não preciso da totalidade, basta-me a tentativa. Metade da dor do planeta é ganância.

Ele: são horas de chegar a casa, minha menina?

Eu: peço desculpa, meu senhor.

Ele: assim peço o divórcio.

Eu: e com toda a razão, meu senhor. Com toda a razão. Peço todas as desculpas e mais algumas. Peço-lhe que tenha a grandeza de me perdoar.

Ele: irei reflectir sobre isso e em breve deliberarei.

Eu: por favor tenha compaixão de mim. Por mim.

A minha mãe: vocês e essas brincadeiras. Sempre os mesmos. Fazem-me lembrar uma personagem que li hoje.

Eu: voltaste a ler hoje, mãe?

A minha mãe: se voltei a ler? Desde que aqui estamos já li uns vinte ou trinta livros. Não faço outra coisa.

Ele: a culpa é minha. Quem me manda ter tantos livros em casa?

Eu: como é evidente. Estás a dar cabo da minha mãe. Estás a colocá-la o dia todo à mercê dessas criaturas diabólicas que habitam nos livros. Nunca te perdoo por isso. Nunca.

Ele: e com motivos. Nem eu me perdoo por isso. Todos os dias me martirizo pelo que estou a fazer à vida desta pobre pessoa.

A minha mãe: deixem-se disso, mas é, que ainda temos de ir ver a cidade. Ou pensam que lá por ser tão tarde eu abdico do meu passeio cultural?

Ele: calculei que não.

Eu: por quem sois, minha mãe.

A minha mãe: então despachem-se, vá. Eu já estou mais do que pronta. Já sabem onde vamos hoje?

Temos de descobrir maneiras de continuarmos a ser crianças. Haver perguntas para fazer é uma delas. A minha mãe nunca perguntou, deve ser por isso que nunca viveu. Esteve desde a nascença a lidar com certezas. Certezas fechadas, claustrofóbicas, sem espaço. É importante deixar ouvir o silêncio. Deixar que a sua

língua difícil nos ensine. O que magoa mais é o momento em que fazemos a pergunta. A resposta vem de um lugar menos escuro. Percorremos mais um canto da cidade a três. Somos uma família unida pela vulnerabilidade. É isso que nos liga ao outro, o que não somos, o que reconhecemos. A grande dificuldade é entender o contentamento. Quando o fazemos perdemos-lo. Encanta-nos o incontrolável, o insolúvel. Tenho um problema sério com a verdade: preciso com urgência de esquecer. A cidade com a minha mãe na cadeira de rodas é um conto de fadas negro, o conto de fadas dos sobreviventes. Não quero entender nada do que aconteceu comigo. Há tanto quem se perturbe por não saber o que pensam os outros. A mim perturba-me sabê-lo.

A minha mãe: gosto do que sinto aqui. Logo escrevo sobre isto.

Eu: escreves? Mas agora também já escreves, é?

Ele: sim senhora. Eu sabia que aquele computador que lhe emprestei não era só para ir à Internet.

A minha mãe: deixem de trocar, vá. Não é nada de mais. Só gosto de chegar a casa depois destes nossos passeios e escrever o que senti, deixar a experiência registada. Só isso.

Ele: faz muito bem, minha senhora. Muitíssimo bem.

Eu: apoiado.

Ele: e podemos ler isso ou não nos é permitido tal privilégio?

Eu: sim. Quem é que temos de matar para conseguir acesso a esses documentos secretos?

A minha mãe: engraçadinhos. Já sei que não posso dizer-vos nada. Para a próxima fico calada.

Ele: de facto, a ignorância é uma bênção. Mas ler os seus escritos deve ser uma bênção ainda maior.

Eu: aposto que sim.

A minha mãe:

Eu: não vais mesmo deixar-nos ler nada?

A minha mãe: vou pensar no vosso caso. Agora toca mas é a empurrar-me que esta rua sobe muito.

A felicidade é também uma questão linguística. A dor acontece muitas vezes porque a linguagem trabalhou mal. Vemos más pessoas em quem não soube dizer que era boa pessoa. A minha mãe feliz a ser empurrada rua acima na sua cadeira de rodas. O Inferno é unânime: consiste na ausência do que amamos. Quando viemos sabia que iríamos começar um mundo. Não sabia que seria um assim. Uma oportunidade basta para uma revolução, ou para fazer nada. Queremos protegernos sempre do que nos tira o sonho. Do que nos faz deixar de ouvir o barulho seguro da Terra a girar. Damos tudo para escapar do final do sonho. Apontamos ao alvo errado, disparamos sem nexos. Saberei defender-me do começo do que sonho?

De todas as emoções prefiro as que não têm denominação, as que ainda não dominámos o suficiente. Emoções secretas, singulares. Indefiníveis. Esta que sinto agora não é uma dessas. Chamam-lhe tristeza, dor maior. A morte traz uma sensação sem igual, tão conhecida como inesperada. Ninguém está pronto para morrer, por mais que muitos já tenham morrido há muito. Ele perdeu a mãe. Perder a mãe pode ser muito semelhante a perder a vida. Deixa-nos abandonados a todas as recordações que nos fizeram pessoas. Será a liberdade a ausência de recordações espontâneas, selvagens, que nos aparecem e nos levam para junto do que já fomos? Abraço-o como posso. A minha mãe também. O pai dele também. O corpo da mãe dele pousado ao fundo da igreja. Muitas dezenas de pessoas a entrarem, a rezarem, a chorarem, a saírem. Ter de ser educado perante o que nos mata. É quando só conseguimos rastejar que percebemos o quanto gostávamos de andar.

Eu: chora. Podes chorar.

Ele: logo hoje, tinha de ser hoje. O que dói mais ainda é a ironia.

Eu:

Ele: hoje que me torno o doutor que ela queria que eu fosse. Que ela sempre quis que eu fosse.

Eu:

Ele: Hoje que me licencio ela vai. E não vai ver. Não vai estar lá. Nem eu vou estar lá.

Eu:

Ele: a ironia dói muito. Quando pensamos que estamos a caminho de ter tudo, quando tudo parece estar a ficar direitinho, ela lá aparece, a rir-se de nós.

Eu:

Ele: somos pouquinho. Somos nada. Um grão.

Eu:

Ele: sei que deves estar a pensar que isto é um cliché, uma frase feita. Mas os clichés, as frases feitas, servem para isto: para dizer o que sentimos tantas vezes que acaba por se banalizar.

Eu:

Ele: mas isto não se banaliza. Nunca é banal morrer-nos a mãe, sabes? Nunca.

Eu:

Ele: por isso aproveita. Agarra em todos os clichés e concretiza-os. Presta-lhes atenção. Agarra-os com tudo o que tens. Não percas tempo. Apressa-te. Eu vou apressar-me. Se me tivesse apressado já estaria licenciado antes e a minha mãe estaria lá. E talvez nada disto tivesse acontecido. Talvez isto não lhe tivesse acontecido.

Eu: chora. Chora sem medo. Estou aqui, estamos aqui.

Ele: e ela: onde está? Para onde vamos? Quero acreditar num Deus. Agora quero. Quero que ela esteja bem. Quero que ela esteja num lugar de onde possa ver-me. Para ver que a partir de agora vou ser capaz de apressar o que é urgente. Dizer que amo quem amo, por exemplo. Amo-te. Não sei se já to disse hoje. Amo-

te e quero que o saibas todos os dias. Amo-te.

Eu: também te amo. Também te amo.

Ele:

Eu: chora.

A minha mãe: és um menino lindo. Podes já não ser menino nenhum que vais ser sempre o menino lindo que és. A tua mãe vai estar sempre orgulhosa de ti. Eu estou. És uma pessoa linda.

Ele: gosto muito de si. Muito. Tê-las na minha vida, a si e à sua filha, deu-me uma vida nova. A minha mãe sabia-o. Ela gostava muito de vocês.

Eu:

A minha mãe:

Ele: não o demonstrava muito porque ela não era assim, mas gostava muito de vocês e estava grata por toda a felicidade que me deram. Por favor continuem a dar-ma. Continuem a ser o que são para mim. Vou continuar a ser tudo o que puder ser para que fiquem bem. Sempre bem.

Temos de entender todos os dias que a felicidade está em sermos o que podemos ser. Temos de ir à procura de mais «e se?», de mais possibilidades. Temos de saber que pode não dar para mais, que pode ser só isto, que podemos ser só o que somos agora. E está tudo bem. Tem de estar tudo bem. Só critica construções na areia quem nunca conseguiu mais do que uns buracos fundos junto ao mar. A infância nunca passa. A infância nunca se cumpre inteiramente. Um dia teremos esquecido tudo menos o que não conseguimos ser. O padre no seu uniforme escolhido por Deus. As palavras encomendadas, repetidas até à náusea. As respostas das pessoas de negro, repetidas até à náusea. As lágrimas sem parar dele. A minha mãe a chorar com ele. Eu a chorar com ele. A tristeza é um espetáculo apreciável quando não é a nossa. Somos bichos egoístas com a dor dos outros. Traz-nos uma certa paz, uma certa fuga. Há um lado cruel em cada olhar que lançamos sobre as lágrimas alheias. Como se nos salvassem momentaneamente das nossas. Quantos erros imperdoáveis somos capazes de perdoar?

Eu: tens a certeza?

Ele: sim.

Eu: então vamos.

Ele: vamos. Vou por ela. Ela haveria de querer que eu fosse, que eu celebrasse, que eu estivesse lá e a levasse comigo até lá.

Eu: vamos levá-la lá.

A minha mãe: vamos levá-la lá.

O meu pai: vamos levá-la lá.

Ele: obrigado. Ela estará feliz nesta altura.

A vida desfruta de nós. Usa-nos sempre que quer. Vamos queimar as fitas. É importante festejar nas barbas da morte. Mostrar-lhe que não manda tanto assim. Tenho saudades de brincar. As crianças brincam no meio das lágrimas, sabem inteiramente o que é a vida. Vamos brincar no meio das lágrimas. Vamos desligar

por momentos a dor. Vamos desviar o olhar. Vamos para dentro do nosso corpo.
Que venha a pele para nos salvar de nós.

Todos os dias sei mais sobre como viver. Quero sonhos pequenos, de trazer por casa, daqueles que posso mesmo concretizar. A coragem é realizar sonhos apesar de saber que ao fazê-lo estaremos a perdê-los. Preciso de sustos activos, que me façam mudar de lugar. Vou voltar a estudar. Estarei na universidade onde ele esteve, aqui ao lado. Juntei o suficiente para aguentar com apenas um emprego. Não vai ser fácil. Aguentarei. Os que vivem são os que aguentam. Quando fecho os olhos é esse o sonho que vejo: eu na sala de aula outra vez, os livros, os colegas, alguma inconsequência. Vou construir um palácio na escuridão. Exijo ver-me. Conheço muitos tempos e todos eles são agora. Avariou em mim o que me impedia de tentar. Há avarias que estão do lado do que cura. Foi no silêncio que me vi completa. Quero que ele seja o primeiro a saber. Está quase a chegar. Vou falar-lhe como cantam os pássaros, trazê-lo comigo para fora da tentação da melancolia. É de repente que chega sempre a vida.

Ele: que cara é essa?

Eu: qual cara?

Ele: estás com cara de caso.

Eu:

Ele: ou será cara de casa?

Eu:

Ele: estás em casa a esta hora e não é normal. Deve ser cara de casa, então.

Eu: boa piada.

Ele: conta.

Eu: vou contar.

Ele:

Eu:

Ele: e?

Eu: vou estudar.

Ele: o quê?

Eu: vou voltar a estudar. Inscrevi-me hoje. Vou voltar a estudar.

Ele: tão bom. Tão bom.

Eu: sabia que irias ficar assim. Como eu estou.

Ele: abraça-me.

Eu: vai ser na tua universidade.

Ele: abraça-me.

O tempo deve ser gasto na ocupação ininterrupta de vazios. Ele ocupou-me muito do que me faltava. A honestidade precisa de muitos anos para ser comprovada, a falta dela percebe-se em segundos. Ensinou-me a dar mais espaço ao destino, a não padecer de falta de vontade quando algo foge do planeado. Somos livres para as nossas escolhas. Não nos livraremos das consequências. Estamos abraçados, apertados. Eu no meio dos ombros dele, choro por dentro e não se sei se por fora. Por mais que ria na escuridão não me livro do terror que ela me impõe. A minha mãe ouve-nos, junta-se a nós. Pode ser que tenhamos apenas uma prisão

maior mas eu chamo-lhe liberdade.

Ele: já que estão aqui as duas e estamos numa de dar novidades, também tenho uma para vos dar.

Eu:

A minha mãe:

Eu: vá, desbronca-te.

Ele: só se a tua mãe também pedir muito.

A minha mãe: sempre o mesmo.

Ele: e?

Eu: pede lá, mãe, que este homem não descansa enquanto não o fizeres.

A minha mãe: por favor conta. Por favor.

Ele: assim está bem. Estava a ver que já não sabiam que comigo tem de ser assim: tenho de me sentir adorado.

Eu:

A minha mãe:

Ele: eu e a sua filha, minha cara, vamos ser colegas de universidade.

A minha mãe: explica lá isso.

Ele: vou continuar na universidade.

Eu: vais continuar a estudar?

Ele: não. Vou dar aulas lá.

Eu:

Ele: fui convidado a dar aulas há poucos minutos.

Eu: que grande notícia.

Ele: não festejes, minha menina. Não festejes.

Eu:

Ele: reza para não ser teu professor.

Eu:

Ele: é bom que aprendas já isto: ou te tornas na mais submissa das escravas dos meus ditames ou garanto-te que nunca mais acabas o curso.

De todas as nossas fragilidades, nenhuma se compara à do ego. Um elogio torna-nos vulneráveis, marionetas nas mãos da necessidade de o segurar a nós, de trazer mais com ele. Sou independente de tudo menos do que merece a minha dependência. Quero-o comigo para ser eu. É a minha fragilidade favorita. Um pecado bonzinho. A falta pode trazer as melhores lições. Tratamos como fraqueza o que é virtude. Ele a dançar como forma de provocação. A minha mãe a dançar com a cadeira de rodas. As curvas dela no soalho de madeira, os dois de mão dada aos rodopios pela sala. Não há adultos no amor.

Tenho medo de um dia de cada vez. Sem pressas. É a arrumação o que temo mais. Preciso de bagunças boas. Está a começar uma nova aqui. O pai dele está cá em casa. Vai ficar. Ele pediu-me autorização. Claro que sim. O pai dele está fechado na perda. Não tem a mulher e perdeu quem é. Vamos ser quatro cá em casa. Tem de doer mais até parar de doer. Vai fazer-lhe bem. A mim também. Quero que todos estejam bem. Quero que ele tenha o pai ao lado. Há hospícios tão saudáveis. Está a chegar mais um cliente do nosso. Traz os olhos no chão, uma vergonha qualquer. Somos o que não contamos a ninguém, o que sofremos com ninguém a ver. O caos em quem amo faz-me amá-lo mais. Pessoas certinhas assustam-me. A ausência de mácula manda-me para longe. Só quem não é feliz procura a felicidade.

Ele: estavas entre o desejo e a acção.

O pai dele: dito assim estar aqui até parece uma coisa bonita.

Ele: e é. Um pai que ama o seu filho e que deseja estar com ele o tempo todo que for possível é bonito.

Eu: dificilmente encontraremos algo mais bonito.

O pai dele: já te disse muitas vezes a sorte que tiveste ao encontrar esta mulher. Ainda era uma menina e já era uma mulher linda. Sempre capaz de te ajudar a ires mais longe em ti. No que podes ser.

A minha mãe: já vi a quem sai ele no uso das palavras.

O pai dele: deve ter herdado da mãe. Ela, sim, tinha sempre as palavras certas. Mesmo quando parecia não haver palavras ela ia buscá-las. E estavam certas. Acho que me apaixonei desde o começo por ela por culpa disso: apaixonei-me pelas palavras dela.

Ele: a mãe era isso, sim. E mais.

O pai dele:

Ele:

Eu: seja muito bem-vindo. É uma honra recebê-lo aqui.

A minha mãe: espero que não se sinta incomodado com a nossa presença. Afinal de contas nós é que somos de fora.

O pai dele: eu é que peço encarecidamente para me perdoarem a intromissão no vosso espaço. Mas não quero ser um velho rezingão e triste sozinho. Acredito que posso ser mais útil a rezingar outras pessoas com a minha cinzentude.

Eu:

Ele:

A minha mãe:

O pai dele: estou aqui para vos pedir para me deixarem dar-vos um pouco da saudade que sinto.

Eu:

Ele:

A minha mãe:

O pai dele: no mínimo espero que me ajudem a olhar para mim. E para depois

me explicarem a mim mesmo.

Ele:

Eu:

A minha mãe:

O pai dele: podem ajudar-me a aprender quem sou?

Não tem mal a necessidade de nos esquecermos de nós. O abraço apertado dos dois. A minha mãe e eu juntas, de mão dada, a ver, a tentar não chorar também. Mostro-lhe o quarto onde vai ficar o quarto onde vai sofrer. Pode ser que mudar a dor de sítio a esbata. Temos de dar desconforto à dor, retirá-la do seu quarto de sempre. Fazê-la mudar para nos fazer mudar com ela. Somos drogados de memórias. Quisemos um dia a grande glória, não saboreamos as pequenas vitórias pelo caminho. A grande glória não existe. É um engodo do diabo, uma promessa que ficará por cumprir. Faço da ternura um compromisso. Comprometemo-nos com tudo e não com o afecto. Viver por viver não é viver. Antes desta vida não vivia, deixava-me viver. Caminhava por caminhos que nunca soube meus. Cheguei a acreditar que podia ser quem quisesse. Sempre me reconheci no que vi em mim. Abdiquei sempre e com orgulho de querer justificar a minha existência. Sentir pede uma sapiência própria. Por mais que tentes, o lugar para onde vais ainda não existe.

O pai dele: de todas as memórias prefiro a da pele.

A minha mãe: que frase bonita. Não leva a mal que aponte no meu caderno de frases de livros?

O pai dele: de todo. Confesso que eu próprio não sei se já a terei lido num livro qualquer.

A minha mãe: seja como for saiu de si e é linda.

O pai dele:

A minha mãe:

O pai dele: bem, é hora de dormir. Se mo permitirem, é claro. Há algum código de conduta tácito cá em casa relativamente a isso? Podemos ir deitar-nos quando nos apetece?

Ele: tens de pedir autorização cá ao filho, ou pensas que isto aqui é uma república das bananas?

O pai dele: com certeza. Meu filho, poderei agora recolher ao meu ansioso leito para descansar esta cabeça decrépita?

Ele: dá cá um beijo no meu anel, faz-me uma vénia e depois podes ir.

Sem fantochada somos palhaços sem palco. A baboseira está subvalorizada. Não são os intelectuais que equilibram o mundo, são os idiotas voluntários. Vamos todos deitar-nos. Cada um no seu quarto. A casa cheia traz um cheiro a domingo, a uma paz de que careço. Tenho saudade do que nunca tive. Quando era pequena queria dedicar os dias a ver o relógio a andar. Aplaudimos pouco o que é decisivo. O pior do belo é que só existe no momento em que deixa de existir. Estou a chorar sem saber porquê. De entre todos os motivos continuo a julgar que é o mais válido.

As pessoas são onde estão. É lá que as percebemos. Aqui sou estudante. O dia é bom quando estou aqui. Não sou já a menina. Sou a adulta, a mulher. Pedem-me conselhos. Estou do lado de cá da paisagem. Emociono-me. Julgo que me vêem assim, como a senhora que sabe mais, por mais que não seja muito mais velha. Deve ser da transparência. Vêem-me como se apenas um vidro transparente me cobrisse. Devem perceber o que passei, de onde vim, que luta estarei a travar. Só pode ser isso. A dimensão do que vivemos é a da emoção, não a dos acontecimentos. Esperei muito, vivi muito. Não entendi muito. O entendimento não traz muitas possibilidades. É aquilo e mais nada. Foi no que não entendi que me encontrei, nas portas que descobri, nas portas que tive de construir. A criatividade está no que falta preencher. Atirei-me ao destino. Não o deixei respirar. Cedeu. Trouxe-me aqui, a esta sala de aula cheia de meninos e de sonhos. É aqui que não me sinto fora do meu caminho. O prazer não tem de estar no acto, pode estar no desejo. Há que regressar com destemor aos prazeres simples. A cobardia dá febre.

O professor: excelente, excelente.

Eu: obrigada, professor.

O professor: estava a ver que ninguém chegava lá.

Eu:

O professor: pode, por favor, explicar aos seus colegas qual foi o raciocínio que fez para chegar a essa conclusão?

Eu:

O professor: pode ser que com outra pessoa a explicar eles percebiam melhor.

Eu: se assim o desejar, professor.

O professor: por favor. Se não se importar, claro.

Eu: não, de todo.

O professor: muito lhe agradeço.

Descobrir o nosso lugar é como descobrir a cura para a morte. Andei até aqui a morrer e agora comecei a viver. Foi útil. A cada erro dei mais um passo. Faltou-me até agora a mão que me tira a máscara. Fiquei atrás do que viam em mim. Somos pela facilidade de nos adaptarmos ao que pensam de nós. Fazemo-nos pelo que os outros nos fazem. Quis fugir disso. Pensei mesmo estar a fazê-lo. Esqueci-me de que ao tanto querer fugir do que queriam que fosse estava a ser somente o contrário do que queriam que fosse. Temos amiúde a tentação de sermos não o que somos mas o contrário do que querem que sejamos. Não fui mais do que o que não quis ser. Fui por oposição, fui por exclusão de partes. A inteligência consiste em entender as coisas pequenas. As grandes questões têm respostas que qualquer um sabe dar. Basta estudar, dedicar-se. As pequenas questões exigem uma pessoa diferente, com competências que raramente aparecem em cada canto. Talvez só existamos de verdade quando não pensamos.

A professora: precisamente.

Eu:

A professora: não estava à espera de que alguém soubesse responder-me a isso tão cedo. É a primeira vez que me acontece em tantos anos de aulas.

Eu: grata, senhora professora.

A professora: não agradeça. Continue assim. Acabo por ficar orgulhosa sempre que me aparece alguém assim, a surpreender-me.

Eu:

A professora: ao fim de tanto tempo, acabamos por cair na rotina. É bom que surjam momentos assim, pessoas assim, alunos assim. São a prova de que temos de estar sempre atentos, sempre alerta.

Eu:

A professora: Não podemos perder esta maravilha que é a descoberta de cabeças destas, que realmente fazem a diferença.

Eu: muito obrigada. Muito obrigada mais uma vez.

A turma aplaude-me. Tudo o que nos acontece pode ter um uso. Aconteceu-me perceber que quanto mais aprendo mais espaço tenho para experimentar o que penso, para arriscar a realização da minha loucura intransmissível. Todas as histórias acabam mal porque todas as histórias acabam. Tenho de aproveitar o miolo, o meio da história, aquilo que os mais preguiçosos não lêem. É no que é mais árido que está o oásis. No intocado. Aprendo com os livros até sem os ler. Estamos no meio de uma tempestade de areia e só vemos aquilo que tivermos força para tirar da nossa frente. Nunca nos livramos dela. Somos perseguidos pela nuvem. Aprendi a estar sozinha para poder estar em boa companhia. Sei mais de mim do que todos os outros. Sei mais de mim do que de todos os outros. Essa é uma arma poderosa. Adiamos o encontro com o que somos e com isso adiamo-nos. Atrasamo-nos. Deixamo-nos no lado de fora do que queremos. Somos espectadores da tragédia que nós mesmos criamos.

A minha colega: pode ser hoje? Consegues hoje?

Eu: sim, acho que sim.

A minha colega: como posso agradecer-te? Só tens de dizer que eu faço. Sem ti não sei como poderia passar a esta cadeira.

Eu: será bom para mim também. Assim eu própria vou rever todos os conceitos para o exame.

A minha colega: e tu lá precisas de rever alguma coisa? Já sabes tudo. Parece que já nasceste a saber.

A euforia é o contrário do já criado. O que nos deixa eufóricos é o por ser, o que não existia antes de nós. Vou ajudar esta minha colega a ser capaz de se superar. Amanhã há um exame. Serei eu a prepará-la. Eu. Como me tornei farol e não o barco à deriva que o procura? Há quem pense que o que seremos sai da ferida quando o que seremos sai do que não foi ferida nem foi nada. Da ferida sai mais do mesmo, o sangue, a dor, a cicatriz, o crescimento, a fissura. Mas o que seremos vem do que nunca soubemos o que é, do que nunca magoou porque nunca houve. Logo no final das aulas vamos estudar juntas. Sou a reinvenção, o absurdo que nunca alguém ousou imaginar. Toda a felicidade é violenta, entra sem panos

mornos, sem ensaios, sem simulações. A vida paciente é uma imitação. Tudo o que me aconteceu foi um acaso. Não foi por acaso que lhe dei um sentido. Encontrei sempre um drama que me servisse. Quantos querem mesmo o que dizem não conseguir?

A minha mãe: sim, aceito.

O mundo muda de cada vez que vou à janela. Há alturas em que é o céu que está sobre mim. Noutras alturas está em baixo, sob uma escuridão indecifrável. Nessas alturas faço de conta que não sei que já não sou criança e o escuro passa. A minha mãe a casar com o pai dele. A alegria é ser cada vez menos o corpo: arriscar não ficar triste quando se sente a loucura a chegar. Há coisas bem mais desagradáveis do que ficar louco. Não ficar, por exemplo. Não ter vertigens, não sentir que a realidade está sempre atrás do que parece inexistente. São os mortos que compreendem bem o mundo, mas já estão mortos. Morrer é já não dar pelo mundo. Nenhuma razão explica a velocidade do pó, muito menos a do beijo. Pior do que caminhar no deserto é trazê-lo para casa.

A minha mãe: sou a paralítica mais feliz de todo o planeta.

Para respirarmos bem temos de estar bem fechados em nós. Envelhecemos para sermos loucos melhores: loucos mais competentes. A experiência permite-nos aprimorar o erro, torná-lo mais preciso, mais capaz de nos oferecer o que queríamos com ele. A minha mãe sem poder mexer as pernas mais viva do que algum dia a vi. A minha mãe a casar com o pai dele. Somos quase irmãos e não sei o que pensar disso. A minha mãe ao colo do pai dele a sair desta pequena capela junto ao mar. Só eu e ele como testemunhas. O beijo apertado deles. Deixou de fazer de conta que era amada e agora é mesmo. Eu no ombro dele a observar como se porta a felicidade quando somos mais velhos. Os prisioneiros são premiados com redução da pena quando são bem-comportados. Qualquer juiz sabe que quando nos portamos bem não estamos a viver nada. Dez anos de bom comportamento é castigo maior do que um ou dois com mau comportamento pelo meio. Temos a mesma quantidade de amor e de bosta em tudo o que existe. Cada um escolhe no que banha.

A minha mãe: obrigada, minha filha.

Eu:

A minha mãe: obrigada por teres tido a coragem de mudar a tua vida e com isso teres mudado a minha.

Eu:

A minha mãe: já a tinhas mudado até hoje, mas desde hoje que a mudaste de uma maneira que nunca acreditei que fosse possível. Nunca acreditei que houvesse o amor.

Eu: sempre houve. Mas estava escondido atrás da coragem, depois do medo. É sempre lá que está o que interessa.

Ele: eh lá, que pareces um daqueles mestres budistas a falar.

Eu: oh.

Ele: ou então um daqueles gurus da auto-ajuda e do amor-próprio e dessas coisas todas. Quem diria? A minha amiga a falar desta forma. Estou surpreso. Depois te direi se pela positiva.

A minha mãe: já estava apaixonada por este miúdo que já não é miúdo

nenhum. Só eu sei o quanto me arrependo do mal que lhe fiz, do mal que com as minhas palavras acabei por lhe fazer. Já era apaixonada por ele e agora sou ainda mais apaixonada pelo pai dele.

O pai dele: gosto quando falam de mim assim, como se eu não estivesse aqui. Faz-me sentir importante.

Eu: tenho a certeza de que vão ser muito felizes.

O pai dele: a felicidade é o nosso serviço mínimo. Não andei a cortejar esta mulher durante quatro ou cinco anos para ser só feliz. Exijo o que está acima disso, aquilo que não tem como lhe chamar ainda. Mas eu sei que vocês os dois, que passam a vida a ler e a escrever palavras, vão encontrar a designação certa para isso, combinado?

Eu:

Ele:

O pai dele: fazemos assim: nós sentimo-lo e vocês descrevem-no. Comigo é tudo dividido. Parece-me bastante justo, não?

É importante fazer o que não tem futuro nenhum. Aquilo que basta pelo que é, sem movimentos falsos, sem expectativas incluídas. Conheço quem se mexa apenas para não se notar que está parado. Querer encontrar o sentido traz um perigo invisível. A minha mãe a ser carregada ao colo até a um carro com latas penduradas, com fitas brancas a toda a volta. Não é tarde para o que chega a tempo. Existimos e isso nunca é imaginação. Há quem pense que o mundo é um fosso, uma trincheira. O fogo inventa-se. Como as palavras. Inventamos a esperança antes de ela existir. A palavra às vezes vai à frente, traz o que depois acaba por haver. Precisamos da palavra para acreditarmos no que ela designa. Tudo se repete, nada se transforma. Vivemos consecutivamente o que já vivemos antes. Transformamo-nos para parecer que algo por fora se transforma. A felicidade é não acordar do encanto. Podemos chamar-lhe poesia.

Eu: vão lá.

A minha mãe: vamos. Vamos ser felizes.

O pai dele: isso logo se verá. Agora vamos é ser infelizes. O trânsito para o aeroporto está terrível, acabei de ver agora no GPS.

Ele: a que horas é o voo?

O pai dele: dentro de três horas. Temos tempo mas não sei se teremos paciência.

Ele: vão ter, vão ter. Podem ir entretidos na parte de trás do carro, se é que me faço entender.

Há uma fobia aos dias pequenos e são esses os melhores de todos. Os grandes estendem-se, estendem as sensações, tornam-nas mais digeríveis, menos agressivas quando passam na garganta. Os melhores dias são sempre curtos. Este acabou. A minha mãe e o pai dele foram para um lugar distante namorar a dois. É um exagero não querer o exagerado. A satisfação fica pela rama. Perdemos tempo a resistir ao inevitável. Eu prefiro saboreá-lo. Levá-lo a passear comigo no jardim, jogar à bola com ele no parque. Não me importo de ser engaiolada desde que uma mão venha

todos os dias servir-me de céu. Mais triste do que o incêndio é o fumo e o carvão que deixa no final.

Não queremos o que o triunfo nos traz. Queremos o que o triunfo nos faz sentir. A ocupação momentânea das precisões. Há eus diferentes no meu eu. Cada um com as suas exigências próprias. Estou licenciada. Todos os que estão aqui, nesta praça gigante, estão licenciados. Há saltos, alegria, hurras. Há um certo sabor em perder a cabeça: deixar o descontrolo ganhar. Dentro da minha cabeça reina uma ditadura. Um regime de punho fechado, em que todos os muros são altos, todos os sonhos irreais. Há um certo sabor em sermos mais fortes do que nós, encontrarmo-nos com o que estava longe, chamar a pessoa que estava do outro lado do que sentimos. Tenho a mania de querer que o mundo seja aquilo que não é, aquilo que não quer ser. Estou licenciada contra o mundo. Usei os livros, as aulas, para respirar. Quem disse que não se pode lutar contra a realidade?

Ele: parabéns.

Eu:

Ele: não se já to tinha dito, mas se não disse digo agora: és o meu orgulho. Conhecer-te foi a maior felicidade da minha vida. Foste a minha bênção, o meu milagre.

Eu: quem és tu?

Ele:

Eu: tragam-me o meu amigo que eu não sei quem é este ser que está a dizer estas coisas. Parece mesmo aquele mestre das ciências ocultas que vimos no documentário no outro dia.

Ele:

Eu: assim assustas-me. Volta lá ao que és. Deixa-te disso.

Ele: estava a ver que não dizias.

Eu: estás livre, sim. Liberta-te.

Ele: ufa. Não aguentava mais esta pessegada.

Eu: és uma vergonha, é o que é.

Ele: mas tenho orgulho em ti e é espectacular ter-te na minha vida. Só não o digo com essas palavras.

Eu: obrigada.

Ele:

Eu: acho eu.

Grande parte da felicidade é prazer. Não digo que não seja toda, até. O abraço que ele me dá no meio desta gente toda é um abraço feliz, o mais feliz que algum dia abracei. Recebo outros. Estou a receber outro agora. Ainda estou no dele, ainda sinto o dele, ainda estou fechada num silêncio só meu a sentir cada tempo do que abraçamos. Antes ver do que compreender. Compreender tira-nos dos sentidos, do elementar. Traz razão ao desgoverno. Quando a razão abre a porta a brincadeira acaba, chega o adulto, as convenções, as formatações. Grande parte da felicidade é selvagem. A vida inteira está neste dia. É com as emoções que o que queremos acontece. É possível sentir o que o sonho que não alcançamos nos faria sentir. Eu alcancei o meu. Sinto-me no interior da minha narrativa privada. Arquitectei em

mim não o sonho mas quem o sonha. Quem disse que não é possível reverter a narrativa?

A presidente do Conselho Executivo: seria uma honra para nós.

Eu: fico sem palavras.

A presidente do Conselho Executivo: não lhe pedimos muitas palavras neste momento.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: na verdade só temos de lhe pedir mesmo uma: sim.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: diga sim e terá dito tudo o que todos nós, no Conselho, queremos ouvir de si. Ou será que já tem outros convites para leccionar noutras universidades e vai ponderar?

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: eu bem disse aos meus colegas na direcção para a convidarmos antes de a sua licenciatura estar formalmente completada, mas eles e aquelas burocracias atrasaram o processo. Lamento e só espero que não tenha sido um atraso decisivo e que por causa dele os nossos alunos deixem de ter a oportunidade de ter alguém como a senhora a ensiná-los.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: acreditamos mesmo, unanimemente, que será uma mais-valia para a nossa instituição.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: e acreditamos também, sem falsas modéstias, que seremos uma mais-valia para si, para o seu percurso, que antevemos brilhante.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: esta é a sua casa e queremos que continue a ser. O que nos diz?

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: diga qualquer coisa. O seu silêncio está a deixar-me assustada.

Abraço esta quase estranha. Aprendi a responder com as mãos. Abraço-a, acho que choro. Tocar é a reflexão humana. Sentir para ser. Ele abraça-se a mim. Choramos o mesmo choro, sabemos de onde viemos, por onde passámos. A presidente perdida no meio do nosso abraço. Quando estamos vivos tudo o resto desaparece, fica invisível. Pensar está obsoleto para quem ama. Sabe a pouco. Temos de ser felizes sem grande estrondo, sem agitação a mais. Há quem parta a felicidade por celebrá-la em excesso. Tenho a sorte de não ter memórias boas que me prendam. Olho para amanhã como para a próxima vida. Sou a pessoa que nunca conheci. Que interessa o que deveria ser perante o que foi? Quando me peço contenção não me respondo. Fiz-me apesar de mim. Confesso que não arranjei coisa melhor para fazer. Quem disse que as lágrimas não podem subir?

Aceita-se a violência mais do que o amor. Vê-se obscenidade num mamilo, não num estalo, num insulto. Pudico é o que não magoa, não o que não ama. O preconceito é a falta de paixão, mais do que a falta de sabedoria. Não existe preconceito onde há amor. Amo este pai. É o meu. Magoa amá-lo quando está assim. Apareceu aqui em casa, quer dar cabo do mundo que construí. Veio para me encharcar o sonho, para que o que sou hoje não passe de um fragmento. Bateu à porta, abri, ele entrou, ofendeu, gritou. Nem um olá, nem um abraço, nem um como estás, como estiveste, o que fizeste, nem um amo-te, minha filha. Nada. Entrou, insultou. A minha mãe ouviu, ele ouviu, o pai dele ouviu, estendeu-lhe os insultos, continuou. Não sei onde estive estes anos todos mas continua a ser o que me tirou durante anos o presente. Quero acalmá-lo, pedir-lhe para não fazer isto, para não continuar isto. O que faz ele com o meu futuro nas mãos?

O pai dele: queira acalmar-se, meu caro. Por todos nós, mas sobretudo por si. Acalme-se.

O meu pai: cala-te, meu aproveitador. Pensas que podes criar uma família assim? Queres roubar a minha vida, é?

O pai dele: não creio que precise da nossa ajuda para isso. As suas opções de vida têm conseguido esse resultado. E sem auxílio de ninguém. Nisso parece-me ser bastante competente.

O meu pai: só não te dou um arraial de porrada agora mesmo porque não quero fazê-lo em frente à minha filha. Mas um dia vais levar mesmo. Pensas que tenho medo de ti, pensas?

O pai dele: estarei aqui à disposição para o que for necessário. Podemos até agendar se o pretender.

O meu pai:

O pai dele: tome o meu cartão e fale com a minha secretária. Estou certo de que encontraremos um horário que sirva aos dois.

O meu pai:

O pai dele: agora faça o favor de ir pregar para outra freguesia.

O meu pai: eu é que decido quando vou. Era o que faltava seres tu a mandar-me embora de onde quer que seja. Vou quando eu quiser e não quando tu quiseses. Entendes bem ou queres que te faça um desenho?

O pai dele: não vou pedir mais nenhuma vez. Se tiver de o pedir de novo já terei a ajuda das forças policiais. A escolha é sua.

Sei que estou a fazer as perguntas certas quando não lhes encontro respostas. Quero acabar com isto, deixar de ser a filha deste pai. Amo-o. Não consigo deixar de o amar. Quero abraçá-lo, colocá-lo no colo, garantir-lhe que pode ser bom, que não tem de ser este monstro. Queria mostrar-lhe como é o mundo pelos meus olhos. Fazê-lo olhar pelo lado diurno. Não quer. Continua solitário dentro de si. Quando estamos vazios começamos por inventar o que não somos para sermos qualquer coisa. O meu pai criou este homem mau, é para ele que vai para doer menos. Vale mais a tristeza do que o vácuo? O que falta a este mundo é mais

ridículo. É desidealizar mais, tirar o espartilho, encontrar um rafeiro que nos faça companhia. Tememos que seja de mais o que não sendo de mais só pode ser insuficiente. Recusamos o que se existisse seria tão belo. Sofremos pelo que nunca existirá, e que em nós existe assim mesmo. Uma dor do que não será. Sabedoria é saber a extrema utilidade das horas inúteis, de nos agarrarmos ao impossível quando o possível faliu. Tudo o que quero é que o meu passado não tenha futuro.

O meu pai: vou.

O pai dele:

O meu pai: mas vou porque quero. Não penses que vou porque me mandaste ir. Vou porque quero.

O pai dele: nunca pensaria o contrário.

O meu pai: mas vou deixar-te um recado claro e sério. É bom que o ouças muito bem. Muito bem mesmo.

O pai dele: sou todo ouvidos.

O meu pai: não sejas irónico comigo. Pensas que não entendo esse teu sarcasmo estúpido?

O pai dele: nenhum sarcasmo. Por favor prossiga. Estou curioso, diria até ansioso, pelo que tem para me comunicar.

O meu pai: um dia vais aparecer estendido. É só isso que te digo. Um dia vais aparecer estendido. E não vais levantar-te mais.

O pai dele: é tudo? Já não tem mais nada para dizer?

O meu pai: pensas que estou a brincar e que não sou capaz, mas vê se percebes isto: não tenho nada a perder. Nada. Por isso dar-te um tiro nos miolos só iria fazer-me bem. Seria um alívio, uma verdadeira lufada de ar fresco na minha vida. Pensa nisso com carinho.

Eu: não diga isso, meu pai. Por favor, não diga isso. Acalme-se. Não diga essas coisas. Não seja assim.

O meu pai: cala-te. Sabes lá o que é ser eu, o que é estar na minha pele. Mas é por tua causa que estou aqui, não é pela vadia da tua mãe, isso é certo.

Eu:

O meu pai: ficou o aviso. Um dia este vosso paizinho aparece estendido numa esquina e não se levanta mais.

O pai dele: de facto tenho andado cansado. Preciso mesmo de me estender mais vezes. Agradeço a sua preocupação. Grato pela atenção.

O meu pai: brinca, brinca.

O pai dele: passar bem.

O meu pai: vais voltar a ter notícias minhas. Tuas é que não sei se haverá durante muito tempo.

O pai dele: com licença.

Eu: amo-o, meu pai.

Apetecia-me a aptidão de nada me apetecer, de nada desejar. A casa calou-se. Um medo emudecido no silêncio. Olhamo-nos sem falar. A minha mãe abraça o pai dele, ele abraça-me. O passado regressou. Precisamos da ajuda de todos para o

olharmos de frente.

Escolhemos a verdade que mais convém à nossa preguiça. Adaptamos o que é ao que queremos que seja. Às vezes conseguimos viver assim para sempre, sem termos de ver o que quisemos deixar encoberto. Noutras vezes somos atropelados por intermitências dolorosas, a frio. É curto e incerto o que nos sustém. O amor é um património, o que nos tira a parede da frente. Ele está apaixonado. Encontrou alguém. Esqueceu a mágoa do que foi, suspeito que queira criar um drama novo no qual caber. A cada pôr-do-sol há um dia ultrapassado, mais uma noite para vencer. Conta-me tudo. Somos o outro de cada um de nós. É natural que tenhamos uma melhor compreensão do mundo quando estamos felizes. Vejo-lhe a tensão alegre da paixão, fico alegre com ele. Suponho que amar alguém seja sentir que até perdê-lo para alguém que o faça feliz seja uma forma de felicidade. Serei sem hesitar o silêncio dele, o retorno que ele pode sempre esperar. Que logro há maior do que o do livre-arbítrio?

Ele: ele é perfeito.

Eu:

Ele: eu sei que já te disse isto antes e que esta conversa parece a de um adolescente e não a de um burro velho como eu. Mas é o que eu penso. Penso que ele é mesmo perfeito. A pessoa que eu sempre esperei encontrar.

Eu:

Ele: e o mais maravilhoso é que o encontrei quando não procurava nada. Estava a procurar uns livros na livraria junto à escola e de repente ouço alguém a falar pelos altifalantes.

Eu: era ele?

Ele: era ele.

Eu: a falar pelos altifalantes da livraria?

Ele: sim, pelo sistema de som. Estava a apresentar o último livro.

Eu:

Ele: sim, é isso mesmo: ele é escritor.

Eu:

Ele: olha aqui o livro. Conheces?

Eu: não. Tu conhecias?

Ele: não. E isso é ainda mais espantoso, não é?

Eu: é?

Ele: é, claro. Nós que pensamos que conhecemos os escritores todos e não o conhecíamos. Incrível, não é?

Eu: e já leste alguma coisa?

Ele: se já li alguma coisa? Já li duas vezes este livro.

Eu: gostaste?

Ele: é perfeito. Temos de fazer uma reunião com os nossos alunos para o analisarmos. Juntamos as tuas turmas às minhas e analisamos. Merece. Merece mesmo. Toma. Lê tu. Depois diz-me o que pensas.

Ninguém não quer uma doçura a enganar os vazios, a distorcer os sulcos. É o

que nos faz passar ao dia seguinte. O que está à superfície pode ter uma profundidade incalculada. A pele é superficial e é um órgão vital. Regula, preserva, cuida. É um engano querer que sejam as palavras a dizer alguma coisa. Sinto um aperto que me limita. Resisto. Serei maior. Faço todos os dias o que posso para ser maior. Para fazer os instintos maus saírem pela escada de incêndio. A fuga não traz libertação, traz respiração. Para já chega, tem de chegar. Precisamos do outro para não nos levarmos a sério. Quando estamos sozinhos o mundo pesa mais, a lama sobe até ao pescoço. Estou farta de ser o bom senso quando poderia ser o pontapé. Resisto, ainda. Continuo a resistir. Não quero utilizar a dor para ninharias. Será a palavra o melhor disfarce para o pensamento?

Ele: fico feliz por estares feliz por mim.

Eu: só posso estar. Que amiga seria eu se não estivesse feliz quando estás feliz?

Ele: ainda bem. Não sabes o quanto isso é importante para mim.

Eu: espero bem que seja. Tudo o que fazes é importante para mim. É bom que tudo o que faço também o seja para ti.

Ele: é.

Eu:

Ele: agora ficou aquele silêncio esquisito.

Eu:

Ele: dá cá um abraço.

Eu:

Ele: sabes que vais ser sempre a mulher da minha vida, não sabes? Sabes que nada nem ninguém poderá substituir-te, não sabes?

Eu: sei.

Ele: tens de saber.

Eu: mas deixa-te disso. Até parece que aconteceu algo de mau quando tudo o que aconteceu foi algo de muito bom. Estás apaixonado. Não vejo nada melhor do que isso.

Ele: a quem o dizes.

Eu:

Ele: desculpa se ando assim, este piegas, mas é assim que ele me faz sentir: querido. Muito querido, muito desejado, muito acarinhado. Quando dou por mim nem pareço eu. Aquilo que sempre satirizei está a acontecer-me. E o pior é que eu adoro e quero sempre mais e mais.

Eu: aproveita. Aproveita tudo.

Ele: obrigado. Obrigado por tudo.

É a pele que torna tudo real. As nossas mãos dadas. Estamos juntos para o pior. Teremos de estar juntos para o melhor. É um dia de cada vez que se vive para sempre. Sou aprendiz constante da melhor queda. Ando em contramão contra a natureza. Estou com ele em todos os pequenos nada. Envergonho-me com frequência do que não consigo deixar de pensar. A sorte é que nem a dor é eterna. A minha é como todas as grandes: calada. Só a dor residual grita. Aperto-lhe a

mão, dou-lhe força para ir em frente, para amar no limite. No limite é a desgraça que nos torna bons. Se preferir que caia infeliz nos meus braços serei má pessoa?

A sorte acontece quando estamos preparados para ela. Quando já demos voltas suficientes para saber de onde vem a alegria. A sorte nunca começa nada. Está onde conseguimos estar. Regressa-se à sorte como se regressa ao riso. Lutei pela minha. Luto. Ele também. Merece esta alegria oca, andar distante da amargura. A alegria exige um trabalho especial, dedicado, enamorado. Ele está apaixonado. Estou apaixonada pela paixão dele. Quanto mais apaixonados estamos mais felizes somos, claro. Atiramos as culpas para o que nos acontece, a vida tem as costas largas. Nós fomos para além dela, demos o que não tínhamos. Ele colhe os frutos. Quase me pede autorização para deixar colhê-los, como se fôssemos donos em partes iguais de tudo o que nos acontece. Olha-me com olhos sérios, tenta mostrar-me mais como quer viver. Porque temos tanto medo do comum? A alegria é a arte do acaso.

Ele: não sabia que havia isto.

Eu: pode ser que o amor seja isso: aquilo que antes de o sentirmos não sabíamos que havia.

Ele: lemos isso juntos, há muito tempo. Lembras-te?

Eu: dessa frase em concreto não. Mas lembro-me de todos esses dias. Éramos livres e não sabíamos.

Ele: crescemos para ficarmos presos.

Eu: pode ser que sim.

Ele: com ele sinto-me mais eu. Leva-me até mais fundo em mim. Sou todos os dias mais do que pensava ser.

Eu:

Ele: acho que faria tudo por ele.

Eu: tenho a certeza.

Ele: é mau?

Eu: é amor.

Ele: estarei cego?

Eu: é amor.

Ele: sabes que vou morar com ele, não sabes?

Eu: tinha uma vaga ideia disso. Senti que era isso que vinhas dizer-me agora.

Ele: parece-te mal?

Eu: estás feliz?

Ele: tanto.

Eu: então parece-me bem.

Ele:

Eu: muito bem, aliás. Ficaria desiludida contigo se não o fizesses. Não andei este tempo todo a ensinar-te a ser gente para agora seres um cobarde.

Ele: adoro-te.

Eu: e eu a ti.

Ele: amo-te.

Eu: e eu a ti.

Todos os disparates têm público. As minorias controlam o mundo. O drama é querer preencher as precisões quando sem elas ficamos sem nós. Sou ainda o que não tenho. Despeço-me dele com o abraço de sempre. Perco-o para a felicidade. Sempre que nos fracturamos dói muito. Terei de colar outra vez os cacos, perceber o que resta. É no mediano que está o feliz, no hiato entre a inconsistência e o orgasmo. Será que queremos todos ser medíocres? Quando ele for vou chorar. Chorar até adormecer. Cansar-me de me lembrar de quando éramos os dois por mais que houvesse tanta gente entre nós, tantos a querer que não fôssemos. Tivemos um hectare de céu só para nós. Agora vai para outro lado, vai cultivar outro terreno, viver noutro céu. A ironia do sol é permitir-nos olhar para tudo menos para si mesmo. Seremos todos uma prisão?

Ele: vou para o meu sonho.

Eu: vais. Mereces.

Ele: levo-te comigo. Sempre que penso, sempre que olho, levo-te comigo. Sou o que foste comigo.

Eu:

Ele: tivemos nada. Foi assim que aprendemos a ser livres.

Eu: agora temos tudo.

Ele: como sempre tivemos. Mas só depois é o que o percebemos.

Eu: ajudaste-me a saber quem sou.

Ele:

Eu: só te faço um pedido.

Ele: faz.

Eu: a primeira pessoa a ir jantar à vossa casa serei eu.

Ele: vou pensar nisso. Tu comes muito.

Eu: é para compensar o que me falta, como sabes.

Ele: fui eu que te disse isso, se bem te lembras.

Eu: nunca esqueci. Que querido que tu és.

Ele: estás convidada, então.

Eu: obrigada. Agora põe-te a andar daqui.

O que existe é uma resposta ao tédio. Fico assim, a olhar para os muros em volta. Desprezamos as loucuras que são diferentes das nossas. Olhamos de canto para quem olha diferente. Com ele não é assim, não foi assim. Nunca tivemos uma loucura sensata. Sabíamos que o erro não acaba com nada, só a mentira. O pavor da contradição. Porque não se dá o devido valor à ignorância? O erudito cansa se não tiver uma pessoa ao lado. O que mexe connosco nos outros é o que temos em nós. Fecho-lhe a porta, ele vai. Não o vejo. Não preciso de o ver para o ter. Posso chorar. A vaidade é o egoísmo aceite, o abismo falso. Queria tê-lo para mim, tirá-lo inteiro dos braços do outro. Sabe tão pouco o que só procura saber tudo. A beleza está na fachada, na flor. Queremos fugir dos dias todos iguais e é afinal neles que está a felicidade. Quão intolerante é aquele que só procura a razão?

Respeito mais um covarde do que um indignado sem coragem. Se não tem alma não quero. É fácil querer o êxito sem saber que ele é uma exceção. Não quero ganhar, quero ser. O meu pai atrás das grades. Agrediu não sei quem, não sei porquê. Nunca soube que o estado normal poderia ser o amor. Cresceu no ódio. Odeia. Odeia-se. Até do ódio pode nascer a paz. Magoou o corpo de outro para esquecer o que o magoa. Arrepende-se. Está sempre arrependido, debaixo da vergonha. Sabemos todos o que é a honestidade? É tão humano errar como culpar os outros pelo erro. Ser boa pessoa é só mentir quando há necessidade. O fundo do poço fecha muita coisa mas abre o que somos: quando rastejas deixas de temer ser o que és. Quem tem medo da solidão está sempre sozinho. A porta da cela a abrir-se. Custa muito a vida a surgir todos os dias. As lágrimas nas rugas abertas do meu pai. Tenho em mim a força de perdoar os fracos. Queremos mesmo não poder morrer?

O meu pai: desculpa.

Eu:

O meu pai: não sei o que aconteceu comigo. Continuo sem entender o que acontece comigo.

Eu:

O meu pai: sinto uma pulsão que não controlo. Apetece-me matar ou morrer. Para acabar com o que sinto. Expludo para não implodir.

Eu:

O meu pai: sou um fraco. Se implodisse de vez tudo ficaria melhor.

Eu:

O meu pai: sem mim todos ficariam melhor. Tu, a tua mãe. Sou o lado pior das vossas vidas.

Eu:

O meu pai: tenho vergonha de mim. Um dia acabo e acaba-se isto tudo.

Eu: adoro-te, meu pai.

O meu pai: não mereço isso. Nem deverias estar aqui. Não mereço que queiras saber de mim. Não mereço que alguém queira saber de mim.

Eu:

O meu pai: se gostas de mim não venhas mais. Esquece-me. É disso que preciso. Preciso de ninguém na minha vida para saber o que faço dela.

Há muitas casas que só são felizes quando chegam os hóspedes. O pedido dele é para ser lido ao contrário. Pede-me ajuda ao dizer para não o ajudar. Pensamos que temos de escavar para abrir caminho mas às vezes escavamos para abrir a sepultura. O contentamento pode fundar-se na desgraça. O mérito de muitos é não estarem onde estão os outros. Quantos estúpidos são necessários para fazer um herói? Não há heroísmo sem protagonistas mas também não há sem figurantes. A pior doença é a solidão. Se queirmos o tempo, tudo o que restará serão cinzas. O que sou agora é passageiro. O que serei sempre é a soma de todos os agoras que vivi. Vou cuidar do meu pai até ao fim. Quem nunca teve inimigos não tem de

certeza nenhum amigo. Será o segredo saber que a sombra é maior do que o corpo?

O pai dele: não sou optimista mas tenho a certeza absoluta de que vou tirá-lo daqui, meu caro.

O meu pai:

O pai dele: mas devo dizer-lhe, já que puxei esse tema, que ninguém me faz rir mais do que um optimista. As ideias que eles têm, não é? São hilariantes.

O meu pai:

O pai dele: de qualquer das formas, vim aqui só para lhe dizer para estar descansado. Em breve sairá daqui.

O meu pai: porque está a fazer isto?

O pai dele: porque quero.

O meu pai: porque está a fazer isto por mim?

O pai dele: por mais que fosse bonito dizer que o faço por si, seria falso. Não há necessidade de mentir. Faço isto e estou aqui pela minha mulher e pela sua filha. Amo-as e faço o meu melhor para que estejam bem. Estar aqui a cuidar de si faz-lhes bem.

O meu pai: agradeço.

O pai dele:

O meu pai: agradeço a si e a elas.

O pai dele:

O meu pai: tenho mais do que aquilo que mereço. Vivo acima das minhas possibilidades.

O pai dele:

O meu pai:

O pai dele: voltando ao que interessa: não garanto que saia hoje daqui, mas essa possibilidade está em cima da mesa.

O meu pai: grato.

Feliz é o que domina as suas paixões, mas alguém as domina? A maldade não existe quando não sabemos que a praticamos. Ver o aperto de mão do meu pai ao pai dele faz-me acreditar que a esperança vale mais do que o ódio. A força não cura ninguém. Não se aprende a viver antes de a vida passar. O abraço deles. Sou sensata pela escolha da loucura que faço. Resolvi estar junto ao meu pai até que a cabeça o traga de volta, até que os fantasmas possam pelo menos pesar menos, deixá-lo andar. Não serei a filha que aguenta tudo. Também não serei a filha que desiste por tudo. Seremos cruéis para escondermos a cobardia? Não escondo que procuro a salvação de quem amo para me salvar a mim. Todos os que vêm nisso maldade são maldosos. Gastar a vida toda por um sonho é a única maneira de não a desperdiçar.

É erro a erro que se chega à felicidade. Também é erro a erro que se chega à infelicidade. Ainda não sei de que lado está o que estou a ver. Ele à mesa comigo e com o homem que ama. Não sinto alegria nesta casa. Não sinto liberdade nesta casa. Pode ser porque queria ser eu no lugar deste outro. Pode ser que não. Na minha situação tudo me desconforta, tudo me atrapalha. Quando imagino o que quero ultrapasso o que custa. Fico à mercê do que me julgo capaz de fazer. O problema é que a realidade é bruta, teimosa. Persiste. Não me assusta o que não compreendo. Incomoda-me a tendência absurda que temos para querer a medalha, a ovação. No final do dia somos as sensações, não os factos. Trepamos pelo que aconteceu pelo lado que nos dá jeito, deixamos que minuto a minuto a verdade se esbata. Não há mentiras universais. Parece-me óbvio que a única certeza é o amor. Falam palavras pequenas, sorriem sorrisos pequenos. Tentam esconder-me algo, não tenho dúvidas. Esquecem-se de que tenho cicatrizes que me preparam para as cicatrizes seguintes. Não pretendo a lógica, só a paz. Não me cansarei de tentar. Precisaréi da voz dele para me ouvir ser?

Ele: não consigo não te dizer isto.

Eu: diz-me.

Ele: tenho de ser rápido, ele foi só à cozinha e já vem. Tenho de ser rápido.

Eu: diz-me. Diz-me rápido.

Ele:

Eu: diz-me tudo.

Ele:

Eu: diz.

Ele: é ele.

Eu: é ele o quê?

Ele: ele.

Eu:

Ele: ele às vezes perde a cabeça.

Eu:

Ele: ele às vezes não sabe o que faz.

Eu: diz tudo. Não somos de palavras a meio.

Ele:

Eu: diz tudo.

Ele:

Eu: ele bate-te? É isso? ele bate-te?

Ele:

Eu: cabrão.

Ele: não fales assim. Não quero que o odeies.

Eu: e o que vais fazer? O que vais fazer?

Ele: nada. Ele não faz por mal. Sinto que ele não o faz por mal. Só não consegue controlar-se.

Eu:

Ele: por favor acalma-te. Não deixes que ele note que tu sabes. Não me faças isso. Por mim.

Eu: nem penses que.

O namorado dele: aqui está a sobremesa. Estive duas horas na cozinha a prepará-la. Por isso se não gostarem façam o favor de dizer que adoraram, sim?

Um dia aparece tudo aquilo com que sonhámos. O pior é que um dia aparece ainda tudo aquilo com que não sonhámos. A tristeza funde-se com o amor vezes de mais. Nós deixamos. Pensamos que é assim, que tem de ser assim. Permitimos que a complexidade desculpe o imperdoável. Ele está onde eu estive, onde posso ainda estar. Seremos reclusos da maldade dos nossos? Não estou pronta para acordar por completo, para sair do conforto estranho do golpe exposto. Felizes dos que quando querem fazer o fazem. Eu ardo na impotência como uma vela trémula. Quem faz mesmo as perguntas que teme? A vida é em cima do baloiço ou em cima do cadafalso. A tristeza da pedra é quando quer ser flor.

Eu: se atendeste é porque estás sozinho, certo?

Ele: sim.

Eu: tens de o deixar.

Ele:

Eu: tens de o deixar. Não podes continuar assim. Não podes viver assim.

Ele:

Eu: ouve-me. Ouve-me e entende: eu sei que gostas dele, que parece que ele vai ficar bem, que pensas que um beijo depois do terror vale pelo terror todo. Mas não vale. Não vale a pena. O terror nunca vale a pena.

Ele:

Eu: ouves-me?

Ele: ouço.

Eu:

Ele: ele diz que vai curar-se.

Eu:

Ele: tenho de acreditar nele. Até já está a fazer terapia. Começou ontem. Já está a tratar de ficar bom.

Eu:

Ele: preciso de acreditar nele.

Somos como pedrinhas a embater na água, salto a salto até à queda final. Transformamos em ordinário o intolerável, normalizamos o que for necessário para acalmar o que pode tirar-nos o que amamos, o que queremos continuar a amar. Estará sempre contra nós quem estiver contra o que amamos, quem se colocar a fechar a fronteira do que queremos. Não vou insistir. Desligo a chamada com um beijo, sem esperança. Estarei atenta, a vigiar. Não entrarei no círculo hermético da dependência. É quem entra no vício que tem de encontrar a saída. Recuso-me a ir embora. Ficarei em baixo da névoa, à espera de que o meu abraço seja preciso. Há-de chegar o dia seguinte, indiferente a tudo isto. Não julgo. Nenhuma decisão tem só um significado. Nenhuma pessoa é só o que parece. É perigoso fazer de uma

limitação uma força. Há angústia maior do que desconfiarmos do que pensamos?

Especializei-me em enganar o diabo. Aprecio a imperfeição do quotidiano como se fosse Matisse. Quando me deito o amanhecer está na minha cabeça, luto a sós para ficar. Não recuso a verdade: estou nas mãos de outros. O que está nas minhas será tratado com cuidado, em estado de alerta. Amo para trucidar as manias, aquela imortalidade que só os desamados julgam ter. Aguento tudo menos o desarmamento do sonho. Terminei mais uma aula. Pouco a pouco a sala esvaziava-se, penso em cada segundo do que ficou para trás. Que terei deixado em cada um? Estamos às escuras a gatafunhar as nossas tentativas nas paredes. No final o que teremos será abstracto, a junção de partes que não sabemos entender com partes que não sabemos entender. Desinteressa-me a minha condição sempre que não a sinto. Quero o instante íntimo, e é tudo. Estaremos sempre a preparar a próxima vida?

A presidente do Conselho Executivo: é impressionante a forma como, ao longo destes seus primeiros anos na nossa casa, tem sido unânime o seu trabalho.

Eu: fico muito feliz. Faço tudo o que posso para ser o melhor que posso.

A presidente do Conselho Executivo: e a brincar, a brincar, já lá vão uns aninhos bons, não é?

Eu: sim. Tento não os contar. Não quero pensar na velocidade a que o tempo rola. Assusta-me.

A presidente do Conselho Executivo: não se assuste. Ainda tem muito para dar.

Eu: quero acreditar que sim.

A presidente do Conselho Executivo: tem tanto para dar que vim aqui lançar-lhe um desafio. Espero que seja interessante para si. E que o aceite, claro.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: saberá com certeza que estou a terminar o meu mandato.

Eu: sim, sim. Mas creio que será apenas uma formalidade. Continuará certamente no cargo, como merece. Tem feito um trabalho extraordinário. A forma como esta instituição rejuvenesce e se adapta aos desafios destes tempos impressiona qualquer um. Aproveito, já agora, para lhe dar os parabéns por isso. Muitos parabéns. Sentidos e verdadeiros, pode confiar.

A presidente do Conselho Executivo: agradeço e confio. Só não acertou numa parte.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: quando referiu que eu iria continuar no cargo e que este final de mandato seria apenas uma formalidade.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: sinto-me bem no cargo mas sinto que é a hora de haver uma mudança. Precisamos, como costuma dizer-se, de sangue novo, sabe?

Eu: parece-me que a senhora presidente tem sangue novo todos os dias.

A presidente do Conselho Executivo: agradeço-lhe mais uma vez as palavras. Mas não continuarei no cargo. A decisão está tomada.

Eu: respeito, como é evidente.

A presidente do Conselho Executivo: vou directa ao assunto: quer ocupar o meu lugar?

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: seria a pessoa certa no lugar certo. Pode haver mais candidatos a perfilarem-se, mas tendo o meu apoio aberto dificilmente o cargo não será seu.

Eu:

A presidente do Conselho Executivo: aceita?

É fundamental enfeitar a escuridão. Tirar um pássaro a voar da obscuridade. A minha raiz está solta no ar, sem despregar. Alguém saberá alguma coisa sobre a realidade? Quis sempre não temer o desperdício da vida se fosse desperdiçá-la o que mais eu queria. Não acredito em tarde de mais. Estou aqui. Cheguei aqui e não sei onde estou. A sala cheia de pessoas de gravata, um protocolo inacabável. Ao fundo, lá atrás, a minha mãe na sua cadeira de rodas, no seu sorriso. Fazemos o que podemos para quem amamos nos amar mais um bocado. Sou o que sou ou o que quero que quem me ama ame? Um aplauso forte, a minha assinatura num papel timbrado. Palavras de circunstância, apertos de mão. Será estranho sentir-me mais criança do que nunca?

A minha mãe: obrigada, meu amor.

Eu:

A minha mãe: fizeste tudo o que vivi ter valido a pena. Não interessa tudo o que passei quando tenho a oportunidade de estar aqui, hoje, a ver a minha filha, a minha menina, a ser tão grande, tão grande como sempre foi e como eu andei tanto tempo sem conseguir ver.

Eu:

A minha mãe: obrigada, minha filha.

Eu:

A minha mãe: e desculpa-me. Hei-de passar o resto da minha vida a dizer-te obrigada e desculpa, e nunca será suficiente.

Eu: é importante ter-te aqui.

A minha mãe: eu sei que estavas à espera de que ele viesse. Não fiques assim. Se não veio é porque não pôde mesmo.

Eu:

A minha mãe: amo-te, filha.

Só valorizo o chão quando o perco. Daqui de cima vejo melhor o que me falta. Posso assumir que as coisas são aquilo que me fazem sentir? Não sei onde ele está, como está. Não me magoa não o ter. Magoa-me imaginar porque não o tenho. Quero que toda esta felicidade acabe rápido para ir à procura do descanso, do alívio da normalidade. Despeço-me de todos, faço uma vénia, comporto-me como tem de ser para não se notar muito a minha pressa. A felicidade é daqueles que são

infelizes e não o sabem. Ele ocupa mais espaço quando não está do que quando está. Sem ele tudo é balbúrdia, uma terra de ninguém. Escolho no telefone os números que o chamam, entro no carro. O meu sorriso nunca será o da Mona Lisa. A bondade é tão bonita e tão inútil.

Assusta-me a facilidade com que se anoitece. Por onde entra a dor? Mais triste do que chorar é pedir desculpa por isso. Ele na cama de um hospital. O pior aconteceu. O quase pior. Pelo menos está vivo. Tem uma perna partida, a cara esborratada de pancada. Dói mais a vergonha ou a dor? Temos de ser da fé quando a esperança cai. Dou-lhe a mão, aperto-a ao de leve com a minha, o polegar a pousar, a proteger. Sei que o amo porque com ele não sinto a falta de nada. O meu amigo. A boca magoada, o nariz coberto de uma liga branca, grossa, o redor dos olhos negro. Foi a ele que dei a minha preguiça de ser o que exigiam que eu fosse. A coragem às vezes é fraqueza. Tenho o mérito de nunca ter deixado de fazer a pergunta por mais que já soubesse a resposta. Uma lágrima a sair de um dos olhos dele. Há maior obscenidade do que sofrer? Amar também é uma decisão. Prefiro acumular gritos. Tenho compaixão por quem é doce quando perde o que ama. Saberá quando que afinal não amou?

Ele: não foi nada.

Eu: foi.

Ele:

Eu: poderia ter-te matado.

Ele:

Eu: poderias já não estar aqui. Tens de ver isso.

Ele:

Eu: tens de ver isso.

Ele:

Eu: o primeiro passo para a cura é assumir a doença. Ele está a matar-te por dentro. E agora esteve quase a matar-te por fora.

Ele:

Eu: tens de o deixar. Pela tua saúde. Pela tua sobrevivência.

Ele:

Eu: desta vez não vou permitir que não me ouças. Tens de me ouvir. Tenho a obrigação de te exigir isso.

Ele:

Eu: diz alguma coisa. Diz que vais fazer o que estou a pedir-te.

Ele:

Eu: pelo menos acena.

Ele:

Eu: mostra que vais deixá-lo, que nunca mais vais querê-lo nem perto de ti.

Ele:

Eu: não me faças isso.

Ele:

Eu: não me faças isso.

É urgente domar a perfeição. Não quero que seja humano o que não falha. Não vou insistir com ele. Continuarei a tentar. Espero que saia da madrugada. Sente-se um falhado e isso é falha minha. Não o deixo livre para ser pequeno, para ir pela

humilhação adentro. Sinto-me vazia quando tudo está no lugar certo. Fico maior quando chega a revolução, a falta. Pode ser que crescer encolha. Encosto a minha cicatriz à dele, o silêncio. Entendo neste segundo que é onde mais amamos que mais dói. Continuo devagar o abraço. Ele retribui, encosta-se mais ao meu braço. Às vezes temos de partir um vidro para podermos ver o céu.

Ele: obrigado.

Eu:

Ele: obrigado por estares aqui todos estes dias.

Eu: fiquei por mim. Sou egoísta, lembras-te?

Ele: claro que és.

Eu: gosto que me conheças e ainda assim me adores. Deixa-me descansada.

Ele: e a universidade?

Eu: não te preocupes. Tenho uma equipa que vive bem sem mim.

Ele: nisso somos diferentes.

Eu: eu e tu?

Ele: eu e a tua equipa: ela vive bem sem ti.

Eu: até assim és um querido.

Ele: eu diria que só assim é que sou um querido. A fragilidade faz-nos maiores, mais pessoas.

Eu: quando puderes escreve isso.

Ele: és hilariante.

Eu: eu sei.

Ele: eu também.

Eu: como te sentes?

Ele: acabado.

Eu: ótimo. É o primeiro sinal de que vais recuperar.

Ele: vens comigo?

Eu: vou.

Ele: nem te disse para onde.

Eu: eu sei.

Ele:

Eu: mas vou.

Excita-me a ruga na testa, o peso do mundo na pele. Há enfado maior do que uma recta vazia? Vai ser difícil trazê-lo de regresso à rua onde cresceu, ao animal que resta do homem. Vejo-o na penumbra lenta, a retornar sem parar à memória. Brinco com ele. Conto uma anedota. Criou-se o riso para combater o irremediável. Porque tem o ontem de durar para sempre? Sorri um pouco, como se estivesse a saber outra vez quem é. O logro é acreditar que de tanto sofrer se aprende a sofrer. A alvorada pode chegar imediatamente antes da noite. Dizemos que amanhã é outro dia para animar quem sofre quando amanhã ser outro dia é para quem sofre o que mais o faz sofrer. A continuação aperta, mais do mesmo. Já não é quem foi e ainda não é quem será. Poderei ter aquele que ele é?

O medo não passa de um preconceito. Desconfio de quem tem boas intenções. O meu pai quer salvar-se de si. Entro com ele nesta clínica, mão dada. Caminha devagar, a olhar para cada esquina da sua nova gaiola. Será o relâmpago a única forma de vermos a luz? O sufoco é o do equilíbrio, ter de ser o aceite. Queremos fazer como os felizes e assim nos martirizamos. A directora da clínica a explicar o que é o quê. O meu pai a acenar como pode, a resistir como pode. Consola pouco a chegada de lama nova, fresca, à lama onde estamos. Os olhos vazios do meu pai. Beijo-o na face, dou-lhe a força que nem eu tenho. Vai ficar aqui. Chega isso para espetar o espinho. Estamos entre a prece e a vingança. O que nos define é para que lado caímos.

Eu: não se deixe ir, meu pai.

O meu pai: aqui estou bem. É aqui que vou acabar.

Eu:

O meu pai: é no meio de loucos que um louco tem de estar. É neste lugar que tenho de estar.

Eu: deixe-se disso, meu pai.

O meu pai: parece que finalmente estou no sítio certo.

Eu: não diga isso.

O meu pai: aqui pelo menos não me custará muito desistir.

Eu: não vai ficar aqui muito tempo, vai ver.

O meu pai: já viste a tristeza de tudo aqui? Parece que até as paredes estão desligadas.

Eu: são os seus olhos, meu pai. É para os fazer ver melhor que está aqui. Este lugar é lindo. Tenho esperança de que daqui a pouco tempo vai conseguir vê-lo como é.

O meu pai: só vejo o que existe em mim.

Eu: aqui vai mudar o que existe em si, meu pai. Aqui vai construir esse mim de que tanto fala.

O meu pai: és linda, filha. A minha filha. O orgulho de o dizer nenhuma loucura mo tirará.

Eu:

O meu pai: és linda.

Na Primavera é fácil ser andorinha, pregar a existência da felicidade. No Outono resta apenas quem ama, o chão enche-se de desistentes. O quarto do meu pai parece perfeito para morrer. Não queria quem calcasse os meus sapatos, queria quem fosse pisado por eles como eu sou. Sinto-me a largar lágrimas sórdidas, de quem causou o que faz chorar. Custa-me ficar aliviada por vê-lo aqui. A felicidade é ver mal ao perto. Acontece que não consigo ficar à porta de mim, entrever-me. Terei mesmo de estar de frente para o sol para deixar as sombras para trás?

O meu pai: vou ficar bem.

Eu:

O meu pai: pode não parecer, mas vou ficar bem.

Eu: vai, meu pai. Eu sei que vai.

O meu pai: sabes?

Eu:

O meu pai: não vejo isso em ti. Vejo que não acreditas nisso. Vejo que as tuas palavras dizem o contrário do que pensas.

Eu:

O meu pai: mas eu vou provar-te que estás errada. Desta vez vou provar-te que estás errada.

Eu: vai, meu pai. Vai.

O meu pai: desta vez sinto que está nas minhas mãos, que consigo. Estes dias aqui têm sido duros, sinto que estou numa casa de malucos e não sou maluco nenhum.

Eu:

O meu pai: mas ao mesmo tempo estou a ficar forte, estou a ver que vou conseguir. Não me perguntes porquê, não sei responder.

Eu:

O meu pai: acordo com vontade de acordar. Sabes a raridade que isso tem sido ao longo da minha vida?

Eu:

O meu pai: tem custado tanto, tanto. Os dias demoram, arrastam-se. Deve ser isso o que eles querem, não achas?

Eu: pode ser, meu pai.

O meu pai: mas, no meio disto tudo, o que mais sinto é que vou ser o pai que tu mereces ter.

Eu:

O meu pai: ainda vou a tempo?

Eu: de quê, meu pai?

O meu pai: de ser o teu pai. De ser o pai da minha filha.

Eu:

O meu pai: ainda vou a tempo de ser o teu pai?

O inferno é onde estamos. A ausência de fogo também queima, como se fôssemos uma reprodução de algo que nunca acontece. Adiamos a verdade, atirámo-la para o canto com medo de que nos mate. De que serve um monumento numa praça esquecida? Digo ao meu pai que ainda vai a tempo, que ainda podemos amar-nos como filha e pai se amam. O sorriso profundo do meu pai. Já nos amamos como filha e pai se amam. Se amo o meu pai e o meu pai me ama já nos amamos como filha e pai se amam. Dos gestos, das palavras, dos actos não vem o amor. O amor vem de onde não se sabe, de um lugar que ninguém influencia. Amo do lado oposto de mim, contra mim. Poderei decidir não amar, tirar o corpo do que amo. Não será por isso que abandonarei o amor. O meu pai é um quadro deformado no que sou, amarrado por um arame fino à parede. Deixo-o mais descansado, agarrado à hipótese de uma vida de volta. Arrependemo-nos mais de desistir do que poderia ser do que de desistir do que seria. Basta uma incógnita

para nos manter vivos.

A desilusão torna-nos reconhecíveis, olha para dentro de nós. Ele está de volta. Fugiu do outro, da violência. Treme. Está deserto. Passa os dias sentado no sofá a ver o tempo a passar, a ver se o terror e o amor também passam. A derrota é a prova da existência de Deus. É medonho olhá-lo, lembrar o que já foi. Custa-me sair para o trabalho, saber que o abandono à distância interminável de um dia inteiro. Há mais humanidade na alegria ou na tristeza? O meu amigo. Não o vejo há meses. Anda pela casa um fantasma dele, uma réplica inconsistente do que ele é. Quem magoa sabe mesmo o tamanho do que faz? Telefone-lhe de hora em hora, quero aliviar a ameaça. Tenho como tarefa de vida atravessar a morte com ele. A mágoa custa, a indiferença mata. Quando estamos sozinhos sabemos o que temos. Faço um esforço contínuo para segurar bem alta a ilusão, para que permaneça uma flor debaixo do cimento. Sento-me paciente à entrada da porta dele, aguardo os seus primeiros passos. Reage porque tem de ser, come quando o obrigo, está acordado só quando não o deixo dormir. Tenho um amigo em decomposição em casa. Que importa haver o céu se não conseguimos erguer a cabeça?

Eu: boas-tardes.

Ele: olá.

Eu: tenta um olá mais forte, vá. Por mim.

Ele:

Eu:

Ele: como foi o dia? A universidade continua a ser aquele ninho de víboras?

Eu: tu no fundo adoras esse ninho, minha pequena víbora travestida.

Ele: tenho saudades de gostar.

Eu:

Ele: tenho saudades de querer algo, de sentir algo. De precisar de algo, de algo mexer comigo.

Eu: gosto de saber que tens saudades.

Ele:

Eu: é sinal de que já tens qualquer coisa. Sentir a falta de algo é sentir algo.

Ele: é uma maneira de ler o que eu disse.

Eu:

Ele: uma maneira errada, sim. Mas uma maneira.

Eu: estás a voltar, meu retorcidinho. Até já ironizas e tudo, já viste?

Ele:

Eu: escreveste alguma coisa?

Ele: nada.

Eu:

Ele: e tu?

Eu: muito. Relatórios, actas, *e-mails*, discursos, notas de imprensa.

Ele: deixámos de ser o que éramos.

Eu: deixámos de ser o que éramos. Mas continuamos a ser o que somos.

Ele: quando perceber o que acabaste de dizer comento, prometo.

Toda a vitória é fugaz. A derrota, essa, pode ocupar uma vida toda. Não é o caso da dele. Está a voltar. O meu amigo está a voltar. Já chora mais do que o que cala. Aos poucos terá a fisionomia de outrora, saltará as barreiras que bloqueavam risos. Se querem enterrar-nos, temos de ser sementes, viver debaixo da terra, crescer debaixo da perda. É atrás da cortina que se faz o génio. O pai dele chegou. Traz a tristeza serena de uma velhice viva, olha para o filho, ama-o. Espanto-me sempre com a dimensão do amor. Do meio da nuvem densa só sai quem ama. Espanto-me sempre com a beleza do vulnerável. Os olhos dele com água ao ver a chegada do pai. O andar trôpego dos dois sustentados um no outro, cada um na sua queda particular. Temos de ir nus para o que amamos. O que magoa não é estarmos do lado de cá das grades; é existir um lado de lá. Será a escuridão uma soma simples de todas as sombras?

Ele: preferia que não o fizesses.

O pai dele: tenho de o fazer. Temos de o fazer. Ele tem de perceber que não pode fazer isso, que é castigado severamente.

Ele: o que lhe acontece se ganharmos o processo?

O pai dele: no mínimo uma indemnização. Mas pode ser mesmo preso.

Ele:

O pai dele: não queres vê-lo na cadeia?

Ele:

O pai dele: achas que ele não merece, depois do que te fez, ser preso? É isso? Explica-me, por favor. Quero mesmo entender-te.

Ele: não acredito na vingança.

O pai dele:

Ele: não acredito no poder regenerativo da vingança. Acredito que a vingança é a resposta dos fracos. E que é a maneira mais eficaz de nunca acabar com um acto errado.

O pai dele:

Ele: quando vingamos o que foi mau estamos a dar ao outro a possibilidade de vingar o que foi mau.

O pai dele:

Ele: é inacabável. É uma espiral interminável.

O pai dele: queres que não faça nada?

Ele: peço-te que não faças nada.

O pai dele:

Ele: vamos deixar o silêncio fazer o seu trabalho. Há dias em que trabalha muito bem.

É opaco o que vemos no fundo. Voltamos ao tempo do sorriso, da palavra boa. Acalmamos com o que existiu. Ele não quer magoar. Quer o golpe solitário. Pagar na mesma moeda pode trazer prejuízo. Nem preciso de lhe perguntar de onde lhe vem o labirinto, em que ponto está na ressaca da vertigem. É uma pessoa apaixonada por quem lhe faz mal. Já foi a asa, agora é a queda. Tenho de acreditar que não passamos de carne perecível? O pai dele vai, cabeça baixa. Fará o que ele

pediu, eu também. Deixaremos que o sangue pouse, que as memórias amainem. Cada um deveria amar aquilo que merece. Como pode a peste vir nas mãos de um anjo?

O que vemos é uma miragem de qualidade, criada em alta definição. É a nossa maneira de nos desviarmos do pavor. Seguimos por descaminhos e conseguimos ainda chegar a um destino. A fraude é a nossa tenda de guerra. Mais uma reunião terminada. Não sei como aconteceu mas sou muito boa a fazer isto. Dizem-me que a universidade nunca esteve melhor. Um elogio compra-nos melhor do que o dinheiro. Que mal pode atingir o adorado? À saída da sala estão quatro homens e uma mulher para me falar. Primeiro assusto-me, depois percebo ao que vêm. Levo-os para dentro da sala, vou ouvir as promessas que têm para me entregar. Vida longa à vida terrena, aos prémios que nos tiram a culpa. Experimentei a morte várias vezes, recomendo-a como o fósforo recomenda o fogo. A animalidade tem um lado sereno. Estamos os cinco sentados na sala de reuniões da universidade. Sinto pelo cheiro que querem degolar-me com a vaidade. Vamos ver o que corre mais rápido: o sangue ou as ideias? Não tenho a certeza de onde vem o instinto. A alegria da borboleta vem daquilo que não sabe. A quem tenho de pagar para me levarem a lucidez?

A mulher do grupo: é a pessoa certa para isso. Não vemos mais ninguém que recolha de uma forma tão vasta a unanimidade de toda a gente aqui na cidade, e não só.

Eu:

A mulher do grupo: seria uma honra para o nosso partido contar consigo como cabeça-de-lista do nosso distrito para as próximas eleições.

Eu:

A mulher do grupo: temos a certeza absoluta de que será uma deputada exemplar e que, mais do que isso, poderá efectivamente fazer a diferença e marcar uma posição visível e relevante.

Eu:

Um dos homens do grupo: e deixe-me acrescentar que, com a sua experiência, com o seu carisma, este pode ser apenas o primeiro passo de uma carreira brilhante. É de pessoas como a senhora doutora que a política precisa. E precisa como do pão para a boca.

Eu:

Outro dos homens do grupo: não tenho qualquer dúvida disso. Será uma pedrada no charco. As pessoas vão identificar-se com o seu percurso, com as suas palavras, com toda a sua aura, se podemos dizê-lo assim.

Eu: sou um bom produto, é isso?

A mulher do grupo: não o veja desse modo. Tudo o que a senhora doutora representa a recomenda. Deixe que isso seja um elogio. Porque é isso o que é.

Eu:

A mulher do grupo: mas não vamos apressar nada. Sabemos que este é um desafio inesperado para si, o que só abona a seu favor. Nunca actuou a pensar em holofotes.

Eu: não sabia que eles estavam lá, confesso.

A mulher: estavam. Estão. Vamos deixá-la com os seus pensamentos e dentro de alguns dias retomaremos o contacto. Pode ser?

Querem alucinar-me com a ambição. O poder serve para desgrenhar, para que vagarosamente a fraqueza entre nas veias. A maldade é uma escolha pessoal. É de livre vontade que somos atirados para o caldeirão. Deixarmo-nos ir é a maneira hipócrita de decidirmos ir. Deixa-se converter quem já estava convertido. A natureza é um alibi para as mais secretas intenções. A minha intenção é não andar sobre lugares escorregadios, permanecer no canto, junto ao sossego, longe dos dias sombrios. Só quem foi da escuridão muito tempo sabe o que custa o amanhecer. Recusarei educadamente. Ficarei no meu calabouço garantido. O que nos leva mais para a podridão: a fossa ou a ambição?

Ele: e vais aceitar, claro.

Eu: claro.

Ele: isso mesmo.

Eu: claro que não. Pensei que me conhecias melhor.

Ele: conheço-te. Talvez melhor do que tu.

Eu:

Ele: e é por isso que tenho a certeza de que vais aceitar.

Eu: diz-me, ó espertinho que me conhece melhor do que eu: porque haveria eu de aceitar? Que motivos poderia eu ter para me meter num mundo nojento como o da política? Consegues dizer-me, consegues?

Ele: só tenho um.

Eu:

Ele: és tu.

Eu: esse é o meu motivo principal para não aceitar.

Ele: tu queres mudar o mundo. Podes pensar que não. Mas queres. Podes dizer que só tratas de ti e dos teus, mas tudo o que fizeste, tudo o que foste, foi só por isso: porque acreditas que podes mudar o mundo. Fizeste-o contigo e com todos os teus.

Eu: mudar o mundo? Eu? Quero é mudar a tua medicação, meu amigo.

Ele: és dessas pessoas, daquelas que mesmo que não queiram vão em frente, vão com tudo, contra tudo, contra o que aparecer. São essas que mudam esta porcaria toda. Tu sabes, eu também sei. Lemos isso mil vezes, falámos sobre isso mil vezes.

Eu:

Ele: seria reprovável não aceites. Seria até irresponsável não fazeres tudo o que podes. Tens de fazer o que está na tua mão.

Eu: e ser deputada muda alguma coisa? O que vou ter na minha mão?

Ele: o que tinha na mão uma menina pobre desterrada na aldeia? Como poderia ela chegar a algum lado? E no entanto aqui estamos. Aqui estás.

Eu:

Ele: tu vais descobrir o que podes fazer, como podes fazê-lo.

Eu:

Ele: o que estás a fazer?

Eu: a telefonar para o teu médico. Temos de te mudar a medicação rápido. Tu não estás bem.

Posso ter acabado de entrar em guerra contra o que sinto. Corro por entre as árvores a fugir de mim. Devo calar-me ou como sempre carregar a vida nas minhas próprias mãos? Ele espera a minha resposta, um sorriso debaixo dos lábios. Habitamos os dois um lugar lindo. Estive sempre farta do mundo dos normais.

Como se faz isto de viver? Somos como domadores de olhos vendados, à espera de que a poesia evite a tragédia. Dia atrás de dia a escuridão quer dominar-nos. Ele está a fazer as malas. Vai voltar para o seu drama original. O outro está lá em baixo. Não o deixei entrar. Não consigo olhá-lo. Estaremos condenados a propagar o que deve ser contido? Está contaminado de amor. O outro toca a campainha mais uma vez, diz-lhe que está tudo pronto, que é só descer. O veneno é inesperadamente cobiçado, há quem diga que serve para extinguir a tempestade. Enquanto o sentir em perigo não pacificarei os meus demónios. Antes um lento pesadelo do que a ausência de sonhos. Sem ele a noite será uma longa melancolia. Ele vestido com a sua melhor roupa, com a sua melhor vontade, excitado por estar de regresso ao que pode ser o seu fim. A destruição traz-me um frio apagado, o retorno ao começo da guerra. Não sabemos distinguir o monstro do anjo. Ele é outra vez a criança imatura, segura da sua ignorância contente. Quando se sabe se é a última despedida?

Ele: não dizes nada?

Eu:

Ele: vais deixar-me ir sem dizeres nada?

Eu:

Ele: isso é bem adulto da tua parte. Parabéns.

Eu:

Ele: então adeus. Espero que estejas bem, que fiques bem e que compreendas a minha decisão.

Eu:

Ele: espero que um dia compreendas a minha decisão. Tu, melhor do que ninguém, vais ter a capacidade de perceber o que estou a fazer, porque estou a fazê-lo.

Eu: não.

Ele:

Eu: não podes sair daqui com essa esperança.

Ele:

Eu: não ficaria em paz comigo, com o que sou, com o que penso, e sobretudo com o que te amo. Gosto demasiado de ti para poder dar-te uma esperança, por mais pequena que seja, de que irei entender o que estás a fazer.

Ele:

Eu: sei que pensas que por ter a família que tenho, a infância que tive, por ter tomado as opções que tomei mesmo depois de tudo o que me fizeram, sei que pensas que deveria entender-te. Mas estás enganado.

Ele:

Eu: é por tudo isso que acabei de dizer que não posso entender. Porque sei o que é.

Ele:

Eu: e sei que és diferente de mim, que nunca suportarias o que eu suportei, e

que se estás a suportar é porque estás doente. E eu não quero o meu amigo doente. Não podes esperar que compreenda porque caminhas em direcção à doença, porque és tu que queres trazê-la para ti.

Ele: estás no teu direito de não compreender.

Eu: estou.

Ele: adeus. És linda. Obrigado. Sempre. Obrigado por tudo. Foi, e espero que continue a ser, uma felicidade ter-te na minha vida.

Preciso do que me faz tremer a carne, de andar no meio das arestas. Não fui capaz do abraço. Deixei-o ir. A porta batida não é recolhida. Permanece. Fica debaixo do que pensamos. Choramos. Ele está a chorar a entrar no carro, tenho a certeza. Eu choro aqui, estendida como não estava há muito. A fractura está entre a vontade e a necessidade. Ser adulto é ser metade infância, metade decadência. Levanto-me de repente para o ver ir. O carro cada vez mais distante. Podemos sentir culpa de algo de que sabemos não ser culpados? Os piores abismos são os errantes, os que se movem quando nos movemos para longe deles. Inventou-se o impossível para nos custar menos desistirmos do que queremos. É quando as lágrimas secam que começa a arder. Quantas verdades há em cada verdade?

Ele: pensei que não ias atender.

Eu: porque pensaste isso?

Ele: é o que tens feito, não é?

Eu:

Ele: tenho-te ligado todos os dias há mais de uma semana e nunca atendeste.

Eu: não reparei.

Ele: não sejas assim.

Eu: assim?

Ele: assim. Faz um esforço. Nós merecemos que faças um esforço.

Eu: como estás?

Ele: bem, ótimo.

Eu: ainda bem.

Ele: ele está tão diferente. Tens de ver. Só quando vires é que vais sentir o que eu estou a sentir.

Eu:

Ele: fica feliz com a minha felicidade.

Eu: fico. Vou ficar sempre.

Ele: então conta-me coisas tuas, da tua vida. Como está a correr a campanha?

Eu: bem.

Ele: vais ser eleita. E depois vou ter de te tratar por doutora excelentíssima venerável excelsa deputada ou posso tratar-te como a tontinha de sempre?

O segredo é fazer as sombras andarem. Separar o medo da amargura. Não o compreendo, continuo a não o compreender. Temo por ele, continuo a temer por ele. Sempre que o telefone toca espero o pior, o suor desce pelo rosto. Quando vem uma chuva inesperada há os que se queixam e há os que aproveitam para vender guarda-chuvas. É triste esperar pelo que não chega mas é mais triste não ter pelo

que esperar. Já deixei de recear o poder das ondas. Não posso ser a mulher que não sou. Continuarei a ser a amiga. O meu amigo. Não o levarei para a própria morte nem o deixarei morrer sozinho. Às vezes só o sangue sacia a sede. Hei-de livrá-lo daquilo em que se tornou. Não pensei que a trégua doesse tanto. Há maneira de sobreviver ao desejo? É necessária a chegada da maturidade para se aprender a brincar com o que assusta. Hei-de livrar-me daquilo em que me tornei.

A lacuna chega num instante. Estar só é o que vem a seguir. Somos carrascos de nós mesmos. Chegou o caixão. Vem fechado para já. Eu, ele, a minha mãe. O cheiro a morte é uma voz distante, o máximo que conseguimos é tapá-la temporariamente. É suposto suportarmos o silêncio depois de ouvirmos a voz? Não sei se voltaremos a sonhar. A minha mãe sem um milímetro de pele seca. Os dois homens da funerária com cara de enfado, a tratarem a morte como se trata um formulário. É junto aos lobos que está a segurança. Cuidado com a doçura intrépida do cordeiro. O que pode acabar com o mundo é a coragem dos maus. O caixão pousado no altar. O silêncio debaixo das lágrimas. O grito dele. Perder um pai é perder o que fomos. Ficamos sozinhos a combater o diabo. Ele a sair a correr da igreja. Deixo-o ir. Vai ficar no canto à procura do que partiu. Quando souber andar outra vez vai voltar. Desconfio dos que não são animais quando estão feridos.

A minha mãe: voltei ao vazio.

Eu:

A minha mãe: voltei a ser o que pensei que não voltaria a ser.

Eu:

A minha mãe: o que farei comigo?

Eu: nós estamos aqui.

A minha mãe:

Eu: nós vamos estar contigo. Vamos fazer o que ele pediu. Não voltarás a ser uma mulher sozinha.

A minha mãe: sinto-me abandonada.

Eu: não sintas. Não é verdadeiro.

A minha mãe:

Eu: foste amada. És amada. É assim que tens de te sentir: amada. Porque é isso o que és.

A minha mãe:

Eu: é isso o que vais continuar a ser.

Um dos homens da funerária: está bom assim?

Eu:

A minha mãe:

O outro homem da funerária: depois vimos aqui tratar das contas, sim?

Eu: sim. Obrigada.

A minha mãe:

Eu: agora por favor deixem-nos sozinhas.

Estamos atulhados de quem ocupe espaço sem preencher vazios. Pensamos que ter pessoas connosco é levá-las para a cama, andar de braço dado na rua. O outro chegou. Ele vem também, cabeça baixa, olhos entumecidos. Cumprimenta-me com educação, olha-me à distância a poucos centímetros de mim. Há decisão maior do que o amor? O engano é querer fugir-lhe. Ele ajoelhado a procurar o ombro da minha mãe. É na tristeza que arrumamos o que somos, quando estamos confinados

às quatro paredes acanhadas de nós. Tenho medo de quem não é bruto quando está magoado. Eu e o outro a olharmo-nos de cima a baixo. Amar é não cansar de tentar. Sei com clareza que é este o momento de não fazer nada. As lágrimas dele e da minha mãe juntas. Só tropeça quem passa a vida a olhar para trás. Não quero esperar pelo Verão. Vou carregá-lo ao colo até ele. Posso chamar sorte a tê-lo comigo quando chega o azar?

O outro: lamento imenso.

Eu: obrigada.

O outro: sei que não é a melhor altura, mas não posso deixar de dizer que estou a fazer tudo o que posso para o fazer feliz.

Eu: o problema com fazermos tudo o que podemos é que por vezes tudo o que podemos não é suficiente.

O outro: ele está feliz. Estava, pelo menos, até acontecer esta tragédia.

Eu:

O outro: até o pai dele já estava a começar a perdoar-me, até o pai dele já estava a perceber o quanto eu estava a fazê-lo feliz.

Eu: é o mínimo que lhe exijo.

O outro: é o mínimo que ele terá.

Eu: tenho por princípio só dar o benefício da dúvida a quem me oferece dúvidas.

O outro:

Eu: não é o teu caso.

O outro:

Eu: sobre ti já não tenho qualquer dúvida.

O outro:

Eu: tenho a certeza de que vais voltar a ser o que já foste. Não vais fazê-lo por mal. Até acredito que nunca o faças por mal. Mas é o que és. És assim. Mas podes estar certo de que quando o fizeres eu vou estar lá perto para te mostrar que ele não está nas tuas mãos por mais que esteja à mão.

O outro: vais ver que estás enganada.

Eu: posso estar enganada, sim. Pode ser que esteja enganada quando digo que não o fazes por mal. Só nisso.

O outro: aos poucos vais ver-me de verdade.

Eu: o meu mal é ver-te de verdade. É isso o que me dói. Gostava tanto de acreditar em ti. Era uma felicidade.

O outro: acredita.

Eu: não consigo. Abro os olhos e vejo-te. Lamento.

O outro:

Eu: e agora vamos acabar com esta conversa. É inútil. Vamos tratar de tratar dele.

Quantas histórias acabam quando morre um homem? O barulho da terra sobre o caixão. Não é meu o abraço à volta dele. Aperto a minha mãe. O outro fecha-o no meio dos braços. Não aguento. Aproximo-me, chamo-o para a minha pele, passo-

lhe a mão pelo rosto, encosto-o inteiro a mim. Alguém viu por aí o meu orgulho? Ao lado dele tudo o que existe é poeira a voar. É só meu durante estes segundos. Sei que é comigo que mais aguenta o insuportável. Tirei enfim as cortinas da janela. É a voz dele o som que mais amo no mundo. O outro vem resgatá-lo, puxa-o sem vergonha. Há homens tão pequenos com sombras tão grandes. Se o deixar sozinho quero que fique pelo menos com a luz acesa.

De que vale um girassol quando cai na sarjeta? Todos à minha volta saltam, festejam. Vou ser deputada. Ganhei uma eleição em que poucos acreditavam e tudo o que sinto é morno. Posso ter saudades do que pensei vir a sentir? Imaginei que neste dia estaria feliz, que estaria a celebrar o que tanto custou ganhar. O que se perdeu pelo caminho é uma rasteira que não passa. Penso nele, quero que venha para a festa comigo. A festa não é a música que toca; é quem temos para dançar connosco. Estou exausta de não o ter. Estou impaciente de não o sentir comigo. Estará bem? Precisar-se de mim? Chega o líder do partido, abraça-me com força. Sou o orgulho de quem nada me diz. Onde está o que me tira do deserto? O aplauso de toda a gente. Querem as minhas palavras e eu só queria o meu silêncio para o trazer melhor. Estou desocupada, dentro de um lugar em que todos me consomem osso a osso. Tenho um certo asco da ditadura da felicidade, do optimismo obrigatório, da luz artificial. Não estou certa de que a juventude leviana não saiba o mais importante. Posso ser adolescente e fechar-me no quarto?

O líder do partido: mas de certeza que não estão aqui para me ouvirem a mim. Aqui está ela. A mulher do momento.

Eu:

O líder do partido: a mulher que mostrou que tudo o que víamos nela era curto para o tanto mais que ela representa. A grande vencedora da noite. Ela mesma.

Eu:

O líder do partido: venha daí um aplauso do tamanho da vitória dela, por favor. Não é mais do que aquilo que ela merece, ou é?

Eu: dizem por aí que a política é um antro, que todos os políticos pensam em si antes de pensarem no outro, naquele que o elegeu. Eu concordo com isso.

A plateia:

Eu: dizem por aí que o sistema está viciado, que são sempre os mesmos a tratar do mesmo, que quem está fora do círculo está fora do dinheiro. Eu concordo com isso.

A plateia:

Eu: dizem por aí que quem opta por entrar neste mundo estará a pensar em si mesmo, naquilo que pode obter dessa sua entrada. Eu concordo com isso.

A plateia:

Eu: e eu mesma confesso, aqui, perante todos vós, que estou aqui por pensar em mim, para tratar de defender os meus interesses. Estou aqui pelo mais claro e assumido egoísmo. Estou aqui porque quero sentir-me bem. E é porque quero sentir-me bem que vou fazer tudo para honrar este voto de confiança. Vou esfalfar-me toda para conseguir fazer algo de novo, trazer a diferença a todo este antro de que todos falam. Estou aqui para alimentar a toda a hora o meu egoísmo. Que ninguém duvide disso. Que se façam parangonas disso. Que se escreva isso por todo o lado. Estou aqui porque sou egoísta. Estou aqui porque cada um dos cidadãos do nosso país acabou de entrar, hoje, neste momento, na esfera mais

estreita do meu egoísmo. Tratarei de cada um deles, do interesse de cada um deles, como se fosse o meu próprio interesse. Porque o é. Porque é com a satisfação do interesse de cada um deles que o meu próprio interesse estará satisfeito.

A plateia:

Eu: Bem-vindos ao meu egoísmo.

Preciso das palavras para ir até mim. Agora salvaram-me outra vez. Os aplausos ainda não pararam. Toquei no nervo de quem me ouviu. Serão as palavras a maneira legal de roubar as pessoas? Todos de pé a verem-me abandonar o palco. Vejo uma ou duas pessoas a chorarem. Quis incomodar, mexer com o crepúsculo calmo de sempre. Não vou ser menos do que eu esteja onde estiver. O que eu sou não tem cura. No meu lugar todos estariam completos. Para que quero o champanhe se não o tenho para beber comigo? Antes órfã do que falsa. Talvez seja viciada no charme da cicatriz.

Ele: desculpa, não pude mesmo ir.

Eu: podias ao menos ter telefonado. Até fica mal ser eu a ligar-te para tu me dares os parabéns, não te parece? Seu mal-educado.

Ele:

Eu: estás bem?

Ele: sim, claro.

Eu:

Ele: e tu? Como correu tudo? Conta-me como foi. Quero os pormenores todos, sobretudo os maus. Quantas vezes te apeteceu mandar aquela gente ir dar uma volta? Quantas vezes te apeteceu sair de lá a correr?

Eu: mais do que aquelas que eu desejaria.

Ele: calculei que sim.

Eu: mas depois conto-te tudo, quando estivermos juntos.

Ele:

Eu: quando vai ser isso?

Ele: eu depois ligo-te para marcarmos.

Eu: depois?

Ele: depois.

Eu: hoje? Amanhã?

Ele: ando um pouco apertado com coisas para fazer.

Eu: nem sequer te tenho visto na universidade.

Ele: outras coisas cá em casa.

Eu: estás bem mesmo?

Ele: sim.

Eu:

Ele: e parabéns, senhora deputada. Acho que ainda não os tinha dado. Espero que agora faças a diferença e me aumentes o salário.

Eu: claro que sim. Senta-te e espera.

O amor manso é fácil, até porque é o amor inanimado. O sentimento bruto é o que me acalma. O desconforto tira-me o ruído da frente. Estou pronta para fugir da

chuva. Desligo a chamada, sorrio fundo. Preferia acreditar na mentira que me contou. Não acredito. Continuo a esperar o pior mais do que o melhor. Sei que se habituou à lama, que consegue viver com o desespero no andar de baixo. Será a dor a minha sabedoria? Hei-de continuar a sonhar contra a tristeza.

Hoje o fim do mundo passou por mim. O telefone tocou. Sabia o que era, senti o que era. Era ele entre a vida e a morte. Desta vez toda a gente sabia o que tinha acontecido. Todos o disseram. O meu amigo sem se mexer na cama do hospital. Se o perder terá sido por amor ou por falta dele? O bem tem muros baixos, qualquer um pode transpô-lo. A médica sem saber o que dizer. O silêncio pode ser uma humilhação. Idolatra-se o pecado para que a transgressão nos organize o caos. Faço-lhe festas no rosto pisado. Se não o conhecesse tão bem não saberia que é ele. Beijo-o com os lábios mornos. Se pudesse era eu em vez dele. Chamei a Polícia, não haverá terceira oportunidade para quem nem uma mostrou merecer. Acabou a miopia. Quantos fios nos unem à desgraça? Rabisco algumas palavras num bloco grande, escrevo-as em tamanho gigante, penduro a folha na parede, diante dele. Quando acordar quero que as leia. Sinto-me amarrotada pelo medo. Passei estas décadas todas a preparar-me para este momento, para conseguir equilibrar-me no topo do desespero. Como se adestra o vazio?

Um dos polícias: tem a certeza?

Eu: sim.

Um dos polícias: devo adverti-la de que essa é uma denúncia muito grave. Se não está certa do que está a dizer aconselho-a a não o afirmar.

Eu:

Um dos polícias: mantém o que disse?

Eu: sim.

Um dos polícias: vou registar.

Eu:

Um dos polícias: quem poderá corroborar essa sua afirmação? Em que se sustenta para a fazer?

Eu: ele.

Um dos polícias: a vítima?

Eu: sim.

Um dos polícias: mas e se ele não puder fazê-lo?

Eu: respeito as forças da autoridade mas peço-lhe que não coloque isso em causa. Por favor não o faça.

Um dos polícias: colocar em causa o quê, minha senhora?

Eu: que ele vai poder fazê-lo.

Um dos polícias: por mais que custe é uma possibilidade. Temos de colocar todas as possibilidades em cima da mesa.

Eu: se essa possibilidade estiver em cima da mesa eu abandono a mesa.

Os dois polícias:

Eu: e agora com licença. Tenho de ir para junto dele. Quero estar lá quando ele acordar.

Um dos polícias: com certeza.

Eu: obrigada.

Um dos polícias: obrigado nós. E espero que continue a fazer o excelente

trabalho que está a fazer no parlamento. Nós precisávamos de pessoas assim, que tentam mesmo mudar alguma coisa.

Eu:

Um dos polícias: passar bem. Com licença.

As verdades devem ser escritas a lápis. O único caminho é directo ao erro. Seremos meninos depois de adultos? Cancelei o que não podia cancelar para estar aqui. Acima do amor só está mais amor. Há vidas com tão pouco contentamento. A minha não tem sido assim. A minha mãe a chegar, traz as lágrimas prontas para chorar comigo. Digo-lhe que não. Não quero a lágrima rasa. Vou sorrir até sorrir ser inútil. Espero que os olhos dele abram para me ver aqui, peixe sem água, à espera de que a minha casa abra as portas. Estarei onde ele estará. Vou ler-lhe o livro que ele me disse que estava a ler. Sei a página em que ficou, noto pela maneira como está amassado. Não acrescentarei a sua ausência ao meu absurdo. Ainda demorará muito a chamar-me?

A minha secretária: mas tem de ser amanhã.

Eu: não posso.

A minha secretária: mas, doutora, sabe como é difícil dizer isso ao primeiro-ministro, não sabe?

Eu: diz-lhe assim: a senhora deputada não pode. Pode ser?

A minha secretária: eu sei aquilo por que está a passar, mas não quer reconsiderar?

Eu: não reconsidero o intocável.

A minha secretária:

Eu: pode dizer-lhe assim: a senhora deputada vai estar ocupada com aquilo em que ninguém toca.

A minha secretária:

Eu: está melhor assim ou queres que formule mais uma vez?

A minha secretária:

Eu: desculpa. Estou a ser agressiva. Não mereces. Diz-lhe por favor o que te pedi. Diz-lhe ainda que assim que puder o contacto, sim?

A minha secretária: sim.

Eu:

A minha secretária: como está ele?

Eu: igual.

A minha secretária:

Eu: mas vai acordar em breve. Sinto que vai.

A minha secretária:

Eu: por isso tenho de ir. Pode até já ter acordado enquanto estou aqui a falar contigo. Obrigada por tudo e bom trabalho.

A minha secretária: um abraço, doutora. Força.

Emagrecerei de tudo menos dele. Persistem os olhos fechados, a esperança a envelhecer minuto a minuto. Abraço-o noite a noite, dia a dia, até que não precise mais da lembrança para o ver comigo. Lá fora a cidade está solitária, o ânimo em

trabalhos forçados. Não me lamentarei até poder lamentar-me nos braços erguidos dele. Não estenderei a mão. Arrumarei as alegrias à espera de ter com quem as partilhar. As mãos paradas dele. Nenhuma mãe abandona a sua casa. Aperto-lhe o pulso, quero sentir que a vida existe. Se por acaso ele quiser ir que parte de mim vai ficar?

Tenho-me tornado naquilo que sou. Não será a mutilação a fazer-me recuar. A coragem é uma ferramenta complexa, exige um conhecimento específico. É da montanha que vem a ravina. Estou em reunião com o primeiro-ministro. Não sei o que pretende, sei o que não deixarei. Não permitirei os braços baixados, a toalha deitada ao chão. A miséria de uns vem da deslealdade de outros. A cordialidade dele, a forma como sorri, nervoso. Tenho um lugar para o qual vou quando a queda parece aproximar-se. Puxa-me a cadeira, pede-me que me sente. O sorriso mais nervoso. Ordena ao assessor que abandone a sala. Eu e o homem que governa olhos nos olhos numa sala faustosa. As imagens da História espalhadas em quadros pelas paredes. Há quem queira a justiça em carne viva, fazer da necessidade das pessoas um instrumento. É de mão estendida que se sente o desabar insensível da chuva.

O primeiro-ministro: reitero o imenso prazer que é tê-la aqui.

Eu: agradeço.

O primeiro-ministro: tem sido uma lufada de ar fresco assistir a todo o seu trabalho na casa da democracia.

Eu:

O primeiro-ministro: sou um apreciador do seu trabalho. Sou, como se diz por aí, um fã seu. Um fã incondicional seu.

Eu: incondicional, mas com condições.

O primeiro-ministro: talvez, talvez.

Eu: não há almoços grátis. Nem leis, nem decretos.

O primeiro-ministro: relativamente a esta sua última proposta, creio que poderei estar do seu lado.

Eu: poderá ou estará?

O primeiro-ministro: teremos de conversar mais aprofundadamente sobre isso.

Eu: entendo, claro.

O primeiro-ministro: eu sei que sim. Facilmente compreenderá que esta matéria, pela sua complexidade, exigirá um esmiuçar maior.

Eu: falarei com o meu partido e agendaremos reunião conjunta com o senhor ministro da tutela e com o secretário de Estado. Creio que será mais profícuo, não lhe parece?

O primeiro-ministro: numa fase posterior, sim.

Eu:

O primeiro-ministro: nesta fase é importante que sejamos apenas nós os dois, para que não haja formalismos e para que cada um entenda, de forma cristalina, o que o outro pretende.

Eu:

O primeiro-ministro: o que me diz a um jantar amanhã?

Eu:

O primeiro-ministro: conheço um espaço maravilhoso, em que poderemos

conversar calmamente com toda a discrição.

Nunca me impressionei com tubarões. O primeiro-ministro a arrastar discretamente a cadeira até junto da minha. Afio o gume debaixo dos dentes. O assédio dos fracos é para mim um baile *funk*. Danço com a podridão porque não lhe pertença, nem ao de leve me toca. A mão do primeiro-ministro a pousar na minha. Vou levá-lo pela cintura até ao raio que o parta. Pode ser que agora fique a saber que a Super-Mulher não é uma invenção de DC Comics.

O primeiro-ministro: o que me diz?

Eu: não digo muita coisa.

O primeiro-ministro:

Eu: fico-me por uma palavra.

O primeiro-ministro: sim?

Eu: não.

O primeiro-ministro: não?

Eu: estarei ocupada amanhã.

O primeiro-ministro: não tem problema.

Eu: para si estarei ocupada até, deixe-me cá consultar a minha agenda, ah, é isso, como eu previa: para si, estarei ocupada até ao fim dos meus dias.

O primeiro-ministro:

Eu: e depois do fim dos meus dias também não deverei estar disponível.

O primeiro-ministro: espero que saiba o que está a fazer.

Eu: sei. E sei mais ainda o que não estou a fazer. Espero que a sua mulher também o saiba. Ou que um dia fique a saber.

O primeiro-ministro: registarei.

Eu: registe.

O primeiro-ministro:

Eu: agora vingue-se lá nas leis que puder, faça o que bem entender. Nada disso o deixará ser mais do que aquilo que é: um pobre coitado.

O primeiro-ministro:

Eu: é por pessoas assim, como Vossa Excelência, que ninguém respeita os órgãos de decisão.

O primeiro-ministro:

Eu: agora dê-me licença que tenho de ir embora.

O primeiro-ministro:

Eu: tenho saudades de lidar com pessoas.

Às vezes temos de rebentar a tiro a fechadura para abrir a porta. Posso ser derrotada por tudo menos por inanição.

A minha secretária: olá, doutora. Já terminou a reunião?

Eu: sim, sim.

A minha secretária: correu bem?

Eu: muito bem.

A minha secretária: que bom.

Eu: quero que por favor envie um comunicado urgente a toda a imprensa

agora mesmo.

A minha secretária: um comunicado?

Eu: sim.

A minha secretária: a dizer o quê?

Eu: que a partir de hoje sou candidata a primeira-ministra nas próximas legislativas.

Gosto de peritos em quebrar a lógica. A estabilidade deve caducar para o diabo ficar em apuros, para que a morte não vá acontecendo todos os dias. Começo hoje a campanha. A primeira vitória é minha. Ele está comigo. Contratei-o para me escrever o que sou. Tudo o que disser será deixado no papel por ele. A nossa eternidade não vai ficar, nenhuma fica. Vamos vivê-la enquanto podemos. Posso dizer que tê-lo é viver duas vezes? O outro quase o matou e está em liberdade. A ironia é o certo nem sempre ser o lícito. Olho-o de pé junto à porta e respiro fundo. As coisas simples exigem treino, criar a revolução por detrás de cada banalidade. Está a viver outra vez. O meu amigo. O meu geniozinho regressou. O erro comporta sobretudo a subvalorização do erro, agarrarmo-nos ao que queríamos que fosse como se fosse o tronco de uma árvore rígida. Ele a arranjar o seu escritório aqui na sede de campanha. A paz pode ser rasgar a bandeira branca, perguntar incessantemente como se desfruta do Inverno. Tenho uma obsessão pelo impuro. Vamos os dois vaguear pela utopia. E se os mal-amados pudessem salvar o mundo?

Ele: já nem me lembro dele. E quando me lembro é para me lembrar de que até àquele momento não me lembrei dele.

Eu: sabes como me fazes feliz assim.

Ele: sei. Digo-te para isso. Até porque não é verdadeiro. Só quero fazer-te bem.

Eu: continua a fazer, então. Nenhuma verdade merece estragar o meu bem-estar.

Ele:

Eu: mente-me, se faz favor.

Ele:

Eu: e quando não puderes mentir cala. Vai dar uma volta, deixa o ar levar-te a vontade de dizer o que vai magoar-me sem necessidade.

Ele: vamos ganhar esta porcaria ou não vamos?

Eu: é a fasquia mais baixa.

Ele: estou ansioso pelo primeiro discurso.

Eu: já o escreveste?

Ele: já. Está todo na minha cabeça. Só falta escrever.

Eu: não vou mexer em nada. Quero ser o que sou para ti. É muito mais próximo do que sou do que aquilo que sou para mim.

Ele: também segues a tua máxima de mentir para me fazer sentir bem.

Eu: evidentemente.

Ele: nunca pares.

Eu: mesmo que quisesse não conseguiria. É só assim que consigo cancelar a dor.

Todos os defeitos têm o seu fascínio. Quando gostamos encolhemos a independência, criamos um fascismo que nos sirva. É com abraços que se tombam os maus. A maldade é uma hipótese plausível. Ele a apresentar-se a toda a equipa, sempre soube como ser um entre iguais. Está a conseguir dar um molde útil à

escuridão, usar calças esfarrapadas com a altivez de um fato de gala. Toda a gente quer a *Barbie* e eu só quero uma boneca de trapos. Tento colocar as peças todas no jogo, povoar de gritos a perfeição calada. O brinde de toda a equipa comigo. Vamos subir as escadas juntos. Se houver o acidente que seja por não termos os pés no chão. Há quem pose para a fotografia a mergulhar para uma piscina e só depois percebe que está vazia. Antes morrer do sismo do que da terra parada.

Ele: foste maravilhosa.

Eu: tu é que foste.

Ele: adoram-te.

Eu: as tuas palavras. É isso o que eles adoram.

Ele: estão a pedir para voltares.

Eu: não pode ser.

Ele: és uma estrela.

Eu: o que vou dizer agora?

Ele: o que sentes. Costuma resultar.

Eu: deixa-te dessas frases feitas e faz as tuas frases feitas.

Ele: agora?

Eu: enquanto perguntas já estás a perder tempo.

Ele: gosto dessa pressão. Faz-me esquecer de pensar.

Eu: não te esqueças é de pensar em mim.

Ele: dá-me dois minutos.

Eu: um já passou.

Ele:

Eu: faltam quarenta segundos. Ouve o barulho das pessoas. Sente o quanto querem as tuas palavras.

Ele: cala-te e deixa-me pensar.

Eu: ou deixo-te esquecer de pensar.

Ele:

Eu: és o meu guru.

Ele: não aceitei este trabalho para ser insultado assim.

Eu: escreve e cala-te.

Ele:

Eu: estava a ver que não. Agora deseja-me sorte e dá-me um abraço.

Ele: o abraço dou. Mas não desejo o que não existe.

Eu: deixa-te de filosofias e aperta-me já.

Mesmo com amnésia iria recordar este abraço. A sala de pé a aplaudir-me, o meu nome ecoado a uma voz. Com ele atravesso os fantasmas como um exército. Palavra a palavra o lume acende, abre-se a vontade de tirar a neblina da frente. Mais um abraço no final da noite, a viagem a dois na parte de trás do carro. No começo não se entende o amor, depois continua a não se entender mas não importa. Adormece no meu colo poucos minutos antes de chegar a casa, as minhas mãos no meio do cabelo. Há uma segurança estranha no impossível. O semáforo vermelho, o olhar de desdém de um casal acabado no carro ao lado. A loucura pode ter

alguma utilidade. A estupidez não. Farei tudo para aproveitar a insónia, para viver outra vez o que acabei de viver. Inveja-se mais o milionário engravatado na limusina ou a criança descalça a brincar na rua?

A perda é um gesso à volta dos dias, cria um preconceito violento contra a vida. Chego a casa ao final da noite e não ouço a minha mãe. Não veio esperar-me. Silêncio completo. Um palácio triste a comprimir-me os passos. O que fazer quando nos apetece trespassar o que somos, entregá-lo a outro que possa dele fazer bom uso? A porta do quarto dela entreaberta. Olho em silêncio. Um molho de comprimidos na mão, um molho de lágrimas na cara. O que fazer quando passamos a ser uma fábrica de angústia? O grande erro é não dar pelo outro. Corro, grito, agarro-a, abraço-a, peço-lhe perdão, digo-lhe que a quero nos meus sonhos, que no meu projecto ela está lá, em destaque. Olha-me como quem regressa da morte. Não se pode repetir o corpo. Pede-me perdão, chora no meu colo, grita no meu colo. Sem memória somos todos uns animais. Com memória também mas temos vergonha. A luz encandeia quando vimos das sombras. A desistência é um ritual. Trago-lhe um chá, algumas bolachas. Quero que sejamos as duas uma comunidade. Custa muito desfolhar uma pessoa.

Ele: lamento imenso. Gosto tanto da tua mãe.

Eu: não vou esquecer aquela imagem. Não consigo deixar de lembrar. Os comprimidos, aquilo tudo.

Ele:

Eu: ela ia mesmo embora. Iria ver a minha mãe a morrer.

Ele: e o que vamos fazer?

Eu: não sei, estou perdida.

Ele:

Eu: mas vou amá-la. Mostrar-lhe que a amo, que a quero, que preciso dela.

Ele: esse é um bom começo.

Eu: tenho medo é do fim.

Ele: no fundo sabemos o que se passa, o que não poderia, deixar de estar a passar-se. Sente-se abandonada. Isolada. Fora do mundo.

Eu: sente-se inútil. Pensa que não serve para nada. Está ali, parada na cadeira de rodas, a ver a vida a fugir. Entendo-a mas não quero entendê-la. Não quero que tenha razão. Recuso-me a aceitá-lo.

Ele: temos de lhe dar motivos mais fortes do que a razão.

Eu: o quê?

Ele: para já vai correr o país connosco.

Eu: vai. Custe o que custar. Adaptamos tudo a ela.

Ele: até vai ser giro, vais ver. Ela é divertida quando está bem.

Eu: vai voltar a estar bem?

Ele: vai.

Eu:

Ele: até porque tenho uma outra ideia.

Eu: pela tua cara deve ser boa, deve. Até tenho medo do que está a passar-te pela cabeça.

Ele: confia em mim.

Saber esperar o final da dor é um talento. Procurar manter a respiração estável nem que artificialmente. É pelo que ele me permite ser que o quero tanto. A sedução pode não ter nada de sensual e excitar. Eu e a minha mãe em casa, à espera do que não sabemos o que é. Ele disse-nos que estava a chegar, que tinha uma surpresa. Vamos à janela de trinta em trinta segundos ver se ele chega. A sobrevivência pode ter corredores estreitos, cortinas pesadas. O contentamento é um objecto escorregadio. É na cabeça que todos os trabalhos se fazem. O barulho do carro dele, ele a telefonar a dizer para não estarmos à janela. O inesperado é o início da humanidade, a melhor maneira de ficar à tona. Andamos pela existência entre uma peça de teatro cómico e uma marcha fúnebre. Ele já está a abrir a porta, a minha mãe olha-me, sorri-me. Seja o que for, já a trouxe até nós. Porque precisamos tanto daquilo que nos escapa?

A minha mãe: *Saudade.*

Ele: de quem?

A minha mãe: vai ser o nome que lhe vou dar: *Saudade.*

Eu: uma cadela chamada *Saudade.* Parece-me bem.

Ele: adoro. Vamos ter um poema de quatro patas a passear por aqui.

A minha mãe: obrigada. É linda.

Ele: e chata. Não parou a viagem toda. Até tenho pena de si, minha doce senhora. Vai ter de fazer quilómetros nessa cadeira de rodas para a acompanhar.

Eu: quem corre por gosto ou não cansa ou tem de fazer de conta que não cansa para não dar muito nas vistas.

A minha mãe: vai ser uma rainha.

Ele: Sua Excelência, a rainha *Saudade.* Soa bem: respeitoso, digno.

Eu: sempre sonhei ter uma cadela de sangue azul. Chegou o dia.

A minha mãe: não vai faltar-lhe nada.

Ele: por falar nisso, acho que alguém já deixou um pequeno trono ali no tapete da sala. Estão a ver? Estão a cheirar? Confirmam?

Eu: confirmadíssimo.

Ele: logo agora que eu tenho de ir embora. Adoraria limpar tudo mas tenho mesmo de ir. Que pena.

Eu: temos de ir, lembras-te? Temos aquela reunião importante, se bem te recordas. Se não te recordas faz por recordar.

A minha mãe: já percebi, já percebi. Não precisam de fugir. Eu resolvo, eu resolvo. Nunca tive medo de limpar um chão. Era agora que até rolo pelo chão que iria ter, não?

Aguentar o sorriso na boca exige um método especial, diferente para cada um de nós. A sensatez não existe senão enquanto uma construção de plasticina, moldável às convenções do instante. Somos prisioneiros da maioria como do tempo. A minha mãe a despedir-se de nós à janela. A partir de amanhã vai estar junto a nós, todas as horas, todos os dias. Ela e a *Saudade.* Hoje prefere ficar na sua pele solitária. A alegria enche-se aos baldes, guarda-se na cave para os momentos de sede. Temos a mania de imitar o céu. Sentimos a falta do que não sabemos o

que é. O aceno da minha mãe à janela, a *Saudade* no colo, orelhas levantadas. Estamos a maior parte tempo do tempo entretidos numa vida qualquer enquanto a nossa acontece longe de nós. Poucos se atrevem a viver a vida real. As coisas não serem o que parecem é uma bênção ou um castigo?

O bom tem de ter um pouco de insubmissão. É da apatia que os maus se alimentam. Está a acabar a campanha. Meses fora de casa, a ver as pessoas, aquilo que são, aquilo que querem. Um pavilhão cheio para me ouvir, muitas bandeiras, algumas fotografias minhas nas paredes. Ele atarefado a fechar o discurso, um acerto em cima da hora depois de ver o ambiente, depois de sentir o que querem as pessoas. Desconfio que ele tem uma correspondência secreta com o que os outros sentem. Hoje não falarei sozinha. Não serei eu a fechar a campanha. As últimas palavras serão da minha mãe, do alto da sua cadeira de rodas. Pediu-me, aceitei. Nunca falou em público. É preciso deixar espaço para a desgraça. Fazê-la ver que não a tememos assim tanto. Ainda não chegou, está a caminho. Primeiro falarei eu. Não sei o que dirá. Foi ela mesma que escreveu o que aí vem. A adrenalina serve para desconvocar a letargia, para nos levar de imediato para a espuma das ondas. É na água que se aprende a nadar. Se houver resposta já nem quero fazer a pergunta. Posso dizer que todas as certezas são um equívoco?

Ele: ainda não chegou?

Eu: está a chegar.

Ele: tens medo?

Eu: nenhum. Mas estou a tremer.

Ele: fazes bem. No teu lugar não estaria a tremer. Estaria desmaiado.

Eu: mostra-me mas é o que escreveste.

Ele: já tinhas lido.

Eu: não alteraste nada?

Ele: nada. Desta vez acertei em tudo.

Eu:

Ele: escusas de agradecer.

Eu: vaidosão.

Ele: estás preparada?

Eu: não.

Ele: se me disseses que estavas ficaria preocupado.

Eu: como viemos aqui parar?

Ele: seguimos em frente. Só isso.

Eu:

Ele: segue mais uma vez. É só o que tens a fazer.

Eu: vens comigo?

Ele: alguma vez não fui?

Não é da carne que sentimos falta. O que fica é o poema que a carne esconde, o que vai além do sangue. É assim que chegamos a nós. O abraço dele como sempre, o arrepio como sempre. Viemos juntos até nós. O pavilhão em êxtase a ver-me chegar. Nunca fui capaz de fazer só aquilo que sabia que seria capaz de fazer. Interessa-me o que vem sem intermediários, só pela pele. Há monstros extremamente úteis. Não sou aquela que sonha com o príncipe, com a família, com as pernas abertas no sítio de sempre, à hora de sempre, não sou da lógica, do

regular. Só quis que ele viesse, que me levasse para antes de mim. É aí que estamos, carentes de um aparato só nosso, sob o jugo fatal do presente. Discurso terminado. O eco das palmas faz estremecer o pavilhão. É a vez da minha mãe. Vejo-a pelo canto do olho, ao lado do palco, as mãos abertas sobre as rodas da cadeira. Vai enfrentar milhares de pessoas só com as palavras como contrapartida. Chamo-a, a reacção é de euforia no público. Vem solta, como se fosse livre. E se o amor começar onde acaba o corpo?

A minha mãe: durante muitos anos não conheci a minha filha. Durante muitos anos foi uma estranha que morava em minha casa, uma inimiga da minha rotina, da minha necessidade simples de tudo continuar na mesma.

O público:

A minha mãe: durante muitos anos quis anular a minha filha. Quis domar-lhe o instinto, cercear-lhe a inteligência, acalmar-lhe a imaginação. Durante muitos anos quis anular o sonho da minha filha. Ainda bem que ela não deixou. Ainda bem que ela não se deixou anular. Ainda bem que ele não se deixa anular. É por isso que está aqui hoje, é por isso que vai estar aqui, ao comando do que todos nós desejamos, durante muito tempo, o tempo que ela quiser. Porque é ela, sempre foi ela, a decidir o que lhe acontece, a agarrar no destino com as duas mãos.

O público: (aplausos comedidos)

A minha mãe: hoje podem olhar para mim e pensar: olha a pobre coitada que não consegue andar, olha a pobre coitada que não consegue levantar-se. Mas era ontem, antes de tudo isto, antes de ter acontecido o que me deixou assim, que não conseguia andar, era antes de tudo isto que não conseguia levantar-me. Porque andar é um processo mental, porque estar erguido é a capacidade de pensar.

O público: (aplausos fortes)

A minha mãe: e se hoje ando, e se hoje estou de pé, é por causa desta mulher. A grande mulher da minha vida. A minha filha.

O público: (aplausos eufóricos)

A minha mãe: foi ela que me ensinou a ver o mundo, foi ela que me fez acreditar, renascer, retornar ao que um dia, em criança, terei sido. Foi a minha filha que me fez ser a mãe que ela merecia que eu fosse.

O público: (aplausos comovidos)

A minha mãe: peço-vos apenas que olhem para ela como a pessoa que pode fazer com este país o que fez comigo. Porque este país está mais paralítico do que eu, estático no meio de uma teia de interesses, de conluíus, paralisado pela corrupção que lavra por todas as esquinas.

O público: (aplausos e urros)

A minha mãe: só esta mulher pode voltar a pôr esta grande nação a andar, bem erguida, a caminho do seu destino. É nosso dever, é nossa obrigação, dar-lhe essa oportunidade. Que cada um faça o seu papel. Obrigada.

O público: (aplausos, urros e gritos histéricos)

O mundo foge quando queremos contê-lo. Eu e a minha mãe de braços no ar a agradecer no centro do palco. Eu a ciciar-lhe que a amo. Ele a limpar uma lágrima

na primeira fila da plateia. Há colapsos que ou nos matam de vez ou não têm interesse nenhum. O meu pai a aplaudir ao lado do palco com a *Saudade* pela coleira. Como se volta onde se foi infeliz?

Somos a ponta do algoritmo. O meu pai de regresso a casa, à minha casa. Veio e ficou. A minha mãe pediu-lhe. Não questionei. A vantagem de envelhecer é ficarmos cada vez mais parecidos connosco. Nunca esqueci quem sou. Não sou profeta nem Deus, não julgo as pessoas que lutam contra a morte diária, um bocado de cada vez. É o meu pai que trata da *Saudade*. Leva-a todos os dias à rua, alimenta-a, acarinha-a. Será necessário um novo garrote para aliviar um pouco o antigo? Há coisas na vida que são como um refrão teimoso dentro de uma canção usada. Sabemos mesmo porque continuamos? Talvez goste de acordar o retrato adormecido dentro dos meus olhos, transformar um pouco o amor infeliz que sempre tivemos. Não sei se será possível esquecer que crescemos e não é para perto. A minha mãe e o meu pai sentados no sofá de braço dado. Podíamos agora emoldurar o que somos, fazer de conta que sou a princesa. O problema é que a música cessa. Sentimos a falta do que nos deixa de rastros?

Ele: estás bem assim?

Eu: assim?

Ele: tu sabes do que falo.

Eu: tenho de estar.

Ele: não tens.

Eu: tenho. Não sou de deixar para viver mais tarde.

Ele: já falaste com o teu pai?

Eu: nada.

Ele: e com a tua mãe?

Eu: nada.

Ele: não tens medo do que ele possa fazer?

Eu: estarei atenta. Tu também, espero.

Ele: muito.

Eu: amanhã vou com ele ao médico que o acompanhou este tempo todo. Quero saber tudo, entender tudo.

Ele:

Eu: a minha mãe está feliz. Pelo menos aparenta que está feliz. Parece-me que muitas felicidades começam assim: na vontade de as mostrar.

Ele: sim. Já falámos um dia sobre isso.

Eu: a importância das aparências.

Ele: a profundidade que as aparências podem ter. Foi uma conversa tão boa nesse dia. Perdemos horas a pensar nisso.

Eu: a vaidade pode salvar-nos a vida.

Ele: ou pelo menos fazer com que queiramos vivê-la, o que é a mesma coisa, na verdade.

Eu: o que temes?

Ele: ainda não sei. Mas não quero que tentes agarrar-te ao que já acabou.

Eu: a história não tem de se repetir.

Ele: não queiras estar nua. Não te exponhas sempre assim.

Eu: sou eu. Olha para mim. Queres-me a metade do tamanho?

Ele: quero-te inteira. Quero que todos nesta casa continuem inteiros.

Eu: agora somos cinco.

Ele: cinco mais a saudade.

Eu: já estava a contar com ela.

Ele: não falo da que ladra. A outra é mais visível por aqui.

A cair que seja na vertical. Não me importa uma queda mais ou menos, medir os graus do que pode acontecer. O meu pai foi com a *Saudade* ao parque. Sento-me junto à minha mãe, cuido do silêncio dela com o meu. Não vestirei o corpo que não é o meu. Pode descer o abismo a dançar ser uma salvação? Olhamo-nos. Estamos mudas a falar fluentemente. A mão dela pousa na minha, a minha toca-lhe no braço, passeia com calma. Conhecemos tão bem aqueles que amamos, decoramos-lhes os traços como se fossem a planta de um prédio. Em breve vai chegar o silêncio interrompido, o barulho das casas normais, o ruído das vidas em volta, o vento a cansar as árvores. Somos cercados pelo esqueleto das horas. Interessa pouco o que existe desde que me segure ao que preciso que exista. Serei sempre céptica em relação aos factos. Irrefutável é o que me emociona, a sensação. A realidade sem mais nada pode ser uma coroa de espinhos apertada na cabeça. Os dedos da minha mãe entrelaçados nos meus. Dediquei-me à abertura de portas no meio de paredes. Alguém sabe sempre onde estão as chaves de casa?

O meu pai: aceitas-me?

Eu: ouviste o que disse o médico, não ouviste?

O meu pai: quero o que tu dizes. Preciso do que tu dizes.

Eu: respeito os especialistas.

O meu pai:

Eu: sobretudo quando os especialistas dizem aquilo que eu quero ouvir. Quando não dizem, logo se vê se não vou ouvir mais especialistas até a ciência saber exactamente o que eu quero que ela diga.

O meu pai: vais ouvir mais especialistas.

Eu: não. Gostei do que este me disse.

O meu pai: vou ficar?

Eu: ouviste o especialista, não ouviste?

O meu pai:

Eu: se ele diz que te faz bem ficares com a tua família, quem sou eu para dizer o contrário?

O meu pai:

Eu: quero que a tua vida continue. Sempre quis. Julgo que vou querer sempre.

O meu pai:

Eu: tenho o dever de te ter num sítio visível.

O meu pai: para me vigiares melhor.

Eu: para te perdoar melhor.

Somos plágios de nós mesmos. Repetimos a infância sem parar. Limpo como posso as lágrimas que caem pelo rosto caído e gasto do meu pai. Aperto-lhe os

ossos da cara com os dedos, sinto-lhe a dor com a pele. É possível gritar com as mãos?

A exaltação é uma mordada sobre a dor. As pessoas satisfeitas não precisam dela, vivem bem no seu equilíbrio peganhento. Aprecio mais a complexidade das outras mesmo quando não podem respirar, mesmo quando me dão insónias. Prefiro continuamente o que não me deixa dormir ao que me dá sono. Estamos eufóricos. Sou a primeira-ministra deste país. Acabei de saber o resultado final, ainda não sei bem o que sinto. Limito-me a aceitar os parabéns que chegam de todo o lado, de todas as formas, ouço o barulho da multidão, dentro e fora da sede de campanha. A alegria dos estranhos sempre mexeu comigo, é como se fosse feliz com eles. Se pudesse iria agora chorar no escuro um minuto. Ele iria comigo, estaríamos os dois a olhar para as estátuas paradas do passado que nos trouxe aqui. Foi sempre por ele que deixei de respirar subitamente. A minha mãe com a *Saudade* nas mãos, o meu pai sem vergonha das lágrimas. Converter os infiéis é ensinar-lhes o amor interdito, mostrar-lhes o avesso dos arquétipos fáceis, dizer-lhes que por vezes temos de fazer aquilo que a Polícia não aprova. Querem o meu discurso. Eu só quero calar-me, dizer-me que estou pronta para a obscenidade a que me candidatei. Não consigo ainda dar um passo, as pernas pararam para festejar. O medo pode ser tão inconveniente. Haverá prazer sem susto?

Ele: pára lá de ser lamechas.

Eu: eu é que sou lamechas e tu é que pareces uma Maria Madalena a chorar.

Ele: pelo menos consigo mexer as pernas sem parecer que estou a usar umas calças três números abaixo do meu tamanho. Outras pessoas não podem dizer o mesmo, já viste?

Eu: essa última frase era desnecessária. A piada estava feita antes. Nunca foste grande comediante.

Ele: vê lá se te mexes e vai lá para cima partir tudo.

Eu: se pensas que vou sem as tuas palavras estás perdido num mar de equívocos.

Ele:

Eu: as minhas pernas não vão mexer-se, sem eu ter nas mãos um papel com as palavras que tenho de dizer ali em cima.

Ele: e eu a pensar que estava de férias. Ou melhor: demitido.

Eu: demito-me de tudo menos de ti.

Ele: foi bonito. Agora deixa-me trabalhar, exploradora de escritores frustrados. Vai, vai.

Eu: para onde, se não consigo mexer-me?

Ele: mexe a cabeça, pelo menos. Vira-a para lá. Ou fecha os olhos. Quero privacidade para escrever o pior discurso de vitória de sempre.

Eu: se confiasses em mim já o terias escrito antes.

Ele: estava a ver que não ias por aí. Toma.

Eu: presunçoso.

Ele: foi o primeiro texto que escrevi quando aceitei o teu convite. Não alterei uma vírgula.

O amor não é uma questão de justiça. Gostava de não o desejar acima de todas as coisas vivas. Dou-lhe um beijo na face, recebo outro na mão. O pudor é improvável quando se quer assim. Quando o encontro traço a curva fechada do céu. Penso nas horas inexistentes, no que nunca chegará, na injustiça de não poder conquistá-lo completamente. Vou continuar com os ponteiros a andar para trás, à espera do milagre de tudo começar de novo para que na nova vida as hipóteses mudem. Vou para o alto do coreto, para onde vida e morte se tocam. Olho-o por cima do ombro enquanto caminho para o palco. Pode «e choraram juntos para sempre» ser um final feliz?

A multidão: (aplausos entusiásticos)

Eu: não tenho muito para dizer agora.

A multidão: (alguns risos, alguns aplausos)

Eu: estou aqui, neste palanque, apenas para vos agradecer. Apenas para vos dar certezas.

A multidão:

Eu: a primeira certeza que vos quero dar é a certeza do meu orgulho em todos vós. Serei sempre uma apaixonada pela vossa coragem, pela vossa paixão, pela vossa vontade de mudar o que está mal, pela vossa capacidade de erguerem a voz contra o que criticam. Isso já não é pouco, acreditem. Podem ter a certeza de que jamais esquecerei o que estão a fazer e o que fizeram por mim. A vossa confiança faz-me ser maior, faz-me ser melhor. Conto com ela a partir de agora mais do que nunca. Porque este não é o final de nada. Este é o começo de tudo.

A multidão: (aplausos ensurdecedores)

Eu: aqui começa uma nova vida, aqui começa um novo país. O nosso. Meu e de cada um de vós, um país em que cada um conta, em que cada um não é apenas mais um. Um país com contribuintes que contribuem e que são amados por isso. É essa a segunda certeza que quero dar-vos: a de que vou liderar com amor. É isso o que tem faltado em quem manda, em quem governa: amar as pessoas que governa. Garanto-vos que vou governar para o amor, com o amor.

A multidão: (aplausos apaixonados)

Eu: a última certeza, e não sei se a mais importante, é a certeza da honestidade. É dela que temos estado carentes desde sempre. A honestidade de dizermos o que fazemos, de fazermos o que dizemos. A honestidade de falar a verdade, de fazer tudo para que nada falte. É essa a grande promessa que tenho para vos fazer: a da honestidade. A da mais pura e singela honestidade. Foi com ela que cheguei aqui, é com ela que vou a partir daqui. É com ela que vamos a partir daqui. Conto com a vossa honestidade para ajudar a minha.

A multidão: (aplausos, saltos, o meu nome ecoado em coro)

Eu: obrigada por tudo. Vamos juntos para a guerra.

Os amigos são os que esperam connosco. Ele esteve comigo no meio do fogo, tirou-me muitas vezes as chamas de cima. A minha mãe abraça-me, o meu pai abraça-me. Onde está o abraço dele? Sou tão corajosa e nunca lhe disse as palavras todas. O abraço dele chegou, só tinha ido buscar a *Saudade* para ninguém faltar na

aritmética deste ajuntamento. Só levanto a cabeça para ver se ele está. Se fosse corajosa faria a pergunta final: sonho contigo ou posso ser o teu sonho?

Precisamos da perda para calcularmos o que perdemos? Foi o demónio que inventou a poesia. Tudo está pacífico nesta casa. Vivemos a cinco com harmonia, dois casais disfuncionais e um cão. O banal fere-me a boca. Estava farta de morrer muitas vezes. Lutei para um dia não ter de lutar tanto. Ainda não chegou esse dia. É imprescindível acreditar nele. Às vezes só queria sujar o queixo de gelado num passeio pela baixa, comer pipocas a ver uma série tonta na televisão. Ocorre-me a necessidade de ser invisível. Tudo o que fiz me trouxe à tona. Às vezes só queria ser um livro de capa dura no fundo do armazém e tudo o que fiz me tornou *best-seller* em destaque na montra. Estamos os quatro sentados à volta da mesa, o domingo abriu-se para nos receber. Não há pompa, não há banquete. Somos só quatro pessoas que vão almoçar juntas porque querem, porque podem. Vejo quatro crianças a correrem junto aos baloiços. Gosto de gente que só abre os bolsos dos outros para ver se as suas mãos cabem.

Eu: tudo tranquilo.

Ele: lá está ela com o secretismo todo. Até parece que é primeira-ministra ou coisa que o valha.

O meu pai: cada um tem as suas manias.

A minha mãe: deixa-os dizer asneiras, filha. Conta o que podes.

Eu: não posso contar muito. Tenho centenas de objectivos em mente. A cada dia que passa estou mais perto deles.

Ele: tem cuidado contigo. Podes não parecer muito às vezes, mas és uma pessoa.

O meu pai: cuida-te mesmo, sim? Não exageres. Tenta gerir essa vontade de fazer tudo de uma vez.

Eu: há coisas que se não forem de uma vez não são. Ou é agora ou é tarde de mais.

A minha mãe: isso. Esta é que é a minha filha. Se querem uma mulher calminha, mudem de casa.

Eu: aqui não há nenhuma dessas. Conformem-se.

O meu pai: eu não me conformo, lamento. Só desfruto.

Ele: belas palavras, caríssimo. Estou a ver que os livros que a sua estimadíssima esposa lhe lê têm trazido frutos.

Eu: o meu pai sempre foi um leitor envergonhado. Lia às escondidas, vê lá tu. Lembra-te alguém?

Ele: assim de repente não estou a ver.

Eu: logo vi.

Ele: eu sei que tu vês tudo. Até o que nunca existiu.

Eu: é como a tua memória: é tão boa que se lembra até do que nunca aconteceu.

Ele: também já li isso em qualquer livro.

Eu: come e cala-te.

O que restar disto é-me indiferente. De silêncio não irei enlouquecer. A mesa

simples, os tachos pousados na toalha antiga não são piores que um verso. Falamos para cada um de nós como para nós mesmos. Aqui esvazio a cabeça, fico mais um pouco dentro de mim, a ouvir o bater lento do que sinto. Tenho tanto em que pensar, sinto a pressão todas as horas do dia. Custa muito tanta coisa, as decisões, as pessoas que dependem do que penso. Tenho a felicidade de saber onde estão os abraços que eu quero. Atiro um pedaço de pão à cara da minha mãe, recebo um tiro semelhante dele, o riso aberto do meu pai. Sou fanática por um fanatismo útil, por trazer os extremos para junto do sangue. A minha vocação é preencher casas desabitadas. Estou aqui como num poema de Rilke. Sem isto poderia ser feliz mas isso não seria ser feliz, pois não?

O meu pai: agora que já falámos de coisas importantes, vamos falar do que não interessa a ninguém.

A minha mãe: a ninguém não. A mim interessa.

O meu pai: não falava de ti, claro. Mas tens razão.

Eu: contem lá.

Ele: rápido, rápido. Sabem que tenho dificuldade em suster a curiosidade. Não se suporta uma ansiedade assim.

O meu pai: digo eu ou dizes tu?

A minha mãe: estás que não aguentas para contar. Podes ser tu, vá.

O meu pai: não me importo que sejas tu.

Ele: deixem-se dessa cordialidade toda. Mandem vir o que têm a dizer antes que eu desmaie.

Eu: quem está que não se aguenta agora sou eu.

O meu pai: está bem, está bem. Eu digo.

A minha mãe: agora digo eu. Usaste paninhos quentes a mais. Agora aguenta-te.

O meu pai: eu sabia que não irias deixar-me contar isto.

A minha mãe: nós casámos outra vez. Ontem à tarde, só nós dois. E foi lindo.

Eu:

Ele:

A minha mãe: pronto. Está dito.

O meu pai: agora vamos ficar a apreciar a cara deles durante uns segundos.

Eu:

Ele:

A minha mãe: é de facto um espectáculo apreciável. Só por isto já valia a pena tê-lo feito.

O meu pai: andas com as certidões no bolso? Isso é que é querer dar cabo deles.

A minha mãe: são bonitas, não são?

Esfolamo-nos pelo que nos tira o marasmo, por um pouquinho de adolescência no dia. Os meus pais estão casados outra vez. A minha mãe a abanar com orgulho as provas diante dos meus olhos. O meu pai feliz, a olhá-la. Eu e ele sem palavras, sem problemas. Precisamos do que desgraçadamente amamos, do que faz o nosso

mundo rodar. Aqui estou no meu bairro, sentada na escada de pedra junto à mercearia onde tenho conta aberta. Aqui não preciso de ser a senhora doutora, a Excelentíssima Primeira-Ministra. Não creio que consiga voar aquele que não consegue rastejar. Já acreditei na necessidade de não cair muitas vezes, de escapar por entre os dedos do apego. Agora acredito que estar com os pés sempre no chão é um veneno lento, o reverso do sol. Atirar-me de um penhasco pode não ser para morrer, só para voar. É para isso que servem os pára-quedas. Rendo-me quando remover os escombros, e para evidentemente ficar pronta para criar uns novos ainda mais enferrujados, com mais peças a cair aos pedaços. Atrás da muralha há gente segura, não há gente feliz.

A felicidade é de quem desarruma, de quem não sabe onde está. Já soube fingir gostar de andar sobre o caminho morno, na beira da estrada. Estou apaixonada. Encontrei o meu homem e estou apaixonada. É isso, apenas isso. Não interessa quem é, o que faz, que idade tem, como se chama. Encontrei o meu homem e estou apaixonada. Dizem que estou velha para estar apaixonada, que a paixão é para os livres, para os novos. Nunca ouvi quem diz cuidado ao ouvido, quem tem medo de ver no outro a coragem feliz que nunca conseguiu ter. Não aprecio o que queima devagarinho, a grande chama ilumina mais longe. Os desenhos precisos são para a engenharia, não são para as pessoas. A minha natureza é a hipérbole, aumentar o que me acontece. Chego com este homem à casa de raiz. O meu pai, a minha mãe, ele. Eu e este homem a chegarmos. Vou apresentar o que amo a quem amo. Porque se valoriza tanto o descanso quando a vida acontece no meio do alvoroço? Aperto a mão esquerda do meu homem com a minha direita. O meu pai a abrir a porta. Os três a olharem-no como se num ecógrafo. A cauda entre as pernas da *Saudade*, sempre receosa do que não conhece. Cumprimos-nos, medimos-nos. Inventaram-se sete pecados mortais para esconder que só existe um: nós. Sou a única a ver a utilidade de periodicamente deitar fogo ao cérebro?

Ele: estávamos ansiosos por vermos como era o tão falado homem que tem feito a nossa amada companheira de casa chegar a rir, andar por aqui a rir, ir embora a rir.

O meu homem:

A minha mãe: agradeço-lhe em meu nome, e em nome de todos nós, por isso: amo quem a minha filha ama, sou apaixonada por quem faz a minha filha feliz.

O meu pai: mas não pense que não vai ter muito para contar.

O meu homem:

Ele: sim: preparámos aqui uma série de perguntas para lhe fazer. Vamos ver se obtém um rendimento satisfatório em todas elas.

O meu homem:

O meu pai: olhe que algumas têm rasteira.

O meu homem:

Ele: e sim: há respostas certas e há respostas erradas. Não pense o meu caro que por aqui comemos aquela trampa de que devemos respeitar a opinião dos outros e outras que tais. Não: aqui há respostas certas e há respostas erradas. A subjectividade é uma seca, uma criação dos que não têm espinha dorsal.

Eu: lá estão vocês a quererem fazer o que não conseguem. Julgam que assustam alguém com isso? Aham que alguém acredita nesse vosso número tão mal-amanhado?

A minha mãe: nunca mais aprendem a fazer isto como deve ser. Nem ensaiam e depois querem que saia bem. Se é para fazer mais ou menos bem mais vale não fazer.

Eu: dêem-nos já um abraço pela novidade que temos para contar.

Ele: novidade? Diz.

Eu: primeiro o abraço pela novidade, depois a novidade.

Ele: sempre a dar cabo da lógica.

Eu: junta-te aqui, ó rezingas.

Ele: está bem, está bem.

Eu: agora que já vimos a telenovela vamos ao noticiário.

Ele: costuma ser ao contrário, mas está bem. És tu. Enfim.

Eu: estamos casados e vamos viver juntos.

A vida pode ter facas no lugar dos dedos. A fogueira existe para aquecer os olhos, só depois o corpo. Repetimos o abraço. A minha mãe chora, o meu pai chora, ele chora. Nunca choramos todos o mesmo choro, nunca choramos todos pela mesma razão. Vou ficar a sós com o amor novo. Estarei a contentar-me com a normalidade? Espreito pela última vez pela janela enquanto moradora desta casa. Suspiro. Tenho várias metades, nenhuma sou eu por completo. Vou de cabeça para a possibilidade. Não levo espartilhos, não levo terrorismo. A casa a ficar para trás, eu e o meu homem num carro solitário. Um aperto incontável no peito, nuvens densas a acinzentarem o sol. Será aos tropeções que se chega ao céu?

Ele: e é isso.

Eu: e é isso?

A minha mãe: este homem é assim. Sempre foi assim.

O meu pai: e achas que nós te deixamos ir morar com um homem que não conhecemos? Nem que te prenda com algemas ficas aqui.

Ele: o meu caro, com todo o respeito, já está a ficar velhote para conseguir prender seja quem for à força. Lembre-se de que é um idoso. A idade é um posto. Sobretudo a terceira.

Eu: mas já casaste com ele?

Ele: não. Pensas que sou como vocês todos, que casam sem ninguém saber e sem pompa alguma? Eu quero a coisa em grande, a festa total, quero tudo a que tenho direito.

A minha mãe: este rapaz é mesmo incorrigível.

Ele: mas não fiquem já todos contentinhos a pensarem que vão ter comida à borla um dia inteiro. Ainda vou decidir se cada um de vocês merece ser convidado. Depende de muitos factores que estão em análise.

Eu: comes a ficar já em casa dele a partir de hoje?

Ele: sim. Já tenho as malas prontas. Ele vem aqui buscar-me daqui a pouco.

O meu pai: ah, sempre vamos vê-lo.

Ele: só ao longe. Depois logo verei quando vos convido a irem lá a casa.

Eu: estás apaixonado?

Ele: como um louco.

O meu homem: parabéns.

Ele: obrigado. Mas não precisas de ser tão formal comigo. Deixa lá o aperto de mão e dá-me um abraço.

O adeus é como o cair da noite. Vou continuar a tê-lo na minha vida mas não saberei onde o encontrar. Quero que seja desta, que seja este o homem que vai

levá-lo à vida prometida. Quando começa um amor tem de acabar alguma coisa? Talvez a nossa vida pacífica tenha prazo de validade, temos de avançar antes que prescreva. Quando ele me abraça o coração bate mais tempo, pode até ter mais sangue em cada artéria. O meu amigo. O início e o fim de todos os vulcões. Haverá depois para o que deixámos para trás?

Estou a caminho de saber quem sou. A mão esquerda do meu homem ao volante, a direita sobre a minha barriga. Estamos a caminho de sermos as pessoas que nunca fomos. O trajecto até ao hospital é curto, estamos quase a chegar. Chegou a hora da nova vida. Serei sempre a filha ou conseguirei ser a mãe? Trago o começo de um sonho inteiro por executar ao mundo. Foi uma gravidez de risco, a idade assusta a possibilidade. Tememos muitas vezes a chegada ao beco finito, à lágrima interminável pelo que não pôde ser. Olho o meu homem uma vez mais, quero saber se está comigo, na parte de fora do que vem de dentro. Ser mãe é andar descalça. Desde que o tenho em mim que o chão magoa, todos os passos trazem uma responsabilidade a mais. Ser mãe cansa porque é como se fôssemos a véspera de nós, o antes de tudo aquilo que vivemos. Estou a ser levada para a sala onde entenderei mais uma parte da humanidade. Aperto com mais força a mão do meu homem, peço-lhe que me faça acreditar na esperança. A partir de agora a única condição para tudo correr bem é ele ficar bem. Não sei se sairei viva desta sala, nem sequer me interessa muito isso. Quero é sair mãe.

Ele: nunca fizeste nada tão bonito. Nem parece teu filho.

Eu: não sei o que queres ao dizeres essas coisas, mas deves querer que to tire dos braços já.

O meu homem: queres que tire?

Eu: eu sei que não te importas nada com isso. Era a maneira mais rápida de o teres ao colo outra vez. Sabes que isso já configura uma adição, não sabes?

Ele: daqui não sai, daqui ninguém o tira.

Eu: eu que sou a mãe mal peguei nele. Não me parece justo.

Ele: a vida não é dos justos. É dos espertos. Pensei que a senhora primeira-ministra já o soubesse há muito.

Eu: pode ser que agora que sou mãe a imprensa me dê um descanso. Estava farta de ler que era muito nova para este cargo.

O meu homem: isso foi antes de verem quem és e o que estavas disposta a fazer.

Ele: podes estar descansada quanto a isso: o país ama-te. E vai amar este bebé.

O meu homem: o que é concorrência a mais para pegar nele ao colo. Dá-mo cá um bocado, vá.

Ele: só mais um minuto, por favor. Sim? Sim?

Eu: deixa-o lá aproveitar mais um minuto.

O meu homem: ainda bem que o telemóvel tem cronómetro. Já está a contar.

Ele: os pais são más pessoas. Espero que ele não saia a vocês. Vou fazer de tudo para o educar convenientemente.

Eu: estás com esperança, estás.

Ele: e com razão. Sobre tudo isso: com razão.

O meu homem: já passou um minuto. Lamento imenso, meu amigo.

Aquilo que vejo no rosto do meu filho é Deus? Atrasar a morte é levar a memória à cadeira eléctrica, sentá-la lá um minuto ou dois, só para perceber o risco

que corre se continuar a ameaçar a saúde do que queremos sonhar. A cabeça do meu filho a dormir sobre os meus braços. Nunca me senti tão feliz e tão frágil. O mal dos diamantes é a facilidade cruel com que cortam a pele. Ainda agora o ganhei e já me sinto a perdê-lo. Nunca estive tão nua. Pode ser isto o monstro do amor?

A minha mãe: é perfeito.

O meu pai: como tu. Como tu eras.

Eu: e já não sou, é?

O meu pai: sabes que és. Vais ser sempre.

A minha mãe: a nossa menina. A nossa menina é mãe.

O meu pai: temos um pedido para te fazer.

Eu: um pedido? Mas é uma coisa séria? Deverei vestir um fato?

A minha mãe: é o que tem de ser. Chama-lhe o que quiseses.

Eu:

O meu pai: queremos que não lhe faças o que nós te fizemos.

A minha mãe: é o nosso único pedido. Não lhe faças o que te fizemos.

O meu pai: sei que tivemos sorte e és a mulher maravilhosa que és. Mas foi só isso: sorte. Fizemos tudo errado.

A minha mãe: por favor não o faças. Segue o teu coração, não o nosso exemplo.

O meu pai: sabemos que vais dizer que não o farias, que não queres que ela passe pelo que tu passaste. Mas às vezes o subconsciente tem muito poder e acabamos por repetir o que nos foi dado a ver, o que nos foi dado a viver.

A minha mãe: quanto te apetecer ser como nós recusa. Pára. Pensa. Olha. Sente. Não faças como nós.

O meu pai: ninguém merece reviver o que tu viveste.

A minha mãe: dá-lhe essa tua cabeça linda, esse teu coração gigante. Dá-lhe o que és, nunca lhe dês o que nós somos, o que nós fomos, o que nós te demos.

Eu: venham cá. Apertem-me.

A minha mãe:

O meu pai:

Eu: chorem à vontade. Sejam pessoas à vontade.

A minha mãe:

O meu pai:

Eu: tenho orgulho no que são, naquilo em que contra todas as expectativas conseguiram tornar-se.

A minha mãe:

O meu pai:

Eu: amo-vos. E o meu filho vai amar-vos também. Somos vossos.

Quantas boas pessoas chegam com o remorso? O amor é sempre novo em mim, as palavras mudas integram-se nas mãos, no gesto. É urgente descoincidir comigo, ter de gerar novas fórmulas, respostas mais fundas. Os meus pais perdidos em lágrimas com o neto nos braços. Do interior das pessoas vem um rumor sem casa,

que hiberna com paciência à espera da sua vez. Amar é encher o escuro com *confetti*. Posso ser apenas a mulher que inventei?

O possível que não se torna real magoa. Obriga a desatar mais nós do que laços, a perceber que muitas vezes é o tamanho desmesurado das pernas que nos impede de andar melhor. Às vezes é sem querer que tudo o que queremos acontece, como uma profecia feita depois de cumprida. Ele a apresentar o livro dele. O meu amigo. O meu escritor. Levou-me com as suas palavras onde quis que me levasse, conquistou o país mesmo que todos tivessem pensado que fui eu. Está ali à frente, sentado a uma mesa com um ramo de flores ao centro, diante de umas dezenas de pessoas, a sala cheia para o ver falar, para o ver explicar de onde veio este livro, de onde vem este homem. Sinto-o como se estivesse a sentir o que ele sente, a ver o que ele vê. Vejo nos meus olhos o que passa pelos dele. Não erro muito no que sou quando sou ele, tenho a certeza. Sabemos porventura que morremos quase sempre do que nos faz sentir vivos? O meu homem ao meu lado. A minha mãe e o meu pai também. A nossa circunferência veio para poder rodeá-lo, para o proteger de quem não o sabe como nós. Quando somos grandes precisamos de uma parede de pedra a separar-nos dos pequenos, dos infelizes voluntários. Acabaram as palavras, começaram os aplausos, os autógrafos. Temos todos o direito de não sofrer?

Ele: ena, ena. Não é qualquer um que tem o chefe do governo no lançamento do seu livro. Que honra, senhora primeira-ministra.

Eu: fala baixo. Não vês os jornalistas todos a verem se apanham qualquer coisa do que dizemos?

Ele: já foi tempo de ser segredo o que dizemos um ao outro. Não temos nada a esconder, ou temos?

Eu: claro que não. Mas sabes o que tem acontecido ultimamente, não sabes?

Ele: o quê?

Eu: oh, a confusão com as detenções, com as investigações.

Ele: claro que sim. Já falámos nisso. E acho que só estás a fazer o que tem de ser feito. Só estás a fazer com que todos os corruptos desta latrina tenham o que merecem.

Eu: fala baixo, homem de Deus. Já te pedi para falares baixo.

Ele: se nem na apresentação do meu livro posso falar no volume que me apetece vou falar quando? No meu funeral?

Eu: são temas delicados.

Ele: eu sei. Desculpa.

Eu:

Ele: mas têm andado atrás de ti? Sentes que as coisas mudaram?

Eu: claro que sim. Estou a mexer no que estava quieto há décadas. Eu diria que estou a mexer no que estava quieto desde sempre. O cheiro que vem de lá é pútrido, insuportável.

Ele: se não o fizesses não serias tu.

Eu: pois. Mas estou a ver que o preço que vou ter de pagar por isso será elevado.

Ele: não te preocupes com isso. Vai em frente e paga o que tiveres de pagar.

Eu estarei aqui para suportar contigo o que vier aí. O meu pai deixou-me uma fortuna, lembrás-te?

Eu: oh. Não é dessa fortuna que eu falo.

Ele: nem eu.

Eu: mas vamos mas é ao que interessa: parabéns. E deixa-me dizer-te que não posso deixar de sentir alguma tristeza neste momento.

Ele:

Eu: eras só o meu escritor favorito e agora vais passar a ser o escritor favorito de milhares de pessoas.

Ele: concordo com tudo menos com a parte dos milhares.

Eu: sim, tens razão. O que eu devia ter dito era milhões.

O precário é um privilégio. É do que não damos como certo que sai a revolução. Gastar as horas é simples, difícil é vivê-las. Abraço-o, beijo-o no rosto levemente, os *flashes* a dispararem, as câmaras apontadas. Estou dentro de um tornado que tive de criar. Às vezes preferia ser arqueóloga, dedicar-me ao que já foi, ficar fora do imprevisível. Adormecer não passa da maneira mais barata de deixar de sentir. Porque é que olhar o sol queima tanto os olhos?

Eu: parabéns. Parece que agora a minha vida é só esta, é só dar-te os parabéns.

Ele: habitua-te.

Eu:

Ele: ou então não dês.

Eu: dou. Tenho de dar. Ganhas um dos prémios literários mais importantes do país e eu não ia dar-te os parabéns? Sou louca mas não sou burra.

Ele: lembrás-te da nossa ansiedade para sabermos quem ganhava este prémio? Queríamos sempre que fosse algum dos nossos escritores, daqueles que usávamos para falarmos com o mundo.

Eu: agora finalmente foi.

Ele: finalmente ganharam bom gosto.

O meu homem: parabéns ao senhor meio milhão.

Ele:

O meu homem: como é que é saber que há meio milhão de pessoas que compraram um livro teu?

Ele:

Eu: e num ano, ou nem isso. Mas não perguntes que ele não consegue responder. Nunca conseguiu responder a perguntas dessas.

Ele: haja alguém que me compreenda.

O meu homem: então parabéns. Posso ao menos dizer isso?

Ele: este teu homem e a sua formalidade. Claro que podes, meu caro. Claro que podes. Obrigado pelas palavras. Obrigado por terem vindo. Ainda não sei como conseguiste estar aqui no meio de tudo o que estás a viver. Só posso agradecer-te. Significa muito para mim.

Eu: o resto que me acontece é o resto do que me acontece. O que está a acontecer-me é isto, o que está a acontecer-me és tu.

Ele: vou usar isso no meu próximo livro. Importas-te?

A minha intimidade é dele. Sabe-me os detalhes, conhece o vento gélido que às vezes me entra pela janela. Não precisamos de rastros, de pistas. Pode o que nos liga estar escrito na pedra?

Tenho um segredo fascínio pela debilidade. Interessa-me o áspero, uma sensibilidade obscena. Não creio que algum dia vá querer a continuidade, por mais respeitável que ela seja. Quis que ele viesse, ele veio. Não trouxe o homem dele, não tenho aqui o meu. Estamos na casa dos meus pais que foi a nossa. Estou feliz sem ele todos os dias, não o nego. Amo o meu homem. Ele a pegar na minha mãe ao colo, a dançar com ela sem que ela ponha os pés no chão. O riso dele continua menino. Tenho-o no lugar certo agora. Não me traz o pequeno-almoço, está à distância de um telefonema. Já o quis para voar quando o papel dele é o de eu ter onde pousar. Ele a dançar com o meu pai, os dois de rostos colados numa música lenta que passa na rádio. Quem disse que não é com loucura que se cura a loucura? Os três a fazerem uma roda, ele e o meu pai de joelhos, a minha mãe na sua cadeira rolante. Chego aqui para não estar em mais lado nenhum. Pego em todos os cacos que todos os dias vou semeando pelo caminho, construo o monumento possível. As rugas do meu pai ficam mais fundas quando se ri assim, que crueldade é o corpo ter uma pele. Sou chamada à pista, ao carrossel. Somos quatro a fazer uma roda sem sentido, inconsequentes, felizes. Estaremos os quatro num mundo e o resto das pessoas noutro?

Eu: vês? Eu bem disse que ele ia acordar com este barulho todo.

Ele: sem problema. Deixa que eu vou lá buscá-lo. Se sou a causa, tenho de aguentar a consequência.

Eu: sabes lá tu o que vais fazer. Aposto que chora ainda mais se vir que és tu a ir buscá-lo.

Ele: sempre a subestimar a minha capacidade enquanto padrinho.

Eu: nessa frase não acertaste em nada. Nem subestimo a tua capacidade nem tu és padrinho de quem quer que seja.

Ele: sempre a magoar os meus sentimentos.

Eu: sabes que não acredito nessas coisas de padrinho. Todos os que o amarem serão padrinhos dele.

Ele: balelas.

Eu: como é? Vais buscá-lo ou não?

Ele: a caminho, chatinha.

Eu:

Ele:

Eu:

Ele: estás sem palavras, não é?

A minha mãe: está. Se não andasse tão ocupada, já saberia que esse menino tem uma paixão por ti.

Eu: contem-me histórias.

A minha mãe: tem mesmo. Parece magia. Chega aos braços dele e descansa. Parece que chegou aos braços da paz. Sente-se seguro. Protegido. Nunca vi uma coisa assim.

Eu: magia? Deve ser é feitiço. Este homem sempre teve amigos muito

estranhos, que acreditam em cenas alternativas, esotéricas.

Ele: não sei onde foste desencantar essa ideia.

Eu:

Ele: ou melhor: já sei.

Eu: diz-me que estou curiosa por saber onde fui buscar o que não tenho.

Ele: foste sacá-la do baú sem fundo da inveja. Dizem que é de lá que saem patranhas maléficas como essas.

Tê-lo com o meu filho ao colo é o melhor modo de não o perder. Adentra-se mais a cada sorriso que partilham. Não insinuarei que se ele derrubasse o meu edifício recente ficaria aliviada. Também não o negarei, por falta de força. Está nos arrabaldes da minha vida porque não tem a chave certa, não partilhamos o mesmo desejo. Partilhamos o mesmo amor. Jamais aceitaremos a função de empregados exemplares do tédio. Olhamo-nos, fazemos o mundo voltar a andar. A quanto está o metro quadrado de indecência?

Ele: não precisas de nada? Estás mesmo bem?

Eu: sim. Tenho de estar.

Ele: tenho lido algumas notícias. Não quero incomodar-te com o que leio. Mas estou atento, disponível.

Eu:

Ele: quero que saibas isso.

Eu: eu sei.

Ele: o que precisares que seja feito será feito. Nunca duvides.

Eu: eu cá me aguento. Não me parece que seja isto a derrubar-me.

Ele: contas-me só o que quiseses, só o que puderes. A vida pública custa. Somos alvos em movimento.

Eu: somos. Já o sabes, imagino.

Ele: sei. Atacam-me e não sabem porquê. Apareço na vida pequena de quem se sente pequeno e faço-os sentir o que são.

Eu: é isso mesmo.

Ele: não me lêem, mas odeiam o que escrevo.

Eu: custa muito.

Ele: custa, mas não é comparável com o que vives. Não mexo directamente com a vida das pessoas, não tenho nas mãos o que pode alterar-lhes o que têm. E ambos sabemos que para muitos o que têm é o que são.

Eu: é o que lhes resta.

Ele: é desses pobres de espírito que estás a tratar. É a esses que estás a atirar.

Eu: é.

Ele: não te digo para teres cuidado. Não és mulher para ter cuidado. Mas pensa bem antes de moveres as peças.

Eu:

Ele: e de resto vai. Vai com o que és. Chega e sobra para o que esses outros são.

A vida tem de nos rasgar por dentro, deitar abaixo as pontes. É importante

recoser, recomeçar, repensar, re-sentir. Não me apeteceu dia algum ser heroína, inspiração. Sinto a falta de um Agosto qualquer, da liberdade oca de acordar para esbanjar os minutos até ao começo húmido da noite. Todos me pedem a justiça que ninguém soube pedir. Será tarde de mais para soterrar o que me trouxe aqui?

Somos pássaros de papel a brincar às aves de rapina. Quando a consciência é leve basta um sopro mais forte para nos mudar a direcção. Estou a saber que a moral foi a enterrar há muito. Chegaram aqui dois inspectores, invadiram a mesa do meu domingo. O circo instalou-se lá fora. Jornalistas, fotógrafos, câmaras de televisão. Ele a dar-me um abraço silencioso. Tiraram-me a paz em nome de quê? Querem interrogar-me. Ou os acompanho de livre vontade ou terão de me levar à força. Antes reviram a casa. Os meus pais sem palavras, as suas vidas espalhadas pelo chão. Não entendem o que se passa. Nem eu. Ele a dizer-me ao ouvido que vai ficar tudo bem, que é um engano, que só pode ser um engano. O meu filho a continuar a brincar com os carrinhos no chão. Será a honestidade ambição a mais? Levam computadores, telemóveis, documentos antigos que ainda tinha por aqui. Estão a fazer o mesmo na casa onde moro. O meu homem desesperado ao telefone a contar-me tudo. Será um erro estar do lado certo da humanidade? Vou, claro. Quero que os meus pais fiquem tranquilos, que a feira saia daqui. Sigo-os sem mais nada. Ele a ser impedido de vir comigo. A morte é um organismo solitário. Há que dizer que devo ter semeado tempestades a mais. Podem tirar-me tudo, serei sempre eu. Quanto mais me atiram ao chão mais me ergo. Quando souberem quem são será tarde de mais. É apropriado dizer que me enojam as pessoas sem espinha?

O inspector: imagino que saiba porque está aqui.

Eu: não. Mas adoraria saber.

A inspectora: já vi que vai ser esse tipo de abordagem, a sua.

Eu: sim, vai ser. Vou ser uma interrogada com um tipo de resposta muito próprio: aquele que se baseia na verdade. Lamento se porventura não estiverem habituados.

A inspectora: se acha que é com essas palavras que vai a algum lado está enganada. Isto não é o parlamento nem eu e o meu colega temos paciência para a sua eloquência.

Eu: não chamem eloquência à verdade. Podem ofendê-la.

A inspectora: custa-me muito estar aqui deste lado, a destruir a esperança de tantos. Como mulher, ainda mais. Sei que vou estar a matar a esperança e a inspiração de muitas que, como eu, acreditavam que tinham em si um exemplo, um modelo. Os estragos que isto pode trazer são incontáveis. Preferia não estar deste lado, a comandar o fim do sonho.

Eu: vejo que também gosta de uma ou outra metáfora. Dou-lhe os meus parabéns. Bom uso, embora algo previsível.

O inspector: ainda consegue gozar com o nosso trabalho, é isso?

Eu: apenas refuto o que me dizem. Seja o que for. Não fiz nada ilegal, nunca me aproximei sequer de fazer algo ilegal. Estou aqui por nada. Ou brinco ou dou um tiro na cabeça. Para já ainda não considere a segunda opção.

O inspector: não vai querer o seu advogado consigo?

Eu: não.

O inspector: confirme-me se esta é a sua assinatura neste documento.

Eu: sim.

A inspectora: e neste: também é?

Eu: é.

O inspector: por isso é que eu sugeri que tivesse um advogado aqui ao seu lado. Com essas duas respostas acabou de assumir a sua culpa.

A inspectora: vai ser complicado agora sair desta, venerável e impoluta primeira-ministra.

Eu: que documentos são esses?

O inspector: não é que acreditemos que não sabe, mas nós vamos explicar-lhe tranquilamente que documentos são estes.

A inspectora: recoste-se na cadeira. Isto vai demorar um bocado. Mas é uma história belíssima, que nem o seu grande amigo, aquele escritor *best-seller*, desdenharia escrever. Pode ser que depois a escrevam juntos. Podem contar comigo na apresentação.

O inspector: a não ser que seja na cadeia. Aí não devo poder estar presente.

Serei culpada do que não fiz. Confiei sem olhar, atirei-me da falésia de mão dada com um espantalho que pensei ser gente. Os inspectores a contarem-me tudo. Assinei a minha sentença. Pus a minha assinatura em actos de corrupção que dificilmente conseguirei negar. Como vou suportar a vergonha do meu filho quando crescer? Serei para ele o que o mundo me chamar. Não poderei dizer-lhe que a verdade existe. A grande limitação da verdade é poder ser ela a forjar a realidade. É verdade que assinei os documentos, não é real que os tenha assinado. O prazer mórbido dos inspectores a relatarem cada pormenor do que vai acabar comigo. O riso do diabo pode vir de quem pensa só estar a fazer o bem. Estamos os três do flanco certo e, no entanto eles estão contra mim. A verdade não passa de uma narrativa, da ficção vista de um só lado. Enquanto os ouço sei quem me quis levar para o fundo, só não sei porquê. Pode o amor ser um artifício do mal?

Ele: o teu marido? Como? Porquê? Para quê?

Eu: não sei. Deve ter cedido aos milhões com que muitos lhe acenaram. Não sei, não sei. Sei que me colocou aqueles documentos à frente, disse-me que era para reservarmos as férias de verão. Que tinham de ser reservadas já.

Ele: e tu assinaste.

Eu: assinei.

Ele: vai ficar tudo bem.

Eu: não vai. Ninguém vai acreditar que não sabia o que estava a assinar.

Ele: vou ligar agora mesmo ao melhor advogado do país.

Eu: liga, por favor. Não tenho forças. Vou para casa descansar.

Ele: e o teu homem não está lá?

Eu: não. Já lhe liguei e disse-lhe para sair. Nem discuti a minha decisão. Sabe o que fez. Não me parece que vá vê-lo mais.

Ele: mas tens de o acusar, tens de contar a verdade.

Eu: vou contar. Não vai servir para nada. Mas basta-me não o ver mais para a vida ficar melhor.

No fim só restarão os bons comigo. Ele pede-me um abraço, eu dou, digo-lhe para tentar descansar os meus pais, para cuidar mais umas horas do meu filho. Quando estiver pronta para fingir voltarei a eles. Terei de superar o fim do que me impede de acabar?

Do abraço dele vejo a lua, um bocado do sol. Estamos sentados no sofá a ver a minha vida a implodir. Na televisão passam as imagens constantes da minha destituição. O meu pai não aguentou, abandonou a sala. A minha mãe permanece, afaga-me o cabelo, quer mostrar que está comigo quando está em si, sem saber o que se faz no meio da guerra. O meu filho sempre no chão, a *Saudade* ao lado, pousada no tapete. Estou, voto a voto, a ser retirada de um cargo que nunca planeei ter. Não me custa a derrota, custa-me o que vai custar a quem acreditou em mim. Quis ser a predadora, fui a que senti os dentes no pescoço. Em dias de excepção preciso mais do sorriso dele, de entender que quando houver o fim ele acabará comigo. Há um modo certo de amar? O marido dele no sofá ao lado. Espero que me desculpe querer o que ele não tem. Quero-os felizes? Cruzei tantas estações desde o início de mim e ele estava em todas à minha espera, com uma gabardine numa mão e um biquíni na outra. Conheço-me também através dos olhos dele. Resistimos juntos, até felizes, a todas as infelicidades. Modificámos o mundo, recuperámos bairros miseráveis. Posso pedir-lhe para ficar?

Ele: eu fico.

Eu: deixa. Não é preciso.

Ele: tens a certeza?

Eu: tenho.

Ele:

Eu: tenho aqui os meus pais, o meu filho.

Ele:

Eu: a sério. Vai. Eu fico bem.

Ele: vou ficar.

O marido dele: vais?

Ele: vou. Sei que compreendes.

O marido dele:

Eu: vai. Não precisas de ficar. Não precisas mesmo de ficar.

O marido dele: tenho de ir. Amanhã acordo cedo, como sabes.

Eu: vai lá.

Ele: fico.

Eu:

O marido dele:

Ele: sei que vais pôr-te aí a ver mais coisas na televisão. Não aguentas, que eu sei. Vais ficar de rastos e sozinha. Quando estás assim estás sempre sozinha. Ambos sabemos que os teus pais não percebem o que és, como sentes. E eles mesmos estão a sofrer muito com tudo isto.

Eu:

O marido dele: então fica, sim.

Ele: fico.

Eu: vou já para a cama tentar dormir. Até tomo um comprimido, se for preciso. Vai. Não quero que mudes a tua vida por causa de uma pobre ex-primeira-ministra

que todo o país acha que é corrupta.

Ele: basta saber ler essas tuas palavras para concluir que vais passar uma noite desgraçada. Vamos desgraçar-nos juntos. Já não será a primeira vez.

O marido dele: dá cá um beijo. Até amanhã.

Eu: até amanhã.

O marido dele: durmam bem. E não exagerem na desgraça.

Eu: obrigada por teres ficado.

Ele: não havia outra possibilidade. Quando vim já sabia que ficaria. Vim preparado para isso. Olha para o tamanho da minha mochila. Julgas que ando com aquilo todos os dias?

Pé ante pé fomos aprendendo juntos a viver até à morte. Ele a descalçar-me, a levar-me ao colo até à cama. Vou adormecer entre cafunés e anedotas fracas que dói. Quando acordar continuarei a ter a vida que fez muitos antes de mim desistirem de viver. Percebo-os. Não o tinham como eu o tenho. Ninguém se suicida acompanhado. Pouso a cabeça sobre a almofada, ele pousa a dele junto à minha. Vistos assim os olhos dele são ainda mais limpos. Adormeço a repetir devagar o nome dele, a querer adiar para sempre o momento de voltar aos puxadores das portas, às pessoas que da paixão fizeram o ódio. Os olhos dele a fecharem, a levarem os meus. Visto daqui é como o oceano visto da praia. Sou feliz quando penso que me ama. Será que se não o amar não poderei amar?

A minha mãe: aí, meu Deus. Desculpa, filha. Não pude fazer nada. Sabes como estou, sabes que não podia fazer nada. Desculpa, minha filha. Desculpa.

Eu: não tens culpa, mãe. Não tens culpa.

A minha mãe: vou chamar uma ambulância.

Eu: não. Liga ao pai. Diz que venha buscar-nos.

A minha mãe: é melhor seres vista no hospital. Bateram-te na cabeça. Deram-te pontapés na cabeça. Tens sangue por todo o lado. Tens de ser vista por um médico.

Eu: eu depois chamo um médico lá a casa. Agora chama o pai. Pede-lhe que venha buscar-nos. Não quero ir de táxi.

A minha mãe: ainda bem que foi aqui num canto. Assim ninguém viu. Não quero imaginar o que seria se fosse numa rua movimentada.

Eu: não penses nisso. Chama o pai. Eu estou bem. Só quero ir para casa.

A minha mãe: as pessoas são tão más. Como podem ser assim? O que fizeste para te agredirem assim?

Eu: não censuro as pessoas. Acham que as traí, que fui o contrário do que disse que era.

A minha mãe:

Eu:

A minha mãe: o teu pai já vem a caminho. Estava aqui perto. Deve estar a chegar.

Eu:

O meu pai: quem te fez isso? Diz-me que eu mato-os. Eu mato-os.

Nunca quem não ama um amor incondicional poderá entendê-lo. O meu pai vermelho de raiva, as mãos juntas, fechadas, como se estivesse a agarrar alguém pelos colarinhos. Um velhinho de rugas esticadas pela vontade de vingar a filha. Porque é tão escassa o raio da vida?

A natureza de um fósforo é arder. Podemos usá-lo como decoração, para abrir uma fechadura, para fazer riscos na parede branca. No final de tudo nada mudará. Enquanto não arder não será um fósforo. Sabe que se arder deixará de ser, desaparecerá, acabará, não terá mais futuro. Não lhe interessa. Enquanto não arder não será um fósforo.

A minha mãe: estava louco. Estava como nunca o tinha visto antes. Virou a minha cadeira, atirou-me ao chão. Bateu-me, cuspiu-me.

Eu: meu Deus. O que aconteceu? O que lhe aconteceu?

A minha mãe:

Eu: vou chamar uma ambulância.

A minha mãe: não chames. Agora sou eu que te peço para respeitares a minha vontade. Não chames.

Eu: porquê?

A minha mãe: não quero que tenhas mais esta humilhação. Não mereces mais esta humilhação neste momento. Os animais todos dos jornalistas iriam adorar este petisco. Nem sequer vou apresentar queixa.

Eu: vais. Não te admito que não o faças.

A minha mãe: não vou fazer-te isso. Não posso fazer-te isso.

Eu: vais. Se não o fizeres faço eu. Desta o pai não pode safar-se. Não pode ser. Não sabemos onde isto vai parar.

A minha mãe:

Eu: onde é que ele está?

A minha mãe: não sei. Fugiu a correr.

Eu: vou procurá-lo.

A minha mãe:

Eu: toma. Pousa esse pano molhado na cabeça. Eu vou ver onde ele está.

A minha mãe: tem cuidado, minha filha. Tem cuidado.

Eu:

O meu pai: não precisas de me procurar. Estou aqui.

Eu: o que fizeste?

O meu pai: não sei. Tive de o fazer.

A minha mãe: sabes que não vais ter perdão. Sabes que já chega de perdões.

O meu pai: sei.

Eu:

O meu pai: faz o que tens a fazer.

Eu: estavas bem. O que foi acontecer-te?

O meu pai: aconteci-me. Está sempre tudo bem até acontecer o que eu sou.

Eu: é da pressão toda? É de os jornalistas estarem sempre a chatear-te? É de estarem sempre a desenterrar o passado, o que fomos? É de estarem sempre a inventar histórias sobre mim, sobre nós? É disso? Só pode ser isso, não vejo o que mais possa ser. Estavas bem. Estavas bem.

A minha mãe: não aguentaste esta vida, não foi?

O meu pai: acontecesse o que acontecesse iria chegar o dia em que eu iria acontecer-me. Não depende de vós. Acho que nem depende de mim. E o pior é que não consigo acabar com isto. Não consigo acabar comigo. Quando isto me acontece poderia acontecer-me contra mim. Poderia conseguir matar-me para matar isto. Mas não consigo. Desculpem mas não consigo. Seria a solução perfeita. Vocês ficariam livres de mim, livres do que eu sou, do que eu não consigo deixar de ser. E eu também. Adoraria ficar livre de mim.

Eu:

O meu pai: chegou a Polícia.

Eu: mas eu não chamei a Polícia.

O meu pai: eu chamei.

Eu:

A minha mãe:

O meu pai: e a ambulância chegou também. É melhor a tua mãe ser avaliada por um médico, não te parece?

O amor é um crápula. Precisamos de o ter danificado para mexer connosco. Faz falta um pequeno rasgão, uma ínfima pústula. O meu pai a ser algemado. As mãos esburacadas, algum sangue a escorrer ainda. Um velhinho a ser levado pela polícia. A minha mãe a chorar deitada na cama. Porque é tão bonito o que dura pouco? O meu pai a chegar ao carro da Polícia, a mão do polícia a baixar-lhe a cabeça para não bater no tejadilho. Nem sinto os *flashes* dos fotógrafos, nem ouço as perguntas dos jornalistas. A minha mãe a vir com esforço na sua cadeira à porta. Quer ver o marido a ir. Pede-lhe que abra o vidro. Quem sabe de anatomia sabe se somos feitos de ossos ou de vidro? O meu pai a abrir a janela do carro. Está pronto para sofrer mais um pouco, estamos sempre prontos para sofrer mais um pouco. O lugar para onde a dor vai é elástico, estica-se para nos deixar tolerar mais. As lágrimas da minha mãe a caírem na soleira da porta. O amor é o desporto dos parvos.

A minha mãe: cuida de ti.

O meu pai: desculpa.

A minha mãe: garante-me que cuidas de ti. Garante-me que vais defender-te de ti.

O meu pai: és linda. Vais ser sempre.

Eu: levem-no. Levem-no rápido.

O meu pai: amo-te.

A minha mãe:

Eu:

O meu pai: amo-vos.

A vida exprime-se sem limitações. Pavoneia-se, procura as objectivas dos fotógrafos. Em toda a parte há quem não lhe resista. Será a dor a sua língua favorita? O meu pai a desaparecer na parte de trás de um carro de Polícia. Olhou-me, olhou-nos, até não poder olhar mais. Tem vergonha mas ama. É impronunciável o que nos faz resistir, o que nos permite continuar após o insuportável. A carne é o discurso, a emoção é o poema. A harmonia geral do

mundo precisa de murros com regularidade, de cortes sistemáticos de corrente. Deito-me com a minha mãe na cama, deixo-a ser a criança indefesa que todos somos. Terá o que dá flores de dar também doenças?

Ter uma cicatriz é como vestir poesia. É fácil amar lugares-comuns, a frase à mão para custar menos a sutura do desgosto. O meu amigo a apresentar o novo livro. Eu em casa, impedida de estar lá como deveria estar. Se eu fosse tudo seria sobre mim, tudo seria sobre o que fiz, sobre o que me acontecerá. Se eu fosse, ele e o seu livro não teriam o que merecem, o espaço que merecem, a atenção que merecem. Tenho de ficar na penumbra sozinha do quarto, persianas fechadas, longe das mesas de café onde facas afiadas me vão cortando fatia a fatia. Assistirá Deus ao espectáculo deprimente das pessoas? Um dia essas mesas de café dançaram comigo, agarraram-me pela cintura como se fôssemos amantes esfaimados. Ele a falar, a sala cheia, todos em silêncio para o ouvirem brilhar. É tão fácil viver quando o vejo assim, como se fosse outra vez menina adolescente a faltar às aulas para retornar a ele, para nos rodearmos de letras, de utopias, segredos pequenos que nunca quisemos contar a ninguém, rodeados apenas de nós. A sala a aplaudilo, todos de pé. A cara dele é de uma felicidade contida, deve estar a procurar-me no meio das pessoas e eu não estou. Hoje não faltei às aulas por ele. Hoje fui do quotidiano, do medo. Atirei-me para a vala, quis proteger-me para poder protegê-lo. Pode fugir de amar ser prova de amor? Quando ele bater à porta serei capaz de lhe contar o que quanto pensei nele, o quanto tremi ao vê-lo tremer, o quanto não consigo desprender-me de tudo o que faz. Para já vejo-o a dar autógrafos na sua pequena felicidade, afastado do ruído que iria levar-lhe. Sem ele as minhas mãos ficam mais frias, acho que o sol fica um pouco cinzento. É assim que se ama?

Ele: entendo, tenho de entender.

Eu: ainda bem.

Ele: mas podias ter vindo.

Eu: já te expliquei que é melhor não. Que foi melhor não.

Ele: anda agora que já está pouca gente. E já só sobra um jornalista. Um fotógrafo que já está a arrumar as coisas. Se vieres agora já não apanhas aqui nenhum jornalista.

Eu: é melhor não.

Ele: oh, anda.

Eu: e tu estás a falar comigo ao telemóvel enquanto dás autógrafos, é isso? Não tens vergonha?

Ele: não. Fiz uma pausa de um minuto e já vou voltar.

Eu: vai lá, vai lá.

Ele: vou. Acho que está aqui um homem que não aguenta a ansiedade e vem aqui ter comigo de livro na mão.

Eu: é o mal de ser adorado.

Ele: pois. Acho que vou ter de desl...

Eu: o que foi?

Ele:

Eu: que barulho é esse? O que está a acontecer? O que se passa?

Ele:

Eu:

Ele: Não. Parem.

Eu:

Ele: o que fiz eu? Porque me fazem isso?

Eu: o que foi? O que estão a fazer-te?

Ele: chamem a Polícia. Não os deixem fugir.

Eu: não sei o que se passa mas estou a caminho.

A honestidade pratica-se de avental, para que o sangue não salpique muito a roupa. Ele a ser assistido junto à mesa dos livros. Um enfermeiro a colocar-lhe uma liga sobre os golpes na cara. O sobrolho inchado. As televisões a filmarem tudo. Preciso de ajuda para entender o espectáculo da desgraça que todos adoram. A Terra é uma casa difícil de habitar. Será a loucura uma doença ou um estilo de vida? Quando me vê começa a chorar, começo a chorar. Se é para apreciarem a dor que a apreciem por completo, como ela é, como nós somos, sem cortinas de fumo, sem defesas. Quando nos abraçamos há um clarão que se abre. Aperto-o desesperadamente, aperta-me desesperadamente. O que me custa mais nas explosões que causei é a maneira como os estilhaços o magoam, a forma como fiz das pétalas granadas imprevisíveis. Será que nos juntamos tanto para ninguém nos ver a solidão?

Eu: desculpa.

Ele: parece que arranjei a estratégia certa para vires cá.

Eu:

Ele: vieste ou não vieste? Afinal podias vir, vês?

Eu: estás bem? Não te dói nada? Não é melhor ires ao hospital ver isso?

Ele: fala mais um pouco. Ouvir a tua voz ajuda-me a não precisar de mais nada.

Eu: és tão bonito.

O marido dele: o que aconteceu? Vim assim que me ligaram.

Ele: não era preciso. Está tudo bem, está tudo bem.

O marido dele: estás todo partido e dizes-me que está tudo bem?

Ele: é só pele.

O marido dele: porque não me ligaste? Porque não me disseste nada?

Ele: estava demasiado ocupado a pedir para me estancarem o sangue. Parecendo que não, carregar nas teclas enquanto o sangue cai por todos os lados do nosso corpo não é fácil.

O marido dele: ainda brincas com isto, é? Achas que isto tem piada?

Ele: a comédia é o drama virado ao contrário.

O marido dele: isso. Esta é mesmo a altura certa para filosofias de algibeira. Parabéns.

Ele: obrigado.

O marido dele: não te entendo. Juro que às vezes não te entendo.

Ele: deve ser uma das poucas coisas que temos em comum. Eu às vezes também não me entendo. Felizmente já me habituei a conviver com isso. A

conviver comigo.

O marido dele: desisto. Quando quiseres falar a sério avisa. Eu vou tomar um chá para ver se me acalmo.

O diálogo faz-se do peso das palavras não ditas, do que se acumula debaixo da vergonha. Entre nós há uma gramática feita de impressões digitais. Estamos de volta ao abraço, num alvoroço sem vocabulário. Porque preciso tanto que ele me invada a paz?

Vista de perto a justiça é um animal extinto, uma espécie de dinossauro de museu. O juiz a entrar na sala, toda a gente a levantar-se. As trevas têm uma formalidade estranha. Criou-se o protocolo para o ridículo ficar instituído, para controlar discretamente a autonomia dos gestos. Uma mulher apagada a trazer uma folha, o juiz a espalhar outras diante dos seus olhos. O tribunal cheio para me ver cair. O pigarreio do juiz. Penso em poesia segundo a segundo. Digo baixinho os versos que mais me dizem. A leitura da sentença está a começar. Daqui a segundos posso continuar a ser a pessoa livre de sempre mas com grades à volta. Ele ao meu lado. Somos eu e ele. Em todo o lado somos eu e ele. Felizmente a poesia não respeita nada. O meu amigo. A voz fechada do juiz. Explica passo a passo a sua decisão, o que o fez deliberar assim, decidir assim. Fala das provas, apresenta factos. Posso entediar-me com tudo o que pode ser documentado? Apetece-me embalar-me no colo dele, fazer toda esta gente perceber que tudo aquilo de que podem acusar-me é inveja. Parece que está a chegar ao fim a leitura. Estou quase a saber para onde vou levar o corpo nos próximos tempos. Esteja onde estiver haverá sempre as palavras dele aqui e ali, continuarei a ter um livro para ler. Será que pensam que um tigre enjaulado passa a ser um animal doméstico?

O sussurro dele no meu ouvido: prometo não te largar a mão.

O meu sussurro no ouvido dele: nem eu to permitia.

O juiz: (...) culpada.

O meu sussurro no ouvido dele: só podia ser. Tudo o que não sou é inocente.

O sussurro dele no meu ouvido: só os inocentes sentem a culpa.

O meu sussurro no ouvido dele: também li esse livro. Mas já não me lembrava dessa frase.

O sussurro dele no meu ouvido: eu empresto-te. Deixa cá ver onde vou ter de te visitar nos próximos tempos.

O juiz: (...) dois anos de prisão efectiva.

O meu sussurro no ouvido dele: durante dois anos és tu que decides o que eu leio. Finalmente o teu sonho concretizou-se.

O sussurro dele no meu ouvido: finalmente vais ser uma pessoa erudita, queres tu dizer.

O meu sussurro no ouvido dele: o meu filho. Ajuda a minha mãe com ele. Sabes qual é a situação dela.

O sussurro dele no meu ouvido: é o meu filho também, por mais que não seja. Já contratei uma pessoa para a ajudar. Começa amanhã.

Eu:

O sussurro dele no meu ouvido: E eu vou estar lá também sempre que puder. Descansa.

O meu sussurro no ouvido dele: parece-me que é tudo o que vou fazer nos próximos dois anos. Vou ficar mal habituada.

O juiz: levem-na, por favor.

O meu sussurro no ouvido dele: nunca me largues a mão, não te esqueças.

A minha liberdade prova-se sozinha. O esterco é a espinha dobrada, mudar de pessoa, acarneirar o felino. O guarda a abrir-me a porta. A minha primeira hora de visitas. Não sei ainda o que é isto aqui dentro. Ele à minha espera na sala vazia. Sou a única a ter visitas hoje. Esquece-se facilmente quem caiu à lama, pouco a pouco vai sendo coberto, disfarçado, atirado para o fundo do que nos envergonha. Somos incompletamente livres. Os olhos dele a perguntarem-me o que podem fazer por mim. Veio para continuar comigo. O dia não escurece, ou escurece maior, quando continua comigo. Somos de uma espessura impenetrável, nada nos infesta. Dá-me a mão, pede a minha. Os dedos apertam-se, comprimem-se, um arrepio feliz de cima a baixo. Temos uma loucura intencional, quando nos vimos nunca mais nos devolvemos, estamos miscigenados como café na água. Saberá ele que só tem asas para me dar?

Eu: não entendeste.

Ele: entendi. E fica descansada: o teu menino está bem. A tua mãe está a cuidar bem dele. Eu também.

Eu: não entendes. Quero que sejas tu o pai dele.

Ele: na prática já sou.

Eu: não. Quero que sejas mesmo. Quero que a lei retrate a realidade.

Ele:

Eu: quero que fiques com a guarda dele.

Ele:

Eu: vá, não sejas lamechas. Pára de chorar. Assim eu choro também e todos sabemos que um recluso que é visto a chorar torna-se num alvo fácil. É isso que queres?

Ele:

Eu: tratas de todo o processo? Vês o que é necessário para pôr isso a andar?

Ele: sim. Mas não deve ser fácil.

Eu: não vejo porquê. A minha mãe tem a incapacidade que tem, o meu pai está preso, o pai dele está não se sabe onde há anos.

Ele: achas que a tua mãe aceitará?

Eu: sim. Eu falo com ela. Ela sabe que é melhor para a criança estar contigo, na tua casa.

Ele: obrigado.

Eu:

Ele: eu amo-o, sabes?

Eu: sei.

Ele: prometo nunca lhe largar a mão.

Eu: e pronto: já está a chorar outra vez. A meia-idade está a dar cabo de ti. Derreteu-te todo.

Ele:

Eu: vai. Diz-lhe que o amo. Diz-lhe que o amo. E diz à minha mãe que gostava que ela viesse cá amanhã, pode ser?

O que seria disto tudo sem os alienados? Ir contra o impossível exige amor, desencantar uma maneira qualquer de subir o abismo. Quando às vezes parece o fim deve-se olhar outra vez até ficar claro que é apenas um rumor, um boato ilegítimo. O abraço de despedida dele, o regresso ao corredor escuro. Os grandes combates não se ganham no meio da arena, só no meio do beijo.

Há quem queira ser doente só para ser especial. Debaixo da pele está um coração ou uma pedra desprevenida. O dele não o ouço mas sei que está aqui. O dia sem o ar da rua é uma gaivota a leste do mar, um quadro branco. Procuro o sono para passear por dentro, para que fique intacta a arquitectura do que sou. Escrevo horas à procura do meu vício, da minha nuvem. Não saio da cela para não saber onde estou. Morro e ressuscito todos os dias para mim. Quem é que ainda acredita que somos mais do que servos? Inventei um amor eterno para me devorar. Ainda não falei com ninguém. Olham-me de soslaio, como se fosse a criminosa que nunca fui. Todos na cadeia são inocentes até suicídio em contrário. Tenho vergonha do que não fiz. Serei inocente por querer ainda amar? Quando não tiver mais vida tudo estará por fazer e tudo estará feito. Sei que antes do mim de cada dia não era eu. Só preciso de saber que terei existido, que ele existiu comigo. Nunca o amei, nunca deixei de o amar. Olhá-lo ou me cega ou me faz ver diferente, ainda não decidi. Quando há um intervalo da vida preencho-o com ele. O pior de um pássaro é ter de pousar. A hipocrisia é um super-poder?

Eu: não quero criar problemas.

Ele: não crias problemas nenhuns. Estou aqui porque quero. Porque preciso.

Eu:

Ele: não penses que é porque tu precisas, minha menina.

Eu: alguma vez eu pensaria isso. Sei bem que a psicopatia não permite isso.

Ele: deixa de te armares em psicóloga. Mal sabes de ti e já queres tratar de saber dos outros.

Eu: está mesmo tudo bem entre vocês?

Ele: porque haveria de não estar?

Eu: não sei. Estás aqui todos os dias. Perdes muitas horas para chegar aqui. E depois fazes mais esses quilómetros todos para voltar.

Ele:

Eu: estou a roubar-te ao teu marido.

Ele: ninguém pode ser roubado do que não tem.

Eu:

Ele: estar aqui todos os dias representa o que quero que represente cada dia. Quero que cada dia represente a possibilidade de estar contigo. Deixas-me ter essa liberdade?

Eu: por quem sois? Claro que sim.

Ele: agradeço-lhe bastante, minha senhora.

Eu: deixemo-nos de conversas fúteis. Vamos falar do que interessa.

Ele: estava a ver que não.

Eu: o que trazes para mim hoje? Qual é o menu?

Ele: antes de conheceres a ementa de hoje, tens de me transmitir a avaliação do prato que te cozinhei ontem.

Eu: um pareceu-me escrito por uma criança, outro por um adolescente.

Ele: não gostaste de nenhum.

Eu: apaixonei-me pelos dois. Levaram-me para onde não estou, para quem não sou.

Ele:

Eu: é isso o que mais preciso aqui dentro.

Ele: o que te apetecia trincar hoje, então?

Eu: não interessa. Interessa o que vais dar-me a trincar. Deixei de desejar o que não sei se posso ter. Agora só desejo o que tenho.

Ele: gosto da abordagem. Mas enquanto não me disseres o que querias que trouxesse, não te direi o que trouxe.

Eu: gostava que não fosse mais um monte de lixo como grande parte daquilo que lêes. Nem sei como escreves o que escreves quando o que andas a ler é tão mau.

Ele:

Eu: Deus me livre. Antes reclusa do que ter de ler o que tu lêes.

Queria que ele gostasse de Rimbaud como eu, ou admirasse o traço científico de Picasso, a tresloucada cidade caótica de um anúncio televisivo banal, a bravura desvalorizada da cigarra e o seu trabalho incrível para não trabalhar. Queria que ele fosse o que eu queria que ele fosse, e ele não é, e por isso é. Preciso dele com toda a minha lucidez. Pode um poema substituir um amante?

Ele: tenho de te dizer uma coisa.

Eu: uma coisa?

Ele: sim. Tenho de te dizer.

Eu: ainda hesitaste?

Ele: sim. Não sei se será bom para ti saberes o que vou dar-te a saber.

Eu: o que foi?

Ele:

Eu: é o meu menino? É, não é?

Ele:

Eu: o que se passa com o meu menino? Está doente? O que se passa com ele?

Ele: não está doente. Fica tranquila.

Eu: como posso ficar tranquila quando algo se passa com o meu filho e eu não posso fazer nada?

Ele: não é nada com a saúde dele. Ele está bem.

Eu: então o que é? O que é?

Ele: o teu pai.

Eu: o meu pai?

Ele: saiu da cadeia. Está livre.

Eu:

Ele: quer a guarda dele. Está decidido a conseguir a guarda dele.

Eu: achas que pode conseguir?

Ele: não sei. A lei não costuma ser justa. Basta ver-te aqui para ter medo.

Podemos calar o pecado com que nascemos? Se pudesse saía daqui e talvez matasse o meu pai. Não exagero, não confundo as palavras, não dou sequer uma imagem ampliada. Matá-lo. Com uma faca, com um molho de comprimidos, com

uma queda de uma ponte, com uma bala enfiada na cabeça. Quando ameaçam o meu menino tiram-me a humanidade em geral. Torno-me mãe. Os predadores mais letais do planeta são dois: o leão; e a mãe a defender o seu filho. Há mortes úteis?

As tragédias são histórias de encantar escritas pelo diabo. Valerá a felicidade de quem monta o cavalo a infelicidade do cavalo montado? A minha mãe veio. É a segunda vez. Na primeira estava tudo bem, conversámos sobre o que pudemos. Aceitou a minha decisão, entregou o neto a quem lhe pedi. Hoje chegou desintegrada, traz uma escoriação na maneira como me olha. Não sei o que é, sei que vai doer. Tenho a certeza de que vou desculpá-la do que vai pedir-me para desculpar. Vivemos em fusos emocionais diferentes, a diferença das nossas naturezas é um enigma. Dá-me um abraço tremido, olha-me como se me receasse os olhos, nem um segundo aguenta. Posso fundar o verbo temar? Estamos tantas vezes entre o temor e o amor, hesitantes. É pelo lado para que cai que se define uma pessoa. Ajeita o casaco, tira os óculos de sol, esfrega os olhos. Como se adia a palavra maldita? Teme o meu juízo, a minha avaliação. Somos todos magistrados de um sistema corrupto, fantoches do que não conseguimos deixar de sentir. Agimos em nome da sobrevivência, não da igualdade. Quando a minha mãe começar a falar vai modificar o que somos neste instante. As palavras mudam as pessoas? Estou a aproveitar estes últimos segundos antes de tudo se transformar para sempre. Começaram as palavras dela, vagarosas, medidas. Há barbaridade e felicidade maior do que a cada segundo tudo mudar para sempre?

Eu: não imaginava que fosse isso.

A minha mãe:

Eu: mas já sentia que fosse isso.

A minha mãe: e não dizes nada?

Eu: lamento.

A minha mãe:

Eu: lamento por ti. Lamento pelo que isso vai representar para ti. Lamento pelo que isso vai doer-te.

A minha mãe: mas eu amo-o.

Eu: o amor não pode ser isso.

A minha mãe:

Eu: tu sabes que o amor não pode ser isso.

A minha mãe: e no entanto sinto-o. Quero-o. Preciso-o.

Eu: és fraca. O amor é uma fraqueza.

A minha mãe: serei, então.

Eu: és.

A minha mãe: sei que te custa a acreditar, mas ele está diferente.

Eu: está sempre.

A minha mãe: é difícil de acreditar.

Eu: não. O mais fácil é acreditar. Se acreditares torna-se tudo claro. Juntam-se os sentidos desregrados à lógica.

A minha mãe: deixas-me tentar outra vez?

Eu:

A minha mãe: deixas-nos tentar outra vez?

Eu: deixo tudo. Mas tenho pena de ti.

A minha mãe: não tenhas. Estou bem.

Eu: estás mais presa do que eu. Quem te dera estares aqui.

A minha mãe: é isso o que sentes?

Eu: é isso o que vejo. És outra vez ele.

A minha mãe: amo-o, já te disse.

Eu: o amor é uma fraqueza, já te disse. Pelo menos esse amor. O que chega para tirar. O que quando vem é para nos fazer ir de nós.

A minha mãe: também te amo.

Eu: eu sei. Mas não me peças para não ver.

A minha mãe:

Eu: amo-te, mãe.

Temos de estender a mão ao que nos deita fogo? Levanto-me, abraço-a, aperto-lhe a humilhação. A minha mãe acabada a começar de novo a amar o meu pai. É perpendicularmente que a vida acontece. É sobre o arame que decidimos quem somos. Largo-a, olho-a com rigidez. Eu decido agora que não me interessa mais a minha mãe enquanto não souber do meu filho. O que fazemos quando temos de escolher a morte que menos nos mata? Entre mim e a minha mãe há um grito por dar. Chegou a hora do final do verso.

Eu: vais estar do lado dele?

A minha mãe:

Eu: vais ajudá-lo?

A minha mãe:

Eu: responde, responde.

A minha mãe:

Eu: vais ajudá-lo a tirar-me o meu filho? Vais ajudá-lo a fazer do meu filho uma criança infeliz, nas mãos de um animal que nunca se sabe quando se solta, quando fica feroz, quando pode até matar?

A minha mãe: minha filha.

Eu: não me chames filha se não me defendes de quem me magoa. Não me chames filha se tu própria me magoas. Não me chames filha se não sabes ser mãe.

A minha mãe:

Eu:

A minha mãe: só queremos o bem dele.

Eu: se o tirares de onde está mato-te. Juro que te mato.

A minha mãe:

Eu: até já estou habituada à prisão e tudo.

A minha mãe: não digas essas coisas. Nem pareces tu.

Eu: fixa bem isto: se tirares o meu filho de onde está, e de onde eu quero que ele esteja porque é lá que é feliz e tem todo o amor de que precisa, eu mato-te. Mato-te.

O polícia: calma, calma. Sente-se.

Eu: eu vou embora. Não precisa de se preocupar que eu não vou bater-lhe.

A minha mãe:

Eu: mato-te.

O reverso do amor é a morte. O guarda a agarrar-me com força, a carregar-me de volta à cela. O reverso da ternura é a crueldade, uma febre desequilibrada, que dá para os dois lados. Amamos mais o que sofre mais?

Não me custa levar comigo os enganos, não gosto de deixar sem dono os meus sapatos. Não aguento a ansiedade. Ele vem aí, ele vem todos os dias aí mas hoje é diferente. Hoje vem dizer-me o que diz o juiz, o que diz o advogado, o que dizem as pessoas que vão salvar o meu filho, que têm de salvar o meu filho. Tem de ser rápido, já quase gastámos a hora semanal que temos para gerir. Onde começa a esperança? O guarda a dizer-me que sim, que tenho uma visita. Já falta pouco para acabar com estas borboletas mortas no peito. Daqui a um minuto estou com ele, pronta para ouvir que o meu filho está a salvo, que estará fechado à chave longe do meu pai. As pessoas más apodrecem em silêncio? O guarda chegou, enfim. É uma pessoa, já quase me sorri. Diz-me que é um homem que me espera. Agradeço-lhe, toco-lhe ao de leve no braço, imperceptível, para que as câmaras não vejam que existe afecto por aqui. É a falta de imaginação que distorce os factos. Pode haver mais amor no cárcere do que numa casa de capa de revista? Estou a chegar à sala de visitas. Outra vez vazia. Há mais visitas num canil do que numa prisão. Abro a porta, espero que ele me veja ao longe, quero que se vire para mim para imediatamente saber que está tudo bem. Estremeço. É o meu pai, velho e doente. Podia ir embora, recusar ouvi-lo. Fugir do incêndio não o extingue. Vou tratar do tumor. Vou ser mais uma vez uma cidadã exemplar, pensar no bem público. Cometer um assassinio na prisão poupa dinheiro ao Estado, não poupa?

O meu pai: ouve-me.

Eu:

O meu pai: peço-te que me ouças. Antes de mais nada. Consegues?

Eu:

O meu pai: não quero que penses que estou aqui para te provocar ou para te fazer ficares magoada e irritada como sei que ficaste com a tua mãe.

Eu:

O meu pai: estou aqui para te explicar o que está a acontecer, o que sentimos, o que nos faz estarmos a fazer o que estamos a fazer.

Eu:

O meu pai: estás linda. Continuas linda.

Eu: tu estás velho.

O meu pai:

Eu: não passas de um velho miserável.

O meu pai:

Eu: só a parte do velho é uma novidade.

O meu pai: entendo-te. Não te levo a mal.

Eu:

O meu pai: diz. Diz tudo o que tens para dizer. Quero que fiques bem. Se tiveres de me magoar para ficares melhor, magoa. Eu aguento. Ser pai é aguentar o que for preciso para salvar os nossos filhos do que pode magoá-los.

Eu: tens coragem para dizer essas coisas? Onde vais buscar a coragem para dizeres essas coisas?

O meu pai: não é coragem, é amor.

Eu: quanto mais calmo estiveres mais vais tirar-me do sério. Sabes disso, não sabes?

O meu pai: desculpa. Só quero que fiques bem.

Eu:

O meu pai: posso falar agora?

Eu: o meu filho. Só quero saber disso. Esquece o resto. Não quero saber de ti ou da minha mãe. Não quero saber do que sentem. Quero saber do meu filho. Se vens aqui para me dizer que vais desistir de fazer o meu filho infeliz, fala. Se não for isso que tens para me dizer, vai embora. Não digas nada. Vai embora.

O meu pai: posso falar agora?

Eu: é sobre o meu filho?

O meu pai: sim.

Eu: é para ajudar o meu filho?

O meu pai: sim. Para ajudar a todos nós.

Eu: estou-me nas tintas para todos nós.

Como se assiste ao desmoronamento do riso? O meu pai a começar a explicar-me o que não sei se entenderei. A verdade está no erro. Temos às vezes de criar uma necessidade para dar de comer a um quadrúpede inominável que mora em nós. Se me disser que não está do lado do meu filho vou ganhar mais uns meses de prisão por mau comportamento. O que é ser bom?

O meu pai: vamos fazer o que queres.

Eu:

O meu pai: vamos deixá-lo com ele.

Eu:

O meu pai: quando saí queria compensar todo o mal que fiz e pensei que seria essa a melhor maneira: cuidar do meu neto, dar-lhe o melhor de mim, mostrar-lhe que o avô é boa pessoa.

Eu:

O meu pai: só queria que o meu neto me amasse. É assim tão mau?

Eu:

O meu pai: sou assim tão mau por querer isso?

Eu: tomaste a decisão certa. Agora tomaste a decisão certa.

O meu pai: tenho a certeza disso. Basta-me olhar para ti agora, ver o teu alívio, a tua felicidade, mesmo que tentes disfarçá-la.

Eu: agora vai.

O meu pai: sim. Adoro-te, minha menina. Nunca te esqueças. Adoro-te.

Não há verdades morais. O meu pai a chorar como uma criança. Eu a chorar com ele como uma criança. Fazemos da moral um castelo de areia. Sabemos que basta uma onda mais forte para termos de o construir outra vez. Veio aqui para dizer que abdica de tentar dar cabo do meu filho. Pode o amor dar-nos a capacidade de largarmos quem amamos para não darmos cabo dele? A verdade é que não temos acesso directo às nossas ideias, chegam-nos por um canal viciado, ao qual

muitos chamam filtro e outros esgoto. O meu pai cumpriu a minha ordem, salvou-se e salvou-me da escuridão. Somos pai e filha por momentos. Quem disse que obedecer é deixar de ser livre?

Confio mais nos meus instintos ou na minha consciência? Um filho é a única razão para ser algoz de alguém. Sou o que ninguém vê. O que só ele vê. Para amar uma flor temos de amar os espinhos. Hoje ele vem mesmo. Vai saber que tudo está resolvido, que o meu filho vai continuar a ser o filho dele. Quando deixam algumas portas de ressoar em mim? Preparo-me com a minha melhor roupa para o receber. Para ele encontrarei sempre o melhor que tenho. Sempre o senti assim, como se me sentisse. É mais claro o raciocínio ou a intuição? Estou pronta para ele. O guarda, o seu sorriso velado. Diz-me que desta vez é quem eu quero. Unimo-nos tanto no meio da lama, damos as mãos para trepar o lodo. Daqui a poucos metros estou na sala, ele também. Estou preparada para continuar a ser dependente dele. Quem disse que só é livre quem é independente? Só quem é livre é fiel. Cheguei. É mesmo ele. Está ao fundo do recinto, olha pela janela que dá para ver o desastre de uma parede suja, esburacada. Em nós nunca o mundo será inóspito. Aproximo-me, sento-me. Os olhos dele não olham os meus, o rosto virado para o chão, para o tampo da mesa. Já sei que não está bem, que alguma coisa nele não está bem. Somos confusão mesmo quando somos clareza? Olha-me finalmente, dois ou três inchaços junto aos olhos. Espera que as primeiras palavras sejam minhas. Deixou outra vez o corpo ser a vítima de um qualquer cão ciumento. Será ser bom uma questão de sorte?

Ele: tem calma.

Eu: eu mato-o.

Ele: quem?

Eu: o teu marido.

Ele: estás enganada no alvo.

Eu: não foi ele?

Ele: se não fosse ele eu não estaria aqui.

Eu:

Ele: se não fosse ele não estaria vivo.

Eu:

Ele:

Eu: o meu pai.

Ele: sim.

Eu:

Ele: estava louco. Falou-me em ter perdido o neto. Disse que a culpa era minha.

Eu: desculpa.

Ele:

Eu: não merecias. Nunca pensei que ele fosse atrás de ti. Gosta tanto de ti.

Ele: gosta. Continua a gostar.

Eu: mas é ele.

Ele:

Eu: apresentaste queixa? Está preso outra vez?

Ele: não. Não podia. O meu marido defendeu-me e partiu-o todo. Ficou uma desgraça. Se eu apresentar queixa ele também vai apresentar contra ele. Não quero. Não posso.

Eu: está livre, então.

Ele: com a tua mãe.

O que é uma pessoa? A ciência mais rara é a que consegue cuidar dos cacos. Dizem que o livre é o que voa sem rumo quando o livre é o que tem um rumo para voar. Não é fácil ser livre mas não deixa de ser simples. Se foram os adultos que inventaram os brinquedos das crianças porque se esqueceram de brincar? O esquecimento tem de ser lento, ir apagando milímetro a milímetro da fita. O meu pai é um doente perigoso. Não sabe o que faz, não sabe para onde atira. Dispara para todo o lado à espera do ricochete que o salve de si. Porque me custa tanto deixar de acreditar? Deveria deixar-me ir. Deixá-lo ir. Apagar o que é, lembrar-me do que faz. Baixar os braços exige calmantes, contas de somar, de subtrair. Pode a resignação criar alguma coisa?

Ele: o teu filho está bem. Isso é o mais importante.

Eu: o nosso filho.

Ele: está tão grande. Olha.

Eu: quero que mo tragas aqui. Já pedi autorização. Acho que chegou o momento.

Ele: tens a certeza?

Eu: sim. Quero vê-lo. Preciso de vê-lo.

Ele: quando tiveres autorização vem comigo.

Eu: falas-lhe de mim?

Ele: sim. Todos os dias.

Eu: daqui a pouco estamos todos juntos.

Ele: estamos.

Eu: o teu marido gosta dele?

Ele: gosta. Tenta fingir que não. Mas adora-o.

Eu: diz-lhe que lhe agradeço. Quem adora o meu filho é adorado por mim.

Ele: vou dizer-lhe. Ele parece um bruto às vezes mas é um coração mole. Derrete-se todo.

Eu: tenho tantas saudades do meu bebé.

Ele: já foi bebé. Agora é uma criança linda. Mas entendo o que estás a dizer.

Eu: vou apertá-lo tanto.

Ele: e ele a ti. Não tenho dúvidas de que ainda se lembra de ti. Mãe é mãe.

Um filho mora junto aos pulmões, sobre um telhado inclinado. Pretendo o riso consequente do meu menino, aproveitar o que depois não se repete mais. Porque é que os braços de hoje nunca mais são os mesmos de ontem? O meu amigo a ir embora, feliz com o que conseguimos fazer com o que tentou fracturar-nos. Com ele o meu filho vai querer saber mais, ir à procura do mundo. Está no lugar certo para olhar melhor. O que querem os pais que disciplinam a curiosidade? Pode do tédio chegar a ideia. Aceno o último aceno, a porta bate. Vou solta até à cela.

Tenho o meu filho dentro de todas as coisas de toda a minha vida. Vou dizer-lhe que às vezes é a maneira como olhamos para a realidade que muda a realidade, mostrar-lhe que da verdade se pode fazer uma alegria, que o pudor é um invenção dos tristes. Quero que aprecie todas as vantagens do sobressalto. Quando sair daqui o meu menino vai ter dois pares de asas para o fazerem levantar. Posso tentar ensinar-lhe a felicidade?

Pode haver medo sem amor? O que me espanta o frio é saber que hoje verei os olhos do meu filho. Sonhei que ele já falava, que me dizia que lhe custava a distância. Sonhei que depois me abraçava, me contava como têm sido os dias, agradeceria o que ele tem feito. O relógio vai vagaroso, ainda mal o dia amanheceu. Lembro-me dele com o meu menino ao colo, as horas ficam inexistentes, fico subitamente dona de um reino. Será o que depende de nós o que nos destrói mais? O pequeno-almoço numa gamela a que chamam prato. Não quis privilégios. Estou aqui por castigo, quero ser castigada, saber o que sente quem é culpado. Enquanto puder fechar os olhos para sonhar estou a salvo. Não temo a falta do que não me tira de mim. Porque assusta tanto perder aquilo a que nos habituámos? Gasta-se muito tempo a desejar a felicidade, pode ser por isso que poucos são felizes. Contrata-se especialistas em inculcar optimismo, em fazer olhar para o lado com luz da vida. Será mesmo uma decisão acertada ver só o lado bom das coisas? O sol aos quadrados, metade da cela escura, palavras escritas à mão pela parede. Estar aqui é assinar um pacto com a tolerância, ansiar pelo dia comum, pelo apertar simples das mãos, pelas folhas caídas pelo Outono. Se ficasse dois anos em coma estaria a cumprir a pena? Não vou lá fora, ainda não consigo ir lá fora. Fico aqui a escrever, a ler, a tentar pensar que posso fazer o que sempre me amparou. Tenho livros, tenho quem me ame. Já faltou mais para abraçar o meu filho, para saber como se encaixa no meu colo ao fim destes meses. Pode alguém que ama e é amado ser considerado um falhado?

Ele: não o trouxe.

Eu: porquê? O que aconteceu?

Ele:

Eu: que cara é essa? O que aconteceu com o meu filho?

Ele: aconteceu comigo. Connosco.

Eu: o teu marido.

Ele: ex-marido.

Eu: lamento. Como lamento.

Ele: eu também.

Eu: o que desencadeou isso?

Ele: nada.

Eu: cansou-se.

Ele: cansou-se.

Eu: não chores.

Ele:

Eu: chora. Desculpa ter-te pedido para não chorares. Chora.

Ele: não sei se algum dia gostou de mim.

Eu: gostou. Gostou muito. Ainda deve gostar.

Ele: quando realmente amamos uma pessoa é possível deixar de a amar?

Eu: escolhemos o que amamos?

Ele: estou oco. Vazio.

Eu: o amor é egoísta. Narcisista.

Ele: pensei que era ele. Pensei que era ele o homem da minha vida.

Eu: achas que não volta mesmo?

Ele: não volta. Se voltasse seria por pena. Pedi-lhe de joelhos para ficar.

Eu: vais levantar-te. Ajoelhar por amor é ficar de cabeça erguida. Não é vergonha nenhuma.

Ele: não deveria humilhar-me assim. Não deveria pedinchar assim.

Eu: não pedinchaste. Lutaste pelo que amas. Pelo que querias continuar a ter na tua vida. Não vás em frases feitas. Nunca foste.

Ele: dão tanto jeito agora.

Eu:

Ele: gostava de perceber os meus erros. Gostava de ver onde errei.

Eu: o teu maior erro sou eu.

Ele: és. O maior.

Eu:

Ele: e o mais bonito. Quero errar contigo para sempre.

Será legítimo termos um território? O meu é ele. Não me trouxe o meu filho, veio desamparado pedir-me que lhe segure o sonho pelos colarinhos, que não o deixe cair no chão. Sofro por ele, com ele. Minto como posso. No fundo estou feliz. É cruel mas estou feliz. Tenho-o para mim por completo, por mais que nunca o tenha completamente. Tenho de admitir que por ele tenho uma maldade que não domino. Queremos mesmo saber quem somos?

Ele: sentir culpa tem alguma utilidade?

Eu: não penses mais nisso.

Ele:

Eu: fala-me do meu filho. Vais continuar a tratá-lo como um rei, não vais?

Ele: sempre. Merece tudo.

Eu: quando é que o trazes?

Ele: desculpa não o ter trazido hoje.

Eu:

Ele: desculpa mas não conseguia. Não queria que ele viesse aqui para me ver chorar.

Eu: estás desculpado. Mas só se o trouxeres amanhã.

Ele: amanhã, sim.

Eu: esquece a culpa. Concentra-te nele.

Ele: não sei se vou conseguir. Não já. Não agora.

Eu: já passou tanto por ti. Já passou tanto por nós.

Ele: custa muito.

Eu: mas passa.

A felicidade tem uma parte de imoralidade. A infelicidade também. Um mundo sem sofrimento poderia ser uma desgraça maior do que a que temos. É pelo lado do outro que vemos o nosso, que entendemos em que posição estamos. Não posso negar que gostei do dia de hoje. Sou a pessoa mais importante da vida dele outra

vez. Deito-me descansada, mesmo que saiba que ele não vai dormir, que vai sentir a falta de quem pensou ser para sempre e que apenas o fez despenhar-se de novo. Vou fechar os olhos, avançar para o final do escuro. Cada vez me convenço mais de que estou prestes a sobreviver à morte.

Continuamos a ser provincianos a percorrer boquiabertos as ruas da cidade. Somos os autores deste lugar. Ele de livro na mão a falar-me de génios. Ficamos perdidos a dois, e assim nos encontramos. O meu filho no meu colo, tranquilo, como se soubesse que é aqui que pertence. Depois veio o amor novo, e assim nos encontramos. Estamos fechados numa sala vazia ao lado de celas apinhadas de pessoas infelizes. Se Deus é bom porque inventou o Inferno? A vingança não pode ser divina, ser mais pessoa é magoar menos, impregnar a ternura, não a violência. O degredo pode ser não ter onde dormir, mas é também não ter o que amar. Ele a fazer festas na cabeça do meu filho, o meu filho a sorrir-lhe. Não precisam da profundidade do sangue, só de tempo, de uma dedicação real, sem incertezas. O que nos distingue dos animais? Pode ser por exemplo a forma como nos juntamos os três, não sei quem está no colo de quem, quem está nos braços de quem. Pode ser por exemplo o meu filho a virar as páginas do livro que todos estamos a ler, a ouvir com atenção o que dizemos, os olhos esticados, pregados. Sou a reclusa menos presa da história do sistema prisional. O meu incêndio não se apaga com água, apenas com mais chamas. Quantas vezes tive de ser eu a inventar o lume para me queimar devidamente? As mãos pequenas do meu filho em cima das minhas, agarra-se a um dedo, faz força, olha-me, diz o mãe que ainda não sabe dizer bem. Ele a embrulhar-nos com um abraço. Os homens são todos iguais, as pessoas é que não. Já não tem o marido. Está magoado. Está aqui. Ainda bem que está aqui. Podemos ser bons e maus ao mesmo tempo?

Eu: se não tivessem inventado a Matemática, dois mais dois continuaria a ser quatro?

Ele: se fosse um extraterrestre poderia ter outra lógica.

Eu: outra matemática.

Ele: creio que o que o autor quer dizer é que tudo é uma construção.

Eu: tudo é artificial, claro.

Ele: e só assim nos muda a realidade. O que seria de nós sem matemática?

Eu: provavelmente seríamos melhores. Não teríamos medida.

Ele: talvez nos perdêssemos. Talvez ficássemos à deriva.

Eu: talvez ficássemos mais livres.

Ele:

Eu: não teríamos o que quantificar, poderia ser que assim nos dedicássemos a qualificar.

Ele: será que dar valor é não transformar em número?

Eu: será que assim que se transforma em matemática perde humanidade?

Ele:

Eu: o número serve para nos libertar do peso do nome. Matar o prisioneiro número 312 é mais fácil do que matar o nome que esse prisioneiro tem.

Ele: o nome humaniza, traz uma história.

Eu:

Ele: os números matam melhor.

Eu: os números fornecem à consciência um álibi mais sólido, que mente melhor.

Ele: no fundo um dia vamos descobrir que tudo o que os humanos inventaram foi para isso: para dar à consciência uma fuga que os outros humanos aceitem. Os números são só um exemplo disso.

Eu: toda a Matemática é fraqueza. Todos os números servem para esconder. Se forem bem torturados dizem-nos exactamente o que queremos ouvir deles.

Ele:

Eu: por falar em números, temos um a cair-nos sobre a cabeça agora mesmo.

Ele:

Eu: cinco.

Ele: já só temos cinco minutos, não é?

Eu: é.

Ele: cabra da Matemática.

Eu: não digas essas palavras. Olha o menino.

Ele: tem de aprender que há palavras que são o contrário da Matemática. Palavras que pesam o suficiente para nos livrar de algum peso quando as dizemos.

Eu: e se quem as inventou foi um matemático que se virou contra si mesmo, contra o seu ofício?

Ele: quando chegar a casa vou escrever sobre isso. Parece-me um bom começo de história.

Eu: eu também. Depois vemos qual ficou melhor.

Temos de saber definir para conhecer? O que amamos não vem de um sítio onde a Filosofia foi inventada. Ele a tirar-me delicadamente o meu filho do colo, a colocá-lo no espaço perfeito do seu ombro paterno. O amor carece de um não-pensamento, ou de um pensamento alternativo, baseado em argumentos tão imbatíveis como quero, preciso, exijo, faço um escândalo se não puder tê-lo. O que nos salva a vida tem de ser o que nos atropela, o que nos tira todos os órgãos do sítio e os coloca no seu devido lugar. O meu menino já adormecido no colo dele, relaxado, leve. Porque há-de tudo ter uma razão de ser? Queremos a todo o custo viver entre as flores quando o que mais recordamos da infância são as tardes em que as silvas nos cortaram as mãos. Darei a minha vida inteira a quem me faz saber que estou viva.

Ele: já só falta uma semana.

Eu: sete dias.

Ele: outra vez a Matemática.

Eu: afinal pode ser um instrumento de esperança. Os números são quem os lê.

Ele: como os livros.

Eu: não é por acaso que as páginas têm números. Temos de quantificar o que consumimos.

Ele: uma semana e não precisarei de voltar mais aqui.

Eu: uma semana e não precisarei de estar mais aqui.

Ele: mas amanhã estou aqui.

Eu: eu também. Olha que boa coincidência.

Ele: adoro-a, senhora ex-primeira-ministra.

Eu: não esperava outra coisa, prezado eleitor.

Qual a percentagem de verdade que há no belo? Há tragédias que vistas de longe são peças de arte. O que nos parte a todos é o detalhe, a minúcia, a lâmina fina. Falta-me uma semana de prisão, a última semana em que tenho a certeza de que o terei para mim todos os dias. Vou aproveitá-la bem. Pode a felicidade ser um ponto de vista?

A consciência liberta-nos, torna-nos imunes ao que não nos toca. Hoje vou sair daqui em liberdade tal como há dois anos entrei aqui em liberdade. Perdi o mundo que anda lá fora, perdi a profissão, o respeito de quem não me conhece. Não sei o que vou fazer, o que vou tentar, como poderei regressar ao meio do que me deu um pontapé nas costas. Dois anos depois ainda sinto o nariz esborrachado contra o chão. Quanto custa a liberdade? A verdade é que todo o criminoso antes de o ser pode não ter tido a liberdade de não o ser. Até que ponto prendemos as pessoas erradas? Foi a paixão que me trouxe aqui. Não desistirei dela, ainda assim. Continuarei a procurar o excessivo, o que me tira as algemas das mãos. Se tiver de ser presa que seja enquanto estou livre. A vontade são os sentidos? A porta abre-se, o guarda que me protegeu da maldade da prisão vem comigo. Diz-me ao ouvido o que não consigo perceber bem. Depois diz-me o que percebo na perfeição: não voltas aqui. Querer bem pode ser não querer. Abre as algemas com as chaves, diz um podes ir seco. Voltou a ser o brutamontes que lhe pagam para ser. O que é a culpa? Tenho medo de não ter grades à volta. O céu é grande de mais para o pássaro velho que já não sabe voar. De um lado a minha mãe velha na cadeira de rodas, o meu pai velho sem ter onde cair. Do outro ele, o meu filho. Tenho medo de ter outra vez escolha. Tenho medo de ter a minha vida nas mãos. A minha mãe pede-me com lágrimas que vá com ela, ele chama-me sem precisar de uma palavra. Devemos mesmo obedecer sempre aos nossos pais?

Ele: não vais ter com eles?

Eu:

Ele: vieram aqui para te ver, vieram aqui para te sentir.

Eu:

Ele: chora. Também viemos aqui todos para te ver chorar. Para chorarmos contigo.

Eu: Não sei o que vou fazer.

Ele: agora?

Eu: sempre.

Ele: agora vais continuar com o teu filho ao colo e vais ter com os teus pais. Mostra-lhes que os amas. Dá-lhes a certeza de que os amas mesmo que não gostes do que são, do que agora são.

Eu: não sei se consigo mostrar ao meu pai que o amo. Não depois do que te fez, não depois do que nos fez. Do que quis fazer-nos.

Ele: continuas a amá-lo. Mostra-lhe. Não precisas de muito. Dá-lhe só o necessário para saber que ainda o levas contigo.

Eu:

Ele: vá lá. Tu és maior do que eles. Sempre foste.

Eu: não sei se sei quem sou agora.

Ele: não vejo diferença alguma. És a minha amiga.

Eu:

Ele: mais bonita do que antes, muito mais bonita do que quando te conheci.

Como adolescente não eras grande espingarda, com aquele teu mau gosto cinzento todo. Deixa-me que te diga que os anos te fizeram bem.

Eu:

Ele: mas continuas a ser tu.

Eu:

Ele: vai. Eu espero.

Quem nunca me deixou? Não sabemos nada. Não tenho motivos para ir dar este abraço aos meus pais, para chorar no colo velho deles. Não tenho como explicar que deixei que o meu pai me acarinhasse o rosto, que a minha mãe me apertasse como se quisesse tirar-me e tirar-se os demónios de dentro. Anda toda a gente a dizer para andarmos com os olhos bem abertos quando o mais importante de tudo é o que nos faz fechá-los. Dá-se os parabéns ao que nos faz ter os pés no chão, ao realismo concertado. É o que nos prende à Terra o pior do mundo: como podemos aplaudir o que nos impede o voo? Só a estátua não comete erros, e é essa a sua desgraça. As coisas incríveis que vivemos têm mesmo de ser vividas?

O meu pai: filha.

Eu:

A minha mãe: a minha filha.

Eu:

O meu pai: é aqui que pertences. Vais pertencer sempre aqui.

Eu:

A minha mãe: como te sentes?

Eu: ainda não sei.

A minha mãe: estou tão feliz. Estamos tão felizes.

Eu:

O meu pai: já chega de prisões na tua vida. Primeiro fomos nós que te prendemos, agora foi o sistema.

Eu:

A minha mãe: já chega de prisões.

Eu:

O meu pai: tens de ser livre até ao fim. Promete-nos que vais ser livre até ao fim.

Eu: estive presa porque sou livre. Nunca deixei de ser livre.

A minha mãe: nós sabemos, filha. Nós sabemos. Vivemos contigo desde que começaste a sê-lo, desde que não quiseste estar onde te obrigámos a estar.

Eu:

O meu pai: o nosso neto. Obrigado pelo nosso neto.

Eu: lamento que não possam tê-lo.

O meu pai:

A minha mãe:

Eu: só quero que seja feliz.

A minha mãe: não te preocupes connosco. Dá-lhe o que não te demos. Será assim que estarás a dar-nos tudo o que queremos.

O meu pai: agora vai. Não precisas de ficar mais. Já valeu a pena vir aqui.

Eu:

A minha mãe: continua apaixonada. Continua viva.

A minha mãe é um pássaro que correu mal. Experimentou o céu, depois o céu caiu-lhe em cima. Não procurarei mais salvá-la de si mesma. Despeço-me dos dois, não sei até quando, não sei se para sempre. Perguntaram-me a vida toda para onde eu ia. Será que nunca perceberam que só deveriam perguntar porque me prendiam?

É obrigatório viver quando o temporal chega? Desfizem-me o ninho. Não tenho quem queira ajudar-me a regressar à vida dos comuns, ao trabalho, a uma rotina que me faça gente normal. Pisei quem não devia, quis que a justiça estivesse do lado dos justos. A maldade está ligeiramente acima da extinção, como o pão tem de estar ligeiramente acima da mão que pede de comer. Querem provar-me que estou morta. Sou a condenada, a cadastrada, a criminosa, a ladra, a mentirosa, a hipócrita, a devassa, a cabra, a vigarista, a intrujona, a desleal. Sou agora também a desempregada, a desocupada, a inútil, a desnecessária, a indesejada, a tóxica, a incompetente, a perigosa. Estou detida em casa. Querem confinar-me o pensamento? Em breve ficarão a saber que de mim nunca poderão esperar o silêncio, a simples observação do ruído dos outros. É mais perigoso sermos amados ou sermos temidos?

Com ele posso não dizer nada e mesmo assim sou compreendida. Dizem que a intimidade é o poder de falar tudo, quando a intimidade é muito mais o poder de respeitar quem não quer falar. Ele gosta de mim depois de me ver o fundo. É isso o que me faz melhorar. Distorço o que me acontece para poder vê-lo como um desafio, não como uma provação. Estou em casa com o meu filho, vejo-o a percorrer o chão com um carro pequeno, vou com ele, criamos juntos uma cidade, uma verdade. As crianças têm uma democracia própria, um sistema de justiça baseado na pele. Daqui a pouco ele chega, é o homem da casa, o chefe de família, aquele que paga as contas. Tornei-me na que passeia, que cuida do filho, que escolhe as compras, que gere a casa. Não confesso que estou feliz, também não o contradigo. Quando o encontrei voltei a encontrar a criança, o começo de tudo. Quando ele chegar vamos ser a família funcional, o lar exemplar. Amanhã volto à batalha, aos currículos que ninguém lê, às chamadas que ninguém quer atender, ao encontro provável entre desânimo e fé. Sei quem sou. Não aceito o convite para ser o que não sou, para ser igual, para replicar, para seguir a fórmula. Já não sou a mesma mas continuo a ser eu. Nunca estarei só. Tenho comigo quem me cure sem saber que doença tenho. Posso chamar-lhe amor?

Ele: não estás feliz.

Eu: estou.

Ele: não te sinto feliz.

Eu: estou.

Ele: por mim não trabalhas mais, então. Gosto que sejas a minha dona de casa. A minha governanta.

Eu: podes contar com isso. Com isso e com um pontapé na cara.

Ele:

Eu: desculpa, acho que fui longe de mais.

Ele:

Eu: não era um pontapé na cara que ias levar. Era mesmo no rabo. É mais redondinho.

Ele: a tua comicidade enfada-me.

Eu: é natural que não gostes. Só faço piadas inteligentes.

Ele:

Eu:

Ele: queres que pergunte na universidade se podes voltar?

Eu: liguei hoje para lá. Nem querem ouvir o meu nome.

Ele: mal-agraçados.

Eu: é o que é. É o que tem de ser.

Ele: todos têm subsídios para receber.

Eu: todos querem sobreviver. Não os condeno.

Ele:

Eu: mas estou bem.

Ele: não estás.

Eu:

Ele: mas sei que não queres falar nisso.

Eu:

Ele:

Eu: olha como ele come bem.

Ele: está um senhor. Quando abrírmos os olhos já vai estar de capa e batina na universidade.

Se eu for quem não sou cada vitória me derrotará, não poderei festejar o que não me pertence. Pode ser-se feliz dentro de um embuste? Não quero quem me peça para pousar, quero quem voe comigo, quem caia comigo, quem tente comigo. Amar é uma tentativa permanente. Amanhã parto para mais uma batalha. Procurarei tudo, aceitarei o que tiver de aceitar. Amanhã não volto sem ter um emprego, sem saber que sou útil. Sinto a falta do que não voltará a acontecer, não o nego. Já desamarrei a culpa, já me livre do ressentimento. Pode quem joga para empatar algum dia vencer? Farei o que puder para melhorar o mundo. Que loucura têm os que não são doidos pela vida?

O velhote: sim, menina. Está contratada. Pode começar já hoje?

Eu: claro que sim. Até às seis da tarde posso ficar.

O velhote: muito obrigado.

Eu:

O velhote: preciso mesmo que dê um jeito à sala e ao quarto de banho. Pode ser? Acha que consegue até à hora de ir?

Eu: penso que sim. Tem aí todos os produtos de limpeza?

O velhote: a senhora que limpava a casa antes de si deixou, sim. Mas teve de emigrar, coitada, o marido foi para longe e ela não aguentou a saudade. Está lá com ele. Que Deus a ajude.

Eu: fazemos o que for preciso para sermos felizes.

O velhote: é isso mesmo.

Eu:

O velhote: sabe que acho que conheço a menina de qualquer lado? Posso chamar-lhe menina, não posso? Porque para mim é isso o que é: uma menina. Ao

pé deste velho pedaço de sucata é uma criancinha imberbe.

Eu: claro que pode. É um elogio.

O velhote: e de onde será que a conheço?

Eu: pode ter-me visto na televisão.

O velhote: na televisão? Esteve em algum programa, foi?

Eu: não. Mas em tempos apareci muito por lá.

O velhote: foi?

Eu: sim. Ou então em jornais, ou revistas, ou em cartazes pela rua.

O velhote: está a gozar comigo, é bom de ver.

Eu: gostaria de estar. Mas não estou.

O velhote: e porque é que a menina apareceu em todos esses lugares? Matou alguém, foi?

Eu: acusaram-me de matar um país, sim. Mas tudo o que quis foi querer matar a corrupção. A que poderia matar, pelo menos.

O velhote: e como havia de fazer isso, menina?

Eu: pois. Essa é a pergunta que faço agora.

O velhote: e conseguiu responder-lhe?

Eu: ainda não. Pode ser que ao lavar a sua sanita se faça luz.

O que é mais triste: a monotonia ou a própria tristeza? Este velhote deu-me um emprego a limpar-lhe a casa. Gosto de que pareça algo insano. A sanidade é um bocejo demorado. Acabou de saber que sou a primeira-ministra que esteve presa e deu-me um abraço. Estamos os dois a chorar pelo que a vida nos tirou. Parece-me que temos em comum nunca termos deixado escondido o que somos. Acho que iríamos sentir a nossa falta. Quantos pensam ser espectaculares *F16* e não passam de aviões de papel com boa imprensa?

O amor é fogo-de-artifício na cabeça. O pior é que as vezes a cana explode-nos nas mãos. Passei as últimas horas a sentir a autofagia da minha mãe. Passou grande parte da sua vida a entristecer a minha. Bateu à porta a meio da tarde, o rosto pálido, o corpo a ceder, a pele vermelha de tantas lágrimas. O meu pai agrediu-a outra vez, agora não é só a doença, é também o álcool. Caiu no poço mais fundo, não vai sair. Sirvo de cama para ela deitar o medo. Tenho uma velhinha paralítica que é minha mãe a pedir-me que a minha coragem a salve da falta da sua. Só se fala da emoção quando dói muito. Até lá assobia-se para o ar, continua-se a viver o pouco como se fosse o bastante. Posso ser ignorante só de vez em quando? Creio que a sapiência serve para aumentar o que não sabemos. O que não se sabe não existe. Ainda não defini o que posso fazer, o que vou fazer. No imediato fica aqui, refugiada no meu quarto, à espera de que o terror dê lugar ao admissível. Deito-a, aconchego-lhe os cobertores, dou-lhe um calmante, peço-lhe ao ouvido que tente descansar, que procure a calma possível no interior do nervo. Garanto-lhe que não precisará de o ver mais, que me dedicarei a tirá-lo de vez da frente dela. O problema é que só o amor nos faz recuperar do amor. Terá de saber onde está o seu, onde pode encontrar quem é no meio do que o meu pai lhe tirou. Olha-me com os olhos quase a fecharem-se, implora no silêncio que fique com ela. Fico. Preciso de saber que faço tudo o que posso, que nenhuma necessidade poderá fazê-la fraquejar. Será a liberdade das pessoas apenas uma metáfora?

A minha mãe: não tens de fazer isto por mim.

Eu: não tenho. Quero.

A minha mãe: não vim aqui para fazeres isto por mim, mas não estou a consegui-lo eu mesma.

Eu: eu sei.

A minha mãe: sabes que já tentei muitas vezes. Sabes que consegui até durante algum tempo, que estive apaixonada por outro homem. Mas depois aconteceu o que aconteceu. Depois fiquei a caminhar no meio do deserto.

Eu:

A minha mãe: por culpa minha. Não tiveste culpa nenhuma. Tiveste a tua vida, os teus objectivos. Não te culpo de nada.

Eu: no meio da infelicidade não há culpados, só inocentes.

A minha mãe: nunca serei capaz de te compensar por tudo o que te faço sofrer. Já passaste por tanto por minha causa.

Eu: uma filha ama a mãe. Haja o que houver. Uma filha ama a mãe.

A minha mãe: e uma mãe ama a filha. Mas tem a obrigação de a proteger e não de a expor.

Eu: não fales mais nisso. Descansa.

A minha mãe: não consigo. Enquanto o comprimido não fizer efeito não consigo.

Eu: vais ver que vais conseguir.

A minha mãe: ficas comigo até adormecer?

Eu: fico.

A minha mãe: dá-me a tua mão. Basta senti-la para acreditar.

Eu: podes acreditar.

A minha mãe: nunca mais.

Eu: nunca mais. Deixa que eu trato dele. Deixa que nós tratamos dele.

A minha mãe:

Eu: isso. Fecha os olhos. Dorme. Dorme tranquila.

Tenho mesmo de reabrir a chaga? Vou ter de convocar o eco que não queria ouvir, trazer o peso quente da cicatriz que há muito não deixava à vista. Ele a chegar. O meu amigo. Vem com urgência, quer perceber o que pode fazer, o que tem de fazer. Dá-me a mão, aperta-se contra o meu peito, pede-me que lhe diga tudo. Olho-o de cada vez como se fosse a primeira. Treme comigo, chora comigo, é comigo. Temos metade de louco e metade de Deus. Ouve-me com ansiedade mas com paciência. Abana com frequência a cabeça, esmaga a minha mão no meio da dele. Quer fazer a diferença, acabar com o que nunca deveríamos ter deixado continuar. Aninho-me nele para me tolerar a mim própria. Já tem tudo na cabeça. O advogado amigo especialista em casos destes, o processo que vai avançar com carácter de urgência. Garante-me que em pouco tempo a lei estará do lado da justiça. Não acredito na lei. Ele sabe. Conforta-me, assegura-me que sim, que agora sim. Deixo tudo nas mãos dele, não quero mexer com o que quis aniquilar-me. Agora posso adormecer sem recear acordar com os dedos presos nas dobras da janela. Despeço-me dele. Vou para o quarto, aperto a minha mãe contra mim debaixo dos lençóis. Alguma vez deixamos de ser uma ilha rodeada dos nossos pais por todos os lados?

O juiz: e assim não parece haver qualquer dúvida de que o pedido deve ser aceite.

O advogado: vai emitir então a ordem de restrição.

O juiz: sim.

O advogado: quando será emitida?

O juiz: calma, doutor. Teremos de questionar a outra parte se tem alguma objecção a fazer ou se deseja interpor algum recurso.

O meu pai: não, Meritíssimo. Como referi anteriormente, estou plenamente de acordo com o pedido feito pela minha mulher.

O advogado: ex-mulher.

O meu pai: pela minha ex-mulher, peço desculpa. Não posso, não mereço, voltar a vê-la. Fiz-lhe demasiado mal. E ao fazer-lhe mal faço-me mal. Não quero esse tipo de sofrimento novamente. Vou libertá-la de mim para tentar libertar-me de mim. Tenho muitas batalhas pela frente.

O juiz: folgo em ouvir as suas palavras, E desejo, com toda a sinceridade, que consiga reabilitar-se. Vejo que no fundo não é um mau homem. É apenas uma pessoa que fez más acções.

O meu pai: grato, Meritíssimo. Muito grato. Peço agora autorização para sair.

O juiz: com certeza. Pode retirar-se. Será notificado em breve da ordem da

qual acabou de tomar conhecimento. Peço-lhe, para o bem de todos, que a cumpra.

O meu pai: cumprirei. Com licença.

A coragem exige desistência? O meu pai, costas curvadas, um desgraçado bêbado, velho, a abandonar a sala do tribunal. O advogado e ele a celebrarem. A minha mãe em casa à espera de um telefonema. Quando o olho assim quero perdoá-lo. Não perdoo. Como acreditei que alguém pudesse magoar tantas vezes sem querer?

Ter um filho é como um fogo posto. Vamos voluntariamente para a dependência final. O meu menino de malas feitas. Vai para uma faculdade do outro lado do país. O meu amigo a chorar no quarto, sozinho, para ninguém o ver. Vamos deixar de o ter aqui. Habitua-mo-nos ao que ele é no nosso dia. Vamos perdê-lo para a vida. A minha mãe a querer mostrar que não lhe custa, a dizer-lhe que tem orgulho no neto, que vai ser muito bom o que ele vai viver. Por baixo das palavras já tem a saudade que todos nós temos. Envelheceu mais uns anos quando soube que isto iria acontecer. O declínio dá-nos por dentro o que nos tira por fora. Que canalhice é esta de ficarmos velhos? Vamos levar o nosso menino, quilómetro a quilómetro, até longe de nós. O carro é um silêncio afundado. Não voltaremos a ser a casa que fomos. Ele virá ao fim-de-semana sempre que puder. Tudo será a correr. Amigos, trabalhos, estudos. Que fundamento tem a vida quando nos vai apagando cada vez mais do que amamos? Nascemos, crescemos, desaparecemos. Dói-me a sensação de que estou a ser amputada minuto a minuto, veia a veia. Será isto o que faz a borboleta voar? A finitude cansa. Não faz sentido sabermos que acabamos. Percorremos a existência a pensar que existimos. No começo era o amor, no final também. Quanto mais crescemos mais entendemos, menos podemos fazer para aproveitar o que entendemos. Em que idade se sabe com clareza que o amor é o único assunto? O tempo perdido fica pousado na parte de trás da cadeira, como um casaco velho. Quando queremos voltar a usá-lo, está rasgado, sujo, cheio de buracos. A maturidade é demasiada arriscada. O meu menino a chorar a despedir-se de nós. Não quero mostrar-lhe que posso ter perdido o que sou. Aceno. Vejo-o entrar na residência. Muitos outros filhos de pais desertos a entrarem, a saírem. Penso em várias formas de me aguentar de pé enquanto me sinto a cair por todos os lados. Quem disse que o grande amor da nossa vida somos nós mesmos nunca teve um filho.

A minha mãe: vai ficar tudo bem.

Eu: vai.

Ele: mas fica um vazio. Nunca pensei que ficasse um vazio tão grande.

Eu: não sei como vai ser acordar sem ter de o acordar, viver sem o ter para viver connosco.

A minha mãe: não sei que casa será a nossa agora.

Eu: mas ele vai ficar bem.

Ele: tinha de ser.

A minha mãe: tenho muito orgulho nele. Todos temos.

Eu: e daqui a poucos dias já está outra vez lá.

A minha mãe: só penso nesses dias.

Ele: não sei se aproveitámos bem enquanto o tivemos. Arrependo-me de ter trabalhado tanto. Dava tudo para poder ir andar de bicicleta com ele, por andar pelo chão a roçar os joelhos com os carrinhos de brincar, por levá-lo ao parque a meio da tarde. Dava tudo para poder deitar ao lixo todo o tempo que podia ser dele e não foi.

Eu: fizemos tudo, demos-lhe tudo, vivemos tudo o que podíamos viver.

Ele: e é tão pouco.

A minha mãe: a vida é pouca.

Eu: já chega deste ambiente fúnebre. Parece que morreu alguém.

Ele: estou a ouvir um telefone a tocar.

A minha mãe: é o meu.

Ele:

Eu:

A minha mãe:

Eu: então não atendes?

A minha mãe: é o teu pai.

Viver é o contrário de compreender. A minha mãe a chorar que nem uma miúda no banco de trás. O telefone tocou, a morte chegou, fria, sem muitas palavras. O meu pai morreu. Sozinho, abandonado, em cima de um cartão sujo no centro da cidade. É suposto resistirmos ao que nos mata? Hoje perdi várias vidas. Fiquei sem o meu filho em todos os dias que vou viver, sem o meu pai para odiar. Nascemos para perder. Vamos a toda a velocidade tratar do morto, da carcaça do morto. Em que momento alguém percebe que para dar um nome a algo assim tem de encontrar uma palavra assim? Morte, morto. Morte, morto. O meu pai morreu. Um dia consigo dizê-lo alto. Abandonei o meu pai. Deixei-o ser de si mesmo. Matei-o. Nunca soube estes anos todos onde estava, o que fazia. Tinha a esperança ingénua de que tivesse conseguido. Imaginava-o muitas vezes numa terra distante, a cuidar de uma quinta, com uma nova família a cuidar de si. Matei o meu pai. Chegámos. O corpo dele encarquilhado, branco, posto numa cama de fim. É provável que depois de hoje não consiga saber para onde foram todos os meus estilhaços. Como regressarei do que me levou de vez?

A minha mãe: está morto. O teu pai está morto, filha.

Eu:

A minha mãe: fui eu. Eu é que o levei para isto. Desde que o impedi de me ver que ficou a morrer.

Eu:

A minha mãe: vamos tratar dele agora. Vamos dar-lhe tudo o que merece, a dignidade toda que merece. Fez-nos tanto mal como bem. No final das contas ficou tudo empatado.

Eu: estava com um aspecto miserável. Como se fica assim?

A minha mãe: será que sinto mais remorsos ou mais tristeza?

Eu: poderia ter feito muito mais, poderia ter tentado muito mais.

Ele: não. Fizeram tudo o que podiam. Deram-lhe tudo o que podiam. Mas ele chegou a um ponto em que tinha de estar sozinho. Seria sozinho que iria entender se conseguia ou não.

A minha mãe: não conseguiu.

Ele: não sabemos. Estamos a ver o final da história e conhecemos parte do começo e do meio. Não sabemos o que fez estes anos todos. Quero acreditar que

teve momentos em que conseguiu ser feliz. Temos de acreditar nisso.

Como se doma um animal morto? Não há mais caminho. Foi. O meu pai foi. A culpa pesa mais do que o frio. Adeus, meu pai. Tenho pena de não te ter amado mais tempo.

Quando é que passamos a querer que a conta da farmácia não fique barata? Todas as semanas gastávamos um balúrdio em medicamentos para a minha mãe. Há duas semanas que não gastamos nada. Foi internada de urgência. Está fechada num hospital, prognóstico reservado. Um dia vou ter saudades das contas semanais, de ir com ela à rua, de me chatear com a teimosia dela. Estou a chegar ao ponto em que tenho saudades do que maldizia. Quando se perde o que se tinha, percebe-se enfim o que se tinha. Onde aprendemos a desvalorizar o que não iremos depois a tempo de aproveitar? Quero a rezinguice da minha mãe. Quero dar-lhe banho, limpar-lhe a pele encarquilhada, abraçá-la ao deitar, ir acordá-la como se houvesse um entusiasmo qualquer à sua espera. Quero o mau feitio da minha mãe. Quero discutir com ela, chorar com ela, dizer-lhe que é insuportável, que não se aguenta mais uma velha assim. Por favor digam-me que as contas da farmácia vão voltar a aumentar, digam-me que tenho de lhe dar uma injeção por dia, ou duas por dia, digam-me que vou levá-la comigo para ela me dar cabo da cabeça outra vez a toda a hora. Vejo-a em silêncio a olhar pela janela impenetrável do hospital, a cidade lá em baixo. Em que pensa quem sabe que vai? Já digo há muito que não tenho respeito pela perda. O meu filho a chegar. Veio do seu trabalho a correr, vem sempre todos os dias do seu trabalho a correr. Estou farta de saber que pensa que é hoje, pensa todos os dias que é hoje. Pode ser hoje. O meu filho a abraçar a avó, a janela com a cidade ao fundo, uma intempérie repentina a bater no vidro. Quem criou o sofrimento quis mesmo fazê-lo bonito?

A minha mãe: obrigada por teres vindo, meu querido.

O meu filho: obrigado por esperares por mim, avó.

A minha mãe: esperei sempre por ti. Desde criança que espero por ti.

O meu filho: obrigado, avó.

A minha mãe:

O meu filho: toma.

A minha mãe: o que é?

O meu filho: aquele livro que estavas a ler antes de vires para aqui. Comprei uma edição especial, com leitura do autor. Assim podes continuar a ler sem teres de te cansar a virar as páginas e a segurar o livro. Vais ter o autor a ler para ti.

A minha mãe: viva o luxo.

O meu filho:

A minha mãe: e como estão as coisas pelo trabalho? Como está a correr a investigação?

O meu filho: muito bem, muito bem. Estou empolgado. Podemos estar a descobrir algo de realmente maravilhoso. A prova disso é que já nos deram mais um subsídio para podermos avançar com mais velocidade, com mais força.

A minha mãe: espero que descubras a cura para a morte a tempo de me salvars.

O meu filho: vou descobrir tudo o que for preciso. Mas tu não precisas de cura para nada. Vais ficar bem.

A minha mãe: nem a tua cara acredita nas tuas palavras.

O meu filho:

A minha mãe: disseste o contrário do que a tua cara disse.

O meu filho:

A minha mãe: és tão lindo. Não sabes mentir. Nunca soubeste. Às vezes fazias uma asneira na escola e quando chegavas a casa bastava olhar para ti e já sabia que alguma coisa tinha acontecido. Nisso és como a tua mãe: não consegues disfarçar o que sentes.

O meu filho:

A minha mãe: não fiques triste com isso. Quando te disserem que isso é um defeito, não lighes. Isso é só inveja dos mentirosos natos. Não saberes mentir é uma das tuas maiores virtudes. E tens muitas. Muitas.

O meu filho:

A minha mãe: o meu netinho. O meu orgulho.

Eu: vou ao bar. Alguém quer alguma coisa?

O meu filho: não, mãe. Obrigado.

A minha mãe: vai lá chorar descansada para um canto qualquer.

Eu:

A minha mãe: Deus te livre de chorares em frente à coitadinha, não é?

Não sei habitar a ausência. Sei progressivamente menos sobre como aguentar. Corro pelo corredor do hospital sem saber para onde, só para longe. A minha mãe está a ir. Encosto-me a uma porta, deslizo, caio no chão, fico no chão. Estou no chão. Não sei como me levantar. Somos sobretudo a maneira como caímos. Será que algum dia conseguirei transformar em alegria a alegria que perdi? Apesar de tudo fomos tão felizes, mãe.

Ele: não tem mal. Não tenhas vergonha.

Eu:

Ele: dá cá a mão.

Eu: ajuda-me a levantar.

Ele: está tudo na mesma?

Eu: sim.

Ele:

Eu: já não passa daquilo. Tu sabes.

Ele:

Eu: perdemo-la.

Ele:

Eu: Ainda não foi mas já a perdemos.

Ele:

Eu: já não a levamos de volta para casa.

Fomos juntas contra a solidão, mãe. Demos as mãos e fomos. Vivemos estes últimos anos a recuperar terreno, a ir à procura do tempo que deixámos antes que nos ultrapassasse. Podemos não ter chegado à meta no primeiro lugar. Estivemos lá perto. Será que colidíamos só para termos uma desculpa para ficarmos mais juntas?

Descobrimos que éramos mais parecidas do que aquilo que pensávamos, que tínhamos casmurrices iguais, por exemplo. Tinha sempre de ter razão. Quando fores vais dar finalmente o braço a torcer?

Como se sabe que já somos velhos? Vamos os dois no nosso carro, a minha mão pousada na mão dele, pousada na minha perna. Uma paz estranha. Estamos só os dois há algum tempo, ou será já há muito? Partilhamos o silêncio em segurança, sabemos os espaços em branco que ambos temos de preencher sozinhos. Estamos a caminho do café de domingo, no sítio de domingo. A manhã vai andar assim. Chegará então o almoço, o nosso menino, a mulher dele, a juventude e os projectos a entrarem-nos pela vida adentro. A idade é um bocado patética. Damos por nós sem paciência e sem vontade para fazermos grande parte do que nos fazia feliz. Temos de procurar uma felicidade mais à mão, uma felicidade preguiçosa, que se adapte ao que podemos dar-lhe. Ganhamos tolerância, perdemos insensatez, começamos a esquecer-nos do que não nos sustenta. Começamos talvez a valorizar o espaço que temos na memória, a livrar-nos de objectos inúteis, de velharias que só os jovens podem ter. Estamos sozinhos há muito mas nunca estivemos solitários. O que dois não querem a solidão não faz. O meu amigo. Ainda é o sorriso dele a desfazer-me violentamente a rotina. Chegámos. Vamos ao café de sempre ver o mar de sempre. A constância das coisas é valiosa, precisamos de referências, de pontos de localização. Aqui estamos nós. Abrimos os jornais, falamos do que aconteceu, do que poderia acontecer, ou do detergente da louça que ficou mais barato, do móvel que ficava bem na entrada. Todos os dias estamos a começar a querer-nos outra vez, como quando nos molhamos com a água das fontes, ou como quando nos enchemos de pasta de dentes em frente ao espelho. Precisamos constantemente do ruído do outro a massacrar os nossos silêncios individuais, da mão do outro a tirar-nos a faca que usamos espetada no peito. Será que algum dia envelhecemos de nós?

O meu filho: recebi agora mesmo um telefonema do Instituto.

Ele: sim?

O meu filho:

Eu: sim?

O meu filho: há novidades interessantes.

Ele: novidades interessantes?

Eu: o que é isso de novidades interessantes?

O meu filho:

Ele: esquece os eufemismos, homem de Deus. Já pareces a tua mãe a querer fazer render o peixe.

Eu: fazer render o peixe? Eu? Tu é que quando tens uma novidade para dar tens de dar a volta ao mundo antes. E três ou quatro vezes.

O meu filho:

Ele: anda. Diz.

O meu filho: sabem aquele prémio que nunca ninguém no nosso país recebeu?

Ele: aquele?

O meu filho: aquele.

Eu: estás a tentar dizer o que eu estou a pensar que estás a tentar dizer?

O meu filho: sim.

Ele:

Eu:

O meu filho: parece que isso de nunca ninguém no nosso país o ter recebido vai deixar de ser verdade.

Ele:

Eu:

O meu filho: e a culpa disso ter acontecido é minha, lamento.

Ele: não acredito. Isso é extraordinário.

Eu: deixa-me abraçar-te. Ou melhor: anda cá tu abraçar-me que és mais novo, vá.

O meu filho:

Ele: parabéns, parabéns.

O meu filho: será que agora já mereço ter uma personagem com o meu nome no teu próximo livro, pá?

Ele: vamos ver, vamos ver. Tenho de avaliar bem isso. Mas posso desde já adiantar que nunca estiveste tão perto de o mereceres.

Gosto de quando estás feliz, meu filho. A alegria que é tua é egoisticamente também minha. Partilhamos um espaço entre o real e o sonho. Amar um filho é uma vertigem? Trabalhaste tanto, mereces tanto. Desde pequeno que era essa a tua paixão. Estudaste, foste para longe, voltaste para cá, continuaste a estudar. Nunca paras de estudar, pois não? Quero acreditar que tenho algum mérito nisso, que da minha vida saiu ao menos um bocado da tua. Olho-te ao fundo da mesa, o mar sem acabar atrás de ti. A tua mulher com o braço à tua roda, ele com vontade de dizer que te ama, que és o menino dele também. Poderia ficar neste aqui para sempre. Vai voar para longe como todos. Só a saudade nunca falha o alvo. Podes sentir-te um herói pela falta que me fazes?

Ele: é ele. É mesmo ele. O nosso menino. O nosso menino a receber o prémio mais importante que a ciência deste país algum dia recebeu?

Eu: é.

Ele: tens noção do que é isto, da dimensão de tudo isto?

Eu: ainda não. Ainda não caí em mim.

Ele: estás distante.

Eu: penso que valeu a pena a cadeia. Valeu a pena a luta. Foi pela luta, foi pela cadeia, que ele começou contigo.

Ele:

Eu: se eu não tivesse sido presa nunca serias o que és para ele, nunca ficariam tão juntos. A cadeia fez-vos pai e filho. A minha prisão fez isto que está a acontecer agora.

Ele:

Eu: e resistiu a isso. O nosso menino resistiu ao meu apelido, à mãe que teve. Foi grande contra mim, apesar de mim.

Ele:

Eu: não deixa de ser irónico ser o primeiro-ministro a dar-lhe este prémio hoje, não te parece?

Ele:

Eu: está tão bonito.

Ele: está com um fato escolhido por mim. Como poderia não estar?

Um filho serve para suspender a velhice. Aplaudo-o no meio de toda esta gente engravatada que o aplaude. Só lhe peço que não se deixe ir na tentação fútil em que eu fui. Há mais ou menos quinze ou vinte invejas por cada cardume de vinte pessoas.

Ninguém no seu juízo perfeito quer ser mãe. Como se aguenta a montanha-russa que passamos a ser? Desde que o meu filho nasceu nunca mais dormi inteira. Falta-me sempre um pedaço. No começo ainda podia apertá-lo, tê-lo a dormir comigo, dizer-lhe ao ouvido que dependo dele para ser eu. Sinto falta do choro dele a meio da noite, de ser eu a acalmar-lhe o pesadelo, de o ter sempre preso a mim, de o acordar com beijos no umbigo para o fazer rir. O que fazer quando um filho nos salta do colo? Quando fores mãe saberás quem és. Até lá és uma pessoa livre. Hoje soube que vou perdê-lo para outro país, para outra missão que só aos grandes é dada. Se quiser que ele seja pequeno até à minha morte serei má pessoa? Vamos passar meses separados, porventura os meus últimos meses, que já não é cedo para morrer segundo as estatísticas. Tenho-o à minha frente. Quero tanto esbofeteá-lo como quero abraçá-lo como nunca. Quero dar-lhe os parabéns e dizer-lhe que é um parvo. Onde é que já se viu trocar-me por um sonho? Está feliz, tem de estar. Vai para onde quer, deixa aqui quem o quer. Diz-me que podemos ir com ele, avisa que se formos não terá muito tempo para nós. Se é para ficarmos sem ele que seja ao longe, para não parecer que é possível, para não pensarmos que podemos quando não podemos. Será o amor o contrário da fobia? Não sabe ainda que é inevitável morrer. Senta-se à nossa frente no sofá da sala, quer contar-nos todos os pormenores do que vai fazer. Quando o ouço já nem estou a ouvir, só a guardar cada segundo da voz dele no ouvido para ter ao que recorrer quando precisar dela. Digo adeus ao sobressalto pacato que era tê-lo por aqui. O meu filho vai para longe outra vez, eu fico outra vez. Quantas despedidas destas aguenta um corpo?

Ele: estou tão triste.

Eu: mas pareceste tão feliz. Ele ficou tão feliz pela tua felicidade, por estares feliz por ele.

Ele: e estou. Estou feliz por ele. Estou tão triste.

Eu: nós vamos lá vê-lo muitas vezes.

Ele: nem ao telefone vou tê-lo. Não vou poder ligar-lhe para lhe falar do livro novo, das dúvidas das personagens, de como está a custar-me encontrar a voz para esta história.

Eu:

Ele: já não vou poder ligar-lhe a meio do dia para saber que está bem, para lhe dizer que preciso de saber o que está a fazer para fazer de conta que estou com ele.

Eu: podes ligar-lhe quando quiseres. Podes continuar a ligar-lhe quando quiseres.

Ele: sabes que não vai atender quase nunca. Sabes que vai estar a trabalhar, feliz, a descobrir como vai continuar o mundo.

Eu:

Ele: não sei como posso integrar o que estou a sentir. Deve ser da idade. Já não tenho espaço para este sentimento. Aperta muito. Asfixia.

Eu: tinhas de ser velho para ficares um piegas.

Ele: não aguento. Tiraram-me a janela para a frente. Só vejo um muro.

Eu: obrigada pela parte que me toca.

Ele: és um muro belíssimo.

Eu: o teu romantismo fica mais fino com a idade. Parabéns.

Ele: desculpa.

Eu: estás desculpado. Estou no mesmo sítio que tu.

Ele: lembras-te de quando te dei aquela fita para o cabelo?

Eu: sim. Porquê?

Ele: porque foi aí que soube que esta vida iria ser toda contigo.

Eu:

Ele: pensei que iria estar contigo às vezes e com o meu marido sempre. Mas acabou por ser assim. Não me queixo.

Eu: gosto de ser o teu plano B.

Ele: e eu o teu.

Será que o fim da tragédia é apenas no fim da vida? Somos felizes com o que temos. Vamos despedir-nos novamente do nosso menino. Vamos ter de moldar o que sentimos ao que podemos sentir. Habituo-nos facilmente à mão que nos ajuda, ao super-poder que é ser amado diariamente. Quando me falta o amor é como se me faltasse. Murmuro ao meu filho que é com tristeza que fico feliz por ele. Ele ri-se alto, quer partilhar com todos. A mulher dele ri-se. Sabe que tem a sorte de continuar a tê-lo. Pergunto-lhe a que horas é o avião, fico a saber a que horas subo mais um degrau da apneia. Se precisares de um penso rápido e de um beijo milagroso procuras-me?

O psiquiatra: o que sente?

Ele: falta.

Eu: anda assim.

Ele: não ando. Estou parado assim.

O psiquiatra: o que lhe dói?

Ele: o sonho. Dói-me o que já não posso sonhar.

Eu: desde que o nosso menino foi para longe que está assim. Nunca deixou de estar assim. Já estivemos lá com ele, já tentámos fazer com que voltasse a acordar. Mas está assim.

Ele: quero acordar. Por ti. Porque te amo. Pela injustiça que é estar assim, que é veres-me assim.

O psiquiatra: não consegue?

Ele: deito-me todos os dias a repreender-me pelo que não fiz, pelo dia que desperdicei a não fazer feliz quem está comigo. Mas depois acordo e tudo é igual. Quero mexer-me e não consigo, quero rir e não consigo. Parece que se desligou uma ficha. Parece que não tenho sonhos em mim.

Eu: o que podemos fazer, doutor? O que podemos fazer?

Ele: faço o que for preciso para voltar a sonhar. Doem-me os sonhos que não tenho.

Pode adoecer-se de tristeza? O médico é experiente e mesmo assim quase chora. O genial escritor deixou de sonhar. Resta-lhe a ternura. Uma epidemia de

escuridão alastrou-se em poucos anos. O meu amigo. Há quanto tempo não o vejo sorrir por dentro? Esparramou-se em lágrimas, deitou-se no colo do médico. Assim enrolado, pequeno, indefeso, parece mesmo o meu filho esmurrado depois de uma sessão de pancadaria no colégio. Pode morrer-se de tristeza?

Deixei de sorrir. Esqueço-me de tudo e ele não me sai da cabeça. Hoje fazes anos. São noventa ou noventa e um, velho? Qualquer motivo é bom para se sofrer melhor. E ainda dizias tu que a Matemática não tinha humanidade. Hoje tenho uma boa desculpa para chorar o dia todo. Ontem estive a treinar o dia todo. Percorri todas as fotografias, juntei-as bem, ficou tudo pronto para nada ficar por doer. Fui a mulher que fui porque foste o homem que foste, o amigo que foste. O meu amigo. Nunca desperdiçámos uma oportunidade para desperdiçar a vida, para nos entregarmos à busca do prazer. Todos querem tanto o prazer e todos fazem tão pouco para o encontrar. Nos nossos aniversários não estávamos com mais ninguém. Queríamos que a nossa idade fosse um objecto íntimo, uma marca registada do nosso segredo. O telefone a tocar. Espera só um bocado, meu velho. Já volto aqui para me matar mais um pouco contigo ao lado. É inesperado que a vida ainda entre por esta casa.

Eu: no hospital?

O meu filho: sim, mãe.

Eu: o que aconteceu?

O meu filho:

Eu: estás bem, meu filho? Estás bem?

O meu filho: muito bem. Posso até nunca ter estado melhor.

Eu: gostava de dizer o mesmo.

O meu filho: não estejas triste, mãe.

Eu: estou como bem quero. Não vejo motivo para não estar.

O meu filho: deixa que isso passa.

Eu: o que aconteceu?

O meu filho: aconteceu.

Eu:

O meu filho: aconteceu.

Eu:

O meu filho: vou ser pai. Depois de tantas tentativas falhadas, depois de tantas querermos e não conseguirmos, vou ser pai.

Eu:

O meu filho: vais ser avó, velhinha chata. Vais ser avó. Até já tenho pena do teu neto só por ser teu neto. Ninguém merece.

Eu:

O meu filho: vais ser avó.

Eu: tens a certeza?

O meu filho: sim. Parece impossível, não é?

Eu:

O meu filho: também pensámos que a porta já se tinha fechado. Pela idade, por todo o historial.

Eu:

O meu filho: mas aconteceu. Estás feliz?

Eu: muito. Sei o que é que te aconteceu. Sei que acabaste de saber que vais ter direito a outra vida.

O meu filho: e olha que esta vida já tem algum tempo. Nunca pensámos que fosse isto e nunca ligámos muito ao que ela ia sentindo.

Eu: já tem algum tempo?

O meu filho: sim.

Eu:

O meu filho: tanto tempo que já dá para saber algo que todos têm muita curiosidade em saber. Até se fazem apostas sobre isso e tudo.

Eu: menina ou menina?

O meu filho: isso.

Eu:

O meu filho: vou deixar passar algum tempo em silêncio só para dar algum toque de dramatismo à revelação.

Eu: poderias ser cineasta. Pensa nisso.

O meu filho: eh lá: a velhinha ainda sabe ser sarcástica. Fico feliz por saber disso. Seja bem-regressada.

Eu:

O meu filho:

Eu:

O meu filho: está bem. Eu digo.

Eu:

O meu filho:

Eu:

O meu filho: só mais uns segundos.

Eu: vou contar até três. Depois desligo a chamada e ligo a um contacto que tenho aí no hospital para ele me contar tudo.

O meu filho: sempre a mesma impaciente.

Eu:

O meu filho: menino.

Eu: menino?

O meu filho: um menino.

Eu:

O meu filho: já tem nome.

Eu:

O meu filho: Pedro, como o avô.

Deixei de sorrir.

Sorriso.

O que dói mais nem é o cheiro a merda pela casa. Não é também mudar-te as fraldas várias vezes ao dia, saber que te falo e que pouco consegues dizer. O que dói mais não é recordar a pessoa que já foste, as coisas que sabias, tudo o que todos os dias me ensinavas. Não é ainda a lembrança da maneira como me deitavas a cabeça no peito e me enfiavas os dedos longos, de escritor, no meio do cabelo. O pior é não ter com quem ler. Investimos tudo o que tínhamos nesta biblioteca e agora não tenho com quem debater o que leio, não tenho quem me diga que não sei ler, que o que o autor queria transmitir era o contrário do que eu tenho a certeza de que era. Vivo sem tudo menos sem os teus livros nos meus. Passo o tempo a falar sozinha para ti. Contento-me com um aceno às vezes, com uma discordância rara, um abanar de cabeça quase impossível. Mas chega-me. Ainda me chegas, meu velhinho. O meu amigo. Pego-o ao colo, aconchego-o junto ao ombro, levo-o para o quarto, subo as escadas. Quem disse que não é o príncipe que é levado ao colo pela princesa? O corpo dele mais leve a cada vez que o pego. Dou-lhe comida como posso. Com uma colher pequena, do meu filho. Nem o meu filho o trouxe de volta. Veio para aqui, pediu dois meses de licença. Já não conseguiu o que já ninguém conseguia. O corpo dele aninhado debaixo dos lençóis, cada osso à vista sob a pele. Pego no livro que mais vezes leu na sua vida, o que disse sempre que nunca pararia de ler. Leio-lhe frase a frase, devagar, repito algumas quando ele mo pede com o gesto fraco de dois dedos ou três a levantarem-se. Às vezes chora no final de um momento mais triste. Ainda é, ainda está. Para já contento-me com isso. Aquilo que vejo a querer sair dele é uma criança?

O meu filho: já adormeceu, mãe?

Eu: ainda não. Estou a ler-lhe mais umas páginas.

O meu filho: e não adormece, não é? Nunca conseguiu largar um livro a meio. Há coisas que nunca mudam.

Eu: mas podes ir dormir. Vai, não deixes a tua mulher sozinha. É importante que descansem. Vão.

O meu filho: tens a certeza?

Eu: sim.

O meu filho: não vão precisar de mais nada?

Eu: não. Estou bem. Estamos bem, filho.

O meu filho: está bem. Já vais deitar-te?

Eu: sim. Só vou tratar de mim, vestir o pijama e deito-me.

O meu filho: até amanhã, mãe.

Eu: até amanhã, meu filho.

Ainda há amor neste mundo. É por ele que luto. Tudo o que fiz foi por amor. Tudo o que deixei de fazer foi por amor. Dispo-me como posso, lavo os dentes, as mãos, deito-me junto a ele. O corpo frio, esquelético. Antigamente eras tu quem me aquecia. Lembras-te de quando decidimos que não tinha mal nenhum dormirmos juntos? Lembras-te de quando dissemos que não fazia sentido estarmos distantes a noite toda só porque não éramos marido e mulher? Ajeito a fotografia da *Saudade*

na tua mesinha-de-cabeceira. Só nós para termos a fotografia de uma cadela junto à cama. Porque têm as pessoas de voltar tantas vezes ao fim?

Eu: já estamos só os dois outra vez, meu velho.

Ele:

Eu: nunca deixámos de estar só os dois, não foi?

Ele:

Eu: passaram tantas pessoas por nós, poucas ficaram. Foram mais de vinte mil dias juntos, fiz no outro dia as contas.

Ele:

Eu: o que é?

Ele:

Eu: que gesto é esse? O que estás a pedir? Diz. Tenta dizer.

Ele: bei.

Eu:

Ele: jo.

Viro-o para mim. Olho-o nos olhos. Estão abertos, bem abertos. Passo a parte de trás da mão junto aos olhos, limpo-lhe as lágrimas que não param de cair. Choro com ele. Chego a minha boca à dele. A pele arrepia-se para o ver chegar. Pela primeira vez sei a que sabem os lábios de quem se ama.